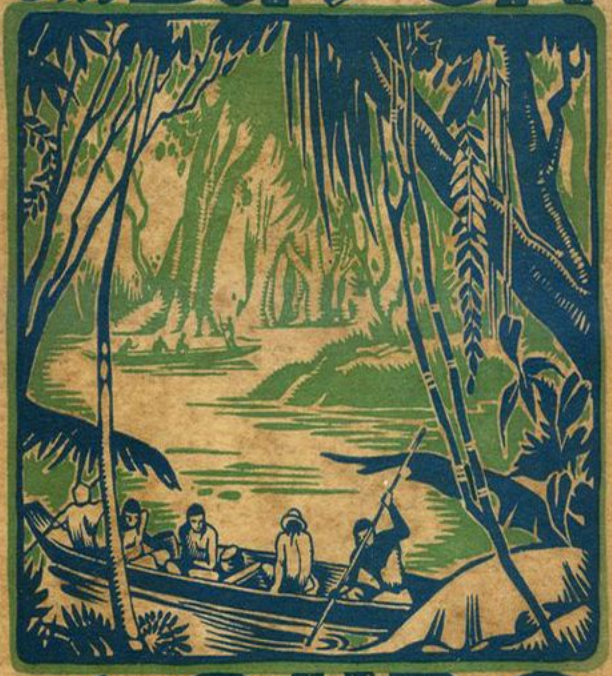
AURELIO PINHEIRO

Em BUSCA do OURO



ROMANCE AMAZONICO

EDITORA • S.A. A NOITE • RIO DE JANEIRO

SEC
395921
-132-

VIAGENS NA NOSSA TERRA

De
NERY
CAMELLO

(Impressões do "hinterland" nordestino).

É este o titulo do novo livro da autoria do jornalista Nery Camello.

O folklorista de "Alma do Nordeste", observador arguto e patriota exaltado, percorreu cerca de trezentos municipios sertanejos, numa paciente excursão, desde o Maranhão ao Rio de Janeiro.

"Viagens na Nossa Terra" encerra o resumo das impressões colhidas nessa longa jornada de penetração pelo "hinterland". Trata-se de um trabalho realmente curioso e que interessa a todos os brasileiros que desejam conhecer o interior deste immenso e opulento paiz.

— Um conjunto de maravilhas de todo o sertão nordestino.

— Uma obra documentada com os mais expressivos flagrantes photographicos.

AURELIO PINHEIRO

EM BUSCA DO OURO

(ROMANCE AMAZONICO)

Êste romance teve primitivamente o nome de O Ouro do Secunduri.

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

A NOITE
EDITORA

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Rio de Janeiro
1 9 3 8

B869.3
P654e

LIVROS DO AUTOR

O DESTERRO DE HUMBERTO SARAIVA — (Romance) — Premiado pela Academia Brasileira de Letras — (Exgottado). - 1926

GLEBA TUMULTUARIA — Contos — (Exgottado). 1927

MACAU — Romance — (Exgottado).

Á MARGEM DO AMAZONAS (Serie "Brasiliana" da Companhia Editora Nacional).

EM BUSCA DO OURO (Romance Amazonico). - 1931

A PUBLICAR

PAGINA DA VIDA (Contos).

DIARIO DE UM MEDICO

SCENARIOS BRASILEIROS

EM BUSCA DO OURO

824

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 01824
Folha:
Data:

I

Da igreja de São Sebastião, num reluzente domingo de Outubro, sahiam grupos de homens e senhoras, falando, alisando as dobras das roupas, retomando attitudes de elegancia. Dispersavam-se, atravessavam a praça, ou seguiam pela rua 10 de Julho, renteando a muralha do Theatro Amazonas, aguardando aqui e alli, em torno dos postes, o bonde do **Plano Inclinado**.

Na larga calçada do templo ficou apenas um moço alto, moreno, de grandes olhos escuros. Alli esteve um momento, desceu os degráos, estacou junto aos trilhos do bonde, indeciso, a olhar os grupos que se afastavam. Mas, numa brusca resolução, varou a praça, contornou o monumento e rumou para a rua Costa Azevedo, lento, aprumado, pensativo.

Esse moço alto e moreno era Luiz Negreiros. O seu grande corpo movia-se num vagar

compassado, e na sua physionomia notava-se a pertinaz preoccupação que o atormentava desde o dia anterior, quando recebeu — de um amigo que andava pelas terras do Aripuanã — uma carta surprehendente, em cinco folhas de papel. Essa missiva estonteante, cheia de bom humor e de clareza geometrica, narrava-lhe um facto que ultrapassava toda phantasia.

Era nessa carta, na emocionante revelação desse amigo, que Luiz Negreiros scismava rua afóra, impressionado, relembrando todos os incidentes da sua vida até esse culminante momento.

Caminhava e pensava. José Belmonte — o amigo que lhe mandava essas linhas espantosas — era seu companheiro, seu intimo, desde a aula primaria do velho Seminario de Olinda. Cresceram juntos, viveram juntos durante toda a infancia e toda a adolescencia. Depois, na mocidade, separaram-se por algum tempo. José Belmonte partira para o Amazonas logo depois de ter recebido a carta de Engenheiro Civil. Alli ficou, trabalhando, vivendo fartamente, amando o Valle prodigo. Um anno mais tarde escrevia a elle, Negreiros, chamando-o, attrahindo-o, numa carta de onde brotava a mais deliciosa promessa de abun-

dancia e o mais transbordante louvor á terra que o acolhera.

Alvoroçou-o o convite magnifico. O seu triste diploma de Agronomo fôra até então um entrave e um desgosto. No interior de Pernambuco, onde vivia, essa malfadada profissão nem ao menos lhe dava uma simples gerencia de Usina. Passava os dias, os seus vasios dias de Agronomo, visitando Engenhos e explicando, entre sorrisos de desconfiança dos matutos e arrogancias de ricaços, — os sumptuosos processos da fabricação do assucar na Ilha de Cuba.

Mas, o maior tormento era a parentela, uma parentela immensa, temerosa, que o acolhia sorrindo e criticava aos cochichos, de casa em casa, a desgraçada inutilidade da sua carta profissional. Depois, certa vez, o chefe politico da cidade, compadecido da sua miseravel estagnação rural, offereceu-lhe paternalmente o logar de Procurador da Intendencia, com cento e cincoenta mil réis de ordenado. Recusou com orgulho o vil emprego. O chefe politico jurou vingar-se da affronta; os parentes escandalisaram-se com a recusa; adquiriu inimigos, e todo o mundo queria saber qual era a incompatibilidade entre a Agronomia e o cargo municipal!

Luiz Negreiros odiou furiosamente a parentela, o chefe politico, a Intendencia, a Procuradoria. Refugiou-se no seu quarto onde leu, rosnando de odio, a Revolução Franceza e o Positivismo.

Foi nesse periodo de clausura, de furor e de livros rancorosamente folheados, que recebeu a carta do Amazonas. E foi com desabalada alegria que acceitou logo o convite, e partiu com o enthusiasmo delirante de quem escapa a um degredo.

Ao pisar as pranchas do "Rosaway", cahiu nos braços curtos e gordos de José Belmonte, que o acolheu, que o agasalhou no seu aposento, todo cheio de commiseração ao saber do infortunio do companheiro nos ingratos sertões de Pernambuco.

Um mez depois, Luiz Negreiros começava a trabalhar, a receber o preço do seu trabalho, a viver, emfim, dentro de uma grande, illimitada esperança.

Dois annos depois, apesar do conforto em que vivia, apesar do esbanjamento, dos calotes e de uma ruidosa viagem a Paris — possuia trinta contos, seguras amisades e um noivado incipiente que promettia leval-o á politica atravez do sogro.

Mas ao fim desse segundo anno profissional e feliz, vieram-lhe insidiosamente certas idéas, de estranha, sombria ambição.

Foi nos **campos geraes** do Rio Branco que essas idéas o empolgaram desvairadamente. Havia terminado o levantamento topographico de uma Fazenda no rio Uraricoera, e desejando conhecer os costumes daquellas terras de montes e **lavrados**, tão differentes dos de todas as outras do valle amazonico, internou-se pelos campos, de Fazenda em Fazenda, deslumbrado, ao trote do seu cavallo.

Ora, uma tarde, justamente quando pretendia terminar a encantadora peregrinação, Luiz Negreiros apeou-se no **Teso do Ouro**, um outeiro baixo e nú, erguido no meio do **lavrado**. Junto ao outeiro havia uma cova lugubre, escura, impressionante, de cincoenta metros quadrados, guardando no fundo uma pouca dagua que tremeluzia á escassa luz do crepusculo.

Soube, então, nesse momento, a singular historia do **Teso**. Dalli, daquella cova soturna, sahira, havia mais de um seculo, muito ouro, ouro em pepitas, que os indios da grande tribu dos Macuxys iam vender aos portuguezes no Forte de São Joaquim, á fóz do rio Tacutú. Mas, um dia, no inverno, quando a cova trans-

bordava, o **Tucháua** da tribu morreu afogado na agua torva. E desde esse tempo a sua alma vagava naquelle ermo, gemendo, uivando de desesperada agonia, assombrando os viajantes, apparecendo no **Teso** todas as noites, embuçada e soluçante.

O Agronomo pensou que poderia haver alguma verdade na estranha narrativa. O **Teso do Ouro** parecia um vago desdobramento dos contrafortes que apoiam o systema orographico **Parima-Goyano,** cujo dorso azulado surgia numa distancia de trinta leguas, limitando ao Norte, como soberba muralha, a monstruosa planicie amazonica. E todos sabiam que nas regiões revoltas desses contrafortes, quer nas terras brasileiras, quer nas da Guyana Ingleza e da Venezuela, existia o ouro de alluvião — ouro abundante e purissimo que allucinava os garimpeiros e os levava a enfrentar o sólo accidentado e o furor dos selvagens.

Pensou e duvidou de que alli, aos seus pés, ao seu alcance, estivesse a fortuna. Não acreditou na existencia do ouro, e muito menos na alma attribulada do **Tucháua**. E como desejasse demonstrar a descrença e exhibir a coragem pernambucana, improvisou uma bateia, desceu ao poço medonho. Lavou um

pouco de terra, sorriu, zombou da estupefacção dos vaqueiros que o acompanhavam. Mas, ao fazer a quinta lavagem, num recanto lobrego da cova, — viu no fundo da bateia uma cousa que brilhava! Retirou-a, apalpou-a, abalado, como se recebesse no peito um choque formidavel.

E viu, á luz quasi extincta do dia! Era uma linda, maravilhosa pepita do mais puro ouro que jamais vira em toda a vida! Pesava talvez dez grammas e tinha a forma de uma folha de avenca!

Quiz proseguir na exploração, impressionado, arrastado num sonho delirante. Indagou; soube que o **Teso do Ouro** pertencia a um Fazendeiro do rio Uraricoera, o Major Antonio Fernandes, homem de meia idade, filho da região, com uma extensa fama de honestidade e valentia.

Luiz Negreiros foi á casa do Fazendeiro, logo na manhã seguinte. Antonio Fernandes recebeu-o no alpendre, e alli mesmo, quando o Agronomo explicou a causa da visita e propoz a exploração da cova, elle teve uma negativa feroz:

— Não, doutor! Nunca! Nem que eu soubesse que todo o ouro do mundo estava alli, guardado para mim. Nunca!

Elle fitava espantado o Fazendeiro:

— Mas, senhor, por que? Uma cousa tão facil... Tão simples!

Antonio Fernandes mantinha o aspecto aspero, e explicava a recusa:

— O Teso do Ouro é mal assombrado. Eu já vi uma noite a alma do **Tucháua**; já ouvi os gemidos. Deus me livre!

Luiz Negreiros, entretanto, insistia:

— Mas eu quero apenas o seu consentimento. Assumo toda a responsabilidade; faço todas as despezas; dividiremos os lucros.

O Fazendeiro franzia o rosto, enfadado:

— Já lhe disse. Não!

— Compro o Teso do Ouro. Diga quanto quer por elle.

— Não. Não vendo.

— Compro o Fazenda, o gado, a casa.

Sombrio, prestes a explodir, Antonio Fernandes encarava o Agronomo:

— Faça-me um favor: mude de assumpto. Isso até parece abuso!

Elle sentiu acerbamente a dureza e a precisão da resposta. Era impossivel demover aquelle sertanejo supersticioso. Apertou-lhe a mão, montou, partiu, indignado.

Dias depois embarcava para Manaos numa lancha de gado, e só ahi, no seu quar-

to, em frente a José Belmonte, desafogou a colera, o desgosto, o odio áquelle Fazendeiro selvagem que via phantasmas no Teso.

Mas, desde essa pepita, tomou-o a idéa de procurar os minerios do Valle. E não descançou: foi ao alto Rio Negro, ás cabeceiras do Urubú, ao Atumã, a todos os rios onde houvesse a probabilidade de uma simples mina, mesmo de cobre. Nesse intrepido afan exgottou grande parte das economias, apanhou umas febres terriveis e viu desfeito o noivado.

Comtudo, persistiu, continuou nas pesquizas, obcecado, com a permanente esperança de encontrar um dia, num leito de torrente ou numa aba de serra, um substituto do Teso do Ouro.

Começou a estudar Mineralogia, a encher os bolsos e o quarto de pedrinhas exquisitas que mostrava a José Belmonte, explicando a origem, a formação, a constituição chimica de todas ellas, em longas, eruditas palestras, noite afóra. José Belmonte sorria, incredulo, bocejando, torcendo-se na cadeira, como se aquellas pedras todas — brancas, pretas, redondas, brilhantes, opacas, — tentassem penetrar no seu cerebro que ardia contundido. Por isso, sorria penosamente, os olhos turvos de somno. Guardava o infernal pedregulho e

atirava-o alta noite nuns gatos obscenos que miavam na rua.

Após muitos mezes de estudos, de pedras accumuladas e de espantosas viagens, Luiz Negreiros, cançado, abatido, cheio de decepções — socegou, desanimou e teve momentos em que odiava a terra que, com evidente maldade, escondia as suas riquezas.

Passou, então, por uma phase de horrenda melancolia, mudo, isolado, a desejar a solidão dos desertos.

Foi nesse periodo de esmorecimento e amarguras, que José Belmonte teve piedade de sua desillusão. Interessou-se por aquelle trabalho capricho, estudou tambem, procurou tambem por todo o Amazonas esse ouro perfido. Mas, José Belmonte era frio, insensivel, incapaz de enthusiasmos e de sonhos, vivendo uma vida facil dentro de um bom humor inalteravel.

Talvez por isso jámais encontrou nas suas pesquizas qualquer cousa que se parecesse com ouro. Era tudo desengano, fadiga e barro imprestavel!

Agora, porém, nessa viagem ao Aripuanã, aonde fôra por motivos profissionaes, teve uma arrebatadora surpreza, que revelou a Luiz Negreiros numa carta que refulgia, que resplandecia de emoção!

II

Luiz Negreiros fechava o **Compendio de Mineralogia**, de Lapparent, quando o relogio, sobre a mesa de estudos, marcava as onze horas.

Ergueu-se da cadeira, foi á janella, percorreu com os olhos fatigados a escura tristeza da noite.

Do seu aposento, no andar superior de um velho sobrado á rua Marquez de Santa Cruz — onde tambem residia José Belmonte — via-se a Praça Tamandaré, ao lado, rodeada de arvores,ostentando, sobre o pedestal de marmore a estatua de Tenreiro Aranha, de pé, cingindo uma espada curta, sobranceiro e gigantesco. Ao nascente a rua prolongava-se, deserta e larga, renteando o caes. Ao poente appareciam o edificio da Alfandega, o gradil de ferro do **Roadway**, uma nesga da Praça da Matriz. E em frente á janella, onde Luiz Ne-

greiros scismava e fumava, surgia o Rio Negro, amplo, sereno, sombrio, marchetado aqui e alli pelos fócos electricos do **fluctuante** e pelos pharóes das embarcações fundeadas.

A negrura da noite e a funda tranquillidade do rio pareciam contrapor-se á excessiva vibração dos seus nervos. Deixou a janella e a contemplação, estacou ante a mesa de estudos, novamente derreou o grande corpo na cadeira, e começou a pensar na empolgante revelação que lhe fazia o Engenheiro.

Conhecera, logo no começo da sua profissão de Agronomo e da sua vida no Amazonas, o rio de onde chegava tão extraordinaria noticia: esse **Aripuanã** que se celebrisara, então, pela serie terrivel dos crimes que assignalavam os seus opulentos seringaes.

Nesse tempo não fôra ainda attingido pelo desejo de descobrir os minerios occultos no sólo. Não pensava em minas de ouro; não tinha cuidados; não tinha ambições, e atravessava a mocidade com independencia e alegria.

Recordava-se vivamente desse rio por onde andou, havia mais de dois annos, e dos motivos por que lá fôra. Uma tarde, na Avenida, José Belmonte tomou-lhe o braço e levou-o para um Café. O salão estava cheio.

Advogados, medicos, negociantes, corretores, politicos, espalhavam-se pelas mesinhas de marmore, bebendo, discutindo, acertando negocios, assignando alli mesmo graves documentos.

José Belmonte procurava uma dessas mesinhas. Descobriu-a; sentaram-se, pediram gelados. E immediatamente o Engenheiro perguntou, com o ar fatigado de quem trabalhou o dia inteiro:

— Você quer demarcar umas terras no Aripuanã? Recebi agora mesmo a proposta; mas não posso ir; não posso deixar Manáos durante um mez pelo menos. Você está folgado. Quer?

Elle erguia o copo e indagava:

— Conforme. Aonde fica esse rio? Que tempo levarei na demarcação? As condições?

O Engenheiro respondia presto:

— O Aripuanã é affluente do Madeira. Uns cinco dias daqui á foz. Mas o seringal é no alto rio. Poderá fazer a demarcação, ir e voltar, em dois mezes mais ou menos. O contracto é de dez contos de réis; as despezas todas por conta do dono das terras. E' bom negocio. Quer?

José Belmonte era de uma clareza e de uma segurança exactissimas em todas as cousas. Elle resolveu rapidamente:

— Acceito.

Pagou os gelados. O seu amigo levantou-se, caminhou para a Avenida. Na porta do Café, concluiu:

— Muito bem. Então, amanhã cedo vou apresental-o ao dono do seringal. Até á noite, em casa do Pedro.

Apertou-lhe a mão, atravessou a Avenida, seguiu em direcção á rua Henrique Martins, apressado, satisfeito, o corpinho gordo e teso deslisando nas calçadas.

*
* *

Luiz Negreiros continuava nas suas recordações.

O Aripuanã, que elle viu apenas dessa vez, é um dos maiores ou talvez o maior dos affluentes do rio Madeira: largo, profundo, encachoeirado, riquissimo em borracha e cáucho, perigoso em todos os sentidos — desde as febres palustres até ao homem que o habita, ignorante e perverso, vindo do nordeste brasileiro e atirado para alli como um residuo

humano desamparado pelos governos, obrigado a lutar contra a propria natureza, e reagir ainda, contra os nefastos preconceitos regionalistas que vivem a desagregar o paiz.

Tal é em synthese o rio, como elemento economico e social. Quanto á estructura das suas terras, offerece aspectos que merecem a visão demorada de um naturalista. O alto Aripuanã, o alto Sucundury, o alto Gy-paraná — as cabeceiras todas desses rios que desaguam na margem direita do Madeira, se encontram nos ultimos desdobramentos do planalto Mattogrossense.

Ha uma veridica, inconfundivel differença geologica entre esse fim de planalto e o baixo Madeira, num espaço de dois gráus apenas. Ao passo que nesse término do massiço de Matto Grosso se observam os traços do periodo paleozoico; no outro, se nota essa feição de toda a planicie atravessando o periodo quaternario, com as suas camadas de alluvião compostas de argilla, de residuos de mica e de arenitos, dissolvendo-se e reconstruindo-se sob a acção das correntes fluviaes.

Luiz Negreiros coordenava pensativamente as suas recordações, e scismava no impressionante contraste das duas terras, — uma, talvez a mais velha de todo o Planeta, talvez

já habitada ha centenas de seculos, talvez tendo abrigado grandes raças e grandes civilisações. A outra — como affirmava Euclydes da Cunha — certamente a mais nova do mundo, ainda indecisa, ainda sob activas transformações, ainda com os pavores das **terras cahidas** e das ilhas transitorias.

Na verdade, milhares, milhões de seculos separavam essas terras que se defrontam! Ainda não haviam corrido as aguas do Amazonas e de todos os seus tributarios; ainda do **Telhado do Mundo**, no pico andino de Vilcanota, onde nasce o Grande Rio, não descera o primeiro fio dagua; ainda todo o Valle era um deserto lacustre e horrendo povoado de monstros — e já o massiço de Matto Grosso ostentava a sua crôsta millenaria.

Nesse tempo, no tempo em que analysou ligeiramente essas terras do Aripuanã, desejou simplesmente interessar-se pelo estranho contraste geologico.

Demarcou o seringal, apressado, assombrado com o impaludismo, com as feridas bravas, com a selvageria dos seringueiros. Demarcou a propriedade, baixou no primeiro **gaiola**, com uma alegria immensa e uma carta de ordem de dez contos de réis.

*
* *

Recostado na enorme poltrona, insomne, lembrava-se dos tragicos episodios das suas viagens em busca do ouro que o fascinara. Escapou de ser assassinado no alto Rio Negro por um sergipano desalmado, sombriamente enciumado da mulher, uma cabocla cynica que o enganava com todo o destacamento do exercito. Foi atacado pelos indios **Mastanáuas**, no rio Jordão, quando descobriu um veio de lignite á flor da terra. Levou uma flechada na perna e passou um mez em tratamento num barracão de seringal, onde foi roubado indignamente. Uma surucucú medonha picou-lhe o pé direito, nas cachoeiras do Abunã. Tres vezes naufragou; perdeu o relogio e a bussola; e marchou certa vez completamente nú, cinco dias seguidos, entre milhares de mutucas e piúns, perdido nas mattas do Atumã.

E foi em vão todo esse desgraçado supplicio! Jamais viu outra pepita como a do Teso do Ouro; jamais encontrou em toda a planicie um grão, um simples grão desse ouro que o enlouqueceu e o levou a deixar a profissão de Agronomo, tão rendosa, por essa outra de garimpeiro ludibriado.

Agora, quando se livrara da perigosa mania, quando tinha promettido a si proprio e aos amigos nunca mais pensar siquer nessas minas que o arruinaram — vinha-lhe essa noticia atordoante, enviada pelo seu melhor amigo.

O relogio marcava uma hora da noite. Pelo aposento perpassava, leve e fina, a aragem que vinha do Rio Negro. E sob o socego da noite alta elle relia a carta maravilhosa, que dentro da vulgaridade de cinco folhas de papel ordinario, continha mais luz e mais irradiação do que o sól no equinoccio do outomno!

*
* *

"Aripuanã (Novo Destino).

Meu querido Luiz:

Esta carta vae levar-lhe uma estupenda revelação.

Esteja, pois, bem avisado, e se puder vá desde logo dominando o systema nervoso, para que o mesmo não arrebente de assombro! Por isso, porque desejo evitar uma commoção fatal, resolvi deixar para o fim, na ultima folha do papel, o remate de uma aventura que só

se encontra nos grandes dramas. Pelo menos, eu só tenho visto casos como este nos dramas e nos romances do tempo antigo. Só!

Mas, chega de advertencia para os seus nervos. Vou desenrolar essa sublime historia com a possivel precisão — precisão de Engenheiro Civil que não entende de romances, e tem vivido até hoje dentro de calculos e de negocios.

Este seringal que acabo de demarcar — **Novo Destino** — pertence ao meu amigo João Prudencio, e é o ultimo do Aripuanã, no alto rio, quasi innavegavel, quasi desconhecido. Só a temeridade, o heroismo e a furiosa ambição do Prudencio, seriam capazes de desbravar e povoar este deserto.

Entretanto, isto por aqui é tão fabulosamente rico que desejei ir mais longe que o Prudencio, ao fim do rio, ás cabeceiras, para ver até onde iria a desconforme riqueza. Tive esse desejo! Você ha de pensar que isso é de doido; mas não: o que eu desejava era simples — era possuir um seringal aqui, porque nunca vi, nunca mais verei, tantas seringueiras juntas. Não ha idéa mais honesta e mais logica do que a minha; e o Prudencio ficou maravilhado com ella. Só um santo, um verdadeiro santo, dos que comiam gafanho-

tos, não desejaria ser dono de seringal no Aripuanã.

Com esse claro modo de pensar, tentei a assombrosa viagem. Preparei uma **montaria,** contractei trez homens, pedi a Deus paciencia e estupidez — e parti rio acima!

Depois de quinze dias de viagem o rio se vae tornando intransponivel: estreita-se, comprime-se entre altos barrancos, rojando, espumando com furia. Ha trechos de oito, dez metros de largura, onde a agua desemboca em corredeiras pavorosas. As cachoeiras succedem-se de maneira irritante, e muitas vezes logo após termos transposto uma dellas, extenuados, quebrados de fadiga, deparava-se-nos outra, adiante, a cem metros, estrondando, bramindo, desesperada.

Toda a terra é accidentada, como se alli houvesse passado um cataclysma. A floresta modifica-se; é velha, monumental, com exemplares que espantam pelas dimensões. São raros os arbustos, e mais raros ainda os cipós. Caminha-se entre as arvores com segurança, com facilidade, por um sólo mais limpo que o do Bosque Municipal. Devia ser assim — folgada e amavel —a floresta onde Adão e Eva se conheceram e onde começaram a povoar o mundo.

Tive desejos de morar nessa matta admiravel; e tive mesmo inveja de um respeitavel casal de macacos Coatás que passeiavam uma tarde, serenamente, em torno de uma castanheira, partindo ouriços com uma gravidade quasi humana. Não fosse a fome, fome cruel de doze horas, e eu não teria morto com o meu rifle um desses animaes, justamente o marido! E' incrivel! Dóe-me a consciencia quando penso nesse crime.

Era impossivel proseguirmos. Um dos meus homens adoeceu de febres. A caça rarissima, porque mal devia chegar para as onças que andavam aos bandos por alli. Matámos trez dellas em vinte dias! A caça unica era o macaco: o macaco porque é sagaz e porque vive trepado. O nosso estomago, porém, já não supportava mais essa alimentação de quadrumanos; e eu tinha a perfeita sensação de que me tornava antropophago almoçando e jantando todos os dias esses pobres entes, quasi meus irmãos.

Resolvi, pois, descer.

Desci! E aqui, meu querido Luiz, começa o assumpto essencial, real, prodigioso, desta carta que lhe escrevo com a mais radiosa emoção que já tive na minha vida!

tos, não desejaria ser dono de seringal no Aripuanã.

Com esse claro modo de pensar, tentei a assombrosa viagem. Preparei uma **montaria,** contractei trez homens, pedi a Deus paciencia e estupidez — e parti rio acima!

Depois de quinze dias de viagem o rio se vae tornando intransponivel: estreita-se, comprime-se entre altos barrancos, rojando, espumando com furia. Ha trechos de oito, dez metros de largura, onde a agua desemboca em corredeiras pavorosas. As cachoeiras succedem-se de maneira irritante, e muitas vezes logo após termos transposto uma dellas, extenuados, quebrados de fadiga, deparava-se-nos outra, adiante, a cem metros, estrondando, bramindo, desesperada.

Toda a terra é accidentada, como se alli houvesse passado um cataclysma. A floresta modifica-se; é velha, monumental, com exemplares que espantam pelas dimensões. São raros os arbustos, e mais raros ainda os cipós. Caminha-se entre as arvores com segurança, com facilidade, por um sólo mais limpo que o do Bosque Municipal. Devia ser assim — folgada e amavel —a floresta onde Adão e Eva se conheceram e onde começaram a povoar o mundo.

Tive desejos de morar nessa matta admiravel; e tive mesmo inveja de um respeitavel casal de macacos Coatás que passeiavam uma tarde, serenamente, em torno de uma castanheira, partindo ouriços com uma gravidade quasi humana. Não fosse a fome, fome cruel de doze horas, e eu não teria morto com o meu rifle um desses animaes, justamente o marido! E' incrivel! Dóe-me a consciencia quando penso nesse crime.

Era impossivel proseguirmos. Um dos meus homens adoeceu de febres. A caça rarissima, porque mal devia chegar para as onças que andavam aos bandos por alli. Matámos trez dellas em vinte dias! A caça unica era o macaco: o macaco porque é sagaz e porque vive trepado. O nosso estomago, porém, já não supportava mais essa alimentação de quadrumanos; e eu tinha a perfeita sensação de que me tornava antropophago almoçando e jantando todos os dias esses pobres entes, quasi meus irmãos.

Resolvi, pois, descer.

Desci! E aqui, meu querido Luiz, começa o assumpto essencial, real, prodigioso, desta carta que lhe escrevo com a mais radiosa emoção que já tive na minha vida!

Tive desejos de morar nessa matta admiravel; e tive mesmo inveja de um respeitavel casal de macacos Coatás que passeiavam uma tarde, serenamente, em torno de uma castanheira, partindo ouriços com uma gravidade quasi humana. Não fosse a fome, fome cruel de doze horas, e eu não teria morto com o meu rifle um desses animaes, justamente o marido! E' incrivel! Dóe-me a consciencia quando penso nesse crime.

Era impossivel proseguirmos. Um dos meus homens adoeceu de febres. A caça rarissima, porque mal devia chegar para as onças que andavam aos bandos por alli. Matámos trez dellas em vinte dias! A caça unica era o macaco: o macaco porque é sagaz e porque vive trepado. O nosso estomago, porém, já não supportava mais essa alimentação de quadrumanos; e eu tinha a perfeita sensação de que me tornava antropophago almoçando e jantando todos os dias esses pobres entes, quasi meus irmãos.

Resolvi, pois, descer.

Desci! E aqui, meu querido Luiz, começa o assumpto essencial, real, prodigioso, desta carta que lhe escrevo com a mais radiosa emoção que já tive na minha vida!

tos, não desejaria ser dono de seringal no Aripuanã.

Com esse claro modo de pensar, tentei a assombrosa viagem. Preparei uma **montaria,** contractei trez homens, pedi a Deus paciencia e estupidez — e parti rio acima!

Depois de quinze dias de viagem o rio se vae tornando intransponivel: estreita-se, comprime-se entre altos barrancos, rojando, espumando com furia. Ha trechos de oito, dez metros de largura, onde a agua desemboca em corredeiras pavorosas. As cachoeiras succedem-se de maneira irritante, e muitas vezes logo após termos transposto uma dellas, extenuados, quebrados de fadiga, deparava-se-nos outra, adiante, a cem metros, estrondando, bramindo, desesperada.

Toda a terra é accidentada, como se alli houvesse passado um cataclysma. A floresta modifica-se; é velha, monumental, com exemplares que espantam pelas dimensões. São raros os arbustos, e mais raros ainda os cipós. Caminha-se entre as arvores com segurança, com facilidade, por um sólo mais limpo que o do Bosque Municipal. Devia ser assim — folgada e amavel —a floresta onde Adão e Eva se conheceram e onde começaram a povoar o mundo.

Desci. Após cinco dias de baixada, ao pé de uma cachoeira, ao meio dia, encontrei um homem. Era um indio de meia idade, doente, deitado na areia á sombra de uma arvore, mastigando folhas. Os meus rapazes assustaram-se ao vêr aquelle homem quasi nú, magrissimo, roendo folhas e olhando tristemente as aguas que rugiam nas pedras. Elle assustou-se tambem, tentou erguer-se, porém cahiu logo de bruços tapando o rosto, como se fossemos phantasmas. Aproximei-me, falei com brandura, perguntei quem era e disse-lhe o que andavamos fazendo. Elle socegou, retirou as mãos do rosto, falou em **lingua geral** misturada de portuguez.

Chamava-se Francisco e era indio **Mundurucú**, da Malóca do rio Acary. Andava, havia mezes, com outros indios e uns brancos de Maués, procurando **cáucho** no alto Sucundury. Um dia o seu patrão, que era máu homem, bateu-lhe. Fugiu, então; metteu-se pelo matto, rumou para o Acary. Havia tres luas que andava, mas a falta de alimento e de agua — porque o verão era terrivel — desviou-o do rumo. Afinal, deu com aquelle rio, o Aripuanã, e desde o dia anterior alli estava, descançando. Encontrou a agua, mas desfallecia de

fome naquella floresta sem frutos onde a caça só dava para as onças.

Tive piedade do selvagem, e entreguei-lhe, quasi commovido, um pouco de **farinha dagua** e um quarto de macaco assado. Elle comeu, ou antes, estraçalhou, engoliu a carne e a farinha, sob os risos dos meus rapazes.

Mas seria enfadonho se lhe contasse tudo o que se passou desde esse encontro com o Mundurucú até a nossa separação; até o momento em que elle partiu para a ventura da sua Malóca e eu segui descendo o rio, desvairado de alegria!

Digo-lhe apenas que estivemos juntos trez dias, trez lugubres dias, durante os quaes vi agonisar um dos rapazes — o que adoeceu de febres na subida. Foi uma scena que me despedaçou a alma! Assisti aos seus ultimos momentos: vi-o chorar de saudade e maldizer entre gemidos a terra que o matava; vi-o entre prantos recordar-se do seu sertão do Ceará, da familia, da infancia, do tempo em que era pobre e feliz. Fechei os seus olhos molhados, recebi o seu derradeiro pedido para que eu escrevesse á familia dizendo o seu arrependimento de emigrado, communicando a sua morte, no meio da floresta amazonica, sem uma prece, sem uma lagrima sobre o seu ca-

daver, sem paz no coração. Enterrámol-o alli mesmo, num barranco, junto á cachoeira.

Na ultima noite, quando eu ia, pela madrugada, descer o Aripuanã, e quando o Francisco rumaria para o Acary — elle, que me ouviu falar das nossas pesquizas de minerios, ao ver a corrente de ouro do meu relogio, disse-me singelamente, naturalmente, com uma ingenuidade sublime: que havia encontrado ao pé de uma collina, num leito de igarapé, **essa cousa amarella como a da minha corrente!** E era tanta, e faiscava tanto, que a agua reluzia!

Disse isso a sorrir, examinando o ouro da corrente, a cabeça baixa, o olhar innocente.

Santo Deus! Nem sei como não me rebentou dentro do peito o coração convulsionado! Nem sei como não agarrei com as mãos que tremiam, a cabeça daquelle indio para beijal-a com furia, com delirio, como se beija os cabellos de uma noiva! Nem sei como á luz da fogueira que nos alumiava, aquelle homem não viu no meu rosto uma lividez que devia ser apavorante. Nem sei!

O meu espanto era tão grande que nem falei, e fiquei depois a sorrir para a fogueira, para o céo que me mandava aquelle indio, para tudo, com uma imbecilidade risonha.

Esse indio, esse pobre diabo, esse esfomeado, entregava-me — por um pouco de farinha e um assado de macaco — o mais bello, o mais admiravel, o mais ambicionado segredo que um homem pode desejar!

Depois, enrolado numa camisa que lhe dei, explicou como encontrou esse ouro fabuloso; esse ouro que eu já considerava todo nosso!

Havia muitos dias que elle vagava pelo matto procurando agua. Uma tarde atravessou uma enorme campina, (são communs as campinas por aqui) a **Campina do Medo**, como elle a denominou, porque sentiu um estranho pavor ao atravessal-a. Da **Campina do Medo** avistou uma elevação de terreno na direcção do poente, dominando a floresta. Para lá seguiu, sedento, esperando encontrar algum lago que recebesse as aguas daquella collina. Chegou e viu logo um igarapé estreito, macio, claro, com o leito a scintillar. Desceu, bebeu agua, apanhou com as mãos um pouco daquella **cousa amarella**, espalhou-a na areia, brincando. Na manhã seguinte partiu.

Esse igarapé está mais ou menos a meio caminho de quem parte da cachoeira do **Puraquê**, no rio Sucundury, em linha recta para o alto Aripuanã, com o rumo leste-oeste. Ava-

liada a distancia total entre os dois rios, num maximo de cento e vinte milhas, teremos, pois, a percorrer por terra sessenta milhas até o igarapé, até á mina de ouro! Ora, meu amigo, essa distancia, essas sessenta ou setenta milhas de floresta, são para nós dois, matteiros diplomados, uma miseravel insignificancia...

Eis o que me informou o indio providencial!

Agora, você deve apenas esperar o meu regresso para combinarmos a expedição. Francisco irá comnosco, e espera-nos na sua Malóca, no Acary, por todo o mez vindouro.

Sobre este caso sensacional você falará exclusivamente ao Pedro Mariano. O Pedro deveria ir comnosco, deveria ajudar-nos a colher todo esse ouro. Demais, que excellente companheiro teriamos se elle fosse! E' um grande conhecedor dos indios, e nós só contaremos com indios para esta empreza soberba. Além disso, é como se fosse nosso irmão — um irmão mais velho para quem nunca tivemos segredos.

Faça o convite, insista, prometta tudo, contanto que elle nos acompanhe nessa maravilhosa viagem para a riqueza.

Esta carta lhe será entregue pelo amigo Augusto Silva, Immediato da lancha "Sereia".

E' creatura de absoluta confiança e por elle espero a resposta; e com elle, na "Sereia" voltarei para ahi.

Um grande abraço no Pedro, e outro para você.

BELMONTE".

III

Pedro Mariano, o grande amigo que José Belmonte queria levar para o Sucundury, morava numa casa pequena e moderna, á rua Municipal, logo depois da primeira ponte.

Era um homem de quarenta annos, moreno, quasi gordo, de rosto redondo e um escasso bigode negro. Nasceu em Manicoré, á margem do Madeira, e era filho de um seringueiro cearense e de uma senhora de Itacoatiara. Estudou até os dezeseis annos, fez todos os preparatorios, matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio. Mas, no meio do segundo anno juridico morreu-lhe o pai, subitamente. Deixou o Rio, deixou a Faculdade, voltou para o Amazonas, na esperança de continuar o curso depois de normalisados os negocios do seringal e da herança paterna, como filho unico.

Não o quiz assim o destino. Seu pai, apesar de uma soberba apparencia de solidez fi-

nanceira, morreu pobre. O seringal estava hypothecado, as dividas surgiam de toda parte, grossas, crescentes, aterradoras, absorvendo, ultrapassando todo o valor da immensa propriedade. Pedro Mariano e sua mãe entregaram tudo aos credores, escrupulosamente, e foram pedir agasalho a um parente solteirão e usurario, de Remate de Males.

Em Remate de Males começaram os seus verdadeiros soffrimentos. O parente, seu tio, era um seringueiro estupido e cruel. Recebeu-os rispidamente, agasalhou-os com brutalidade, maldizendo a morte do irmão e a infelicidade que o tornava chefe de familia.

Dahi por diante, até os dezenove annos, soffreu a estupidez desse homem. Mas um dia em que elle o ameaçou, promettendo-lhe uma surra, despediu-se da mãe, partiu sem destino e sem dinheiro para o mundo largo.

Durante quinze annos errou por todo o Amazonas, de rio em rio, trabalhando, lutando, padecendo, com serena coragem e viva fé no triumpho. O triumpho, porém, tardava impiedosamente, e em todo esse tempo ganhou apenas o sufficiente para o misero sustento e para a pequena mesada que enviava á mãe.

D. Catharina — a mãe de Pedro Mariano — entregava a mesada ao cunhado, que a

guardava sorrindo; e a pobre senhora agradecia ao filho errante a felicidade de conseguir abrandar a grosseiria do seringueiro.

Pedro Mariano viajava, trabalhava. Foi professor primario em São Paulo de Olivença; cáucheiro no Perú; agricultor em Codajás; **regatão** no rio Juruá; funccionario publico em Teffé; chiromante em Antimary. Viveu dois annos e trez mezes na Malóca dos indios Muras, no rio Tupana, onde foi Pagé e onde conheceu as delicias da irresponsabilidade. Depois, fugiu da Malóca, roubou uma canôa dos indios, subiu todo o rio Tupana, até as cabeceiras, varou florestas, desemboccou uma tarde na margem do Solimões, apavorado, arrasado, nú, implorando a misericordia dos homens e de Deus.

Um caboclo do Solimões tomou-o por doido, vestiu-o, levou-o para a Villa de Manacapurú e deixou- noas mãos do Delegado de Policia. Conseguiu provar que tinha algum juízo, foi solto, abriu dias depois uma escola primaria, e viveu durante seis mezes de um insignificante ordenado. Comtudo — apesar da penuria — apaixonou-se por uma cabocla de bôa familia, pediu-a, casou-se, levou-a para a sua casinha, allucinado de alegria.

Só depois de um mez comprehendeu esse acto de estranho desatino. Abarrotou-se de dividas em toda a Villa, perdeu o credito. Teve de desdobrar uma actividade sobrehumana e reagir espantosamente contra a miseria. Alargou ainda mais o ambito das profissões, e foi simultaneamente advogado, guarda-livros, dentista e **tirador de pussanga**.

Mas, na Villa pequenina e pobre, todo esforço era negativo. Muitas vezes teve de ir alta noite lançar a tarrafa pelos igarapés e lagos visinhos, afim de conseguir a refeição para o dia seguinte. Todavia, nesse duro labor, nunca desanimou, nunca se queixou, e teve sempre ao lado a mulher que o adorava.

Ao chegar, porém, ao decimo mez de casado, a mulher morreu de parto, numa noite de borrasca, abraçada ao seu pescoço pedindo-lhe que a salvasse. Dois dias depois morria tambem o filho. E Pedro Mariano, com o duplo infortunio e no derradeiro limite da miseria — adoeceu, esmoreceu pela primeira vez e quiz enforcar-se num galho de **umaryrana**, no quintal. Salvou-o do suicidio a lembrança da pobre mãe em Remate de Males, esperando unicamente, na sua triste existencia, a felicidade de rever o filho.

mento habitavel, encontrou uma senhora deitada, ferida, gemendo, com um filete de sangue a escorrer da face.

Uma criada ao lado punha as mãos na cabeça, espantada, a tremer, gritando que acudissem a patrôa. Uma senhora da visinhança, descalça, despenteada, estava á porta e pedia **Maravilha**. Na calçada, um portuguez em mangas de camisa dizia que era preciso chamar um medico, e olhava em torno procurando um portador. Pelas janellas das outras casas appareciam rostos inquietos pedindo informações.

José Belmonte não hesitou: ergueu nos braços a senhora ferida, carregou-a, subiu a escadinha, deitou-a na cama, na alcova. Examinou o ferimento: era pequeno, circular, na tempora esquerda. Lavou, pensou a ferida; fel-a tomar um calice de vinho, agasalhou-a com pericia de enfermeiro e um carinho risonho, emquanto a senhora, mais tranquilla, explicava como se dera o desastre. Foi simples: viu o capacho da entrada sujo de lama e quiz limpal-o. Desceu a escadinha, mas o pé escorregou e rolou até á porta. José Belmonte pediu que mandassem chamar o medico, deixou o seu cartão de visitas e despediu-se sorrindo.

Na manhã seguinte, ás oito horas, quando ia descer a escada do seu primeiro andar á rua Marquez de Santa Cruz, um sujeito moreno, grosso, com o bigodinho ralo no rosto redondo — tomou-lhe o caminho, estendeu-lhe a mão, nervoso, num movimento de arremessada gratidão:

— E' com o Engenheiro José Belmonte que tenho a honra de falar?

— Sim, senhor.

O sujeito arrojou-se para o seu peito, abraçou-o emocionado, os pequenos olhos obliquos humedecidos de lagrimas:

— Eu sou Pedro Mariano Ferreira. Sou filho da senhora que o senhor soccorreu hontem á tarde na rua Municipal. Venho agradecer-lhe de todo o coração a sua bondade...

José Belmonte atalhou-o, vermelho e embaraçado:

— Oh! Senhor! Um insignificante acto de humanidade... nada mais... Qualquer homem, no meu logar, faria isso. Tão simples...

Mas Pedro Mariano, cada vez mais agitado, mais commovido, insistia:

— Não; ninguem teria a sua bondade, a sua presteza, o seu carinho assim tão prompto,

tão expontaneo, para uma creatura desconhecida; ninguem!

— Mas, senhor... ora essa...

Elle continuava, mais agitado ainda diante da modestia do Engenheiro:

— De hoje para sempre, Dr. Belmonte, para toda a vida, o senhor terá em mim um amigo; amigo que nunca o abandonará, que o trará sempre no coração. Comprehenda; o senhor soccorreu a unica pessoa que adoro no mundo; que é a minha unica felicidade; que é quasi a minha religião. Perdôe-me o arrebatamento; mas nem beijando-lhe os pés eu pagaria a sua bondade... nem de joelhos!

Dizia isso abraçado ao Engenheiro, tomado de commoção.

José Belmonte ficou parado, interdicto, premido naquelle abraço, o rosto contra o peito do homem que chorava e falava. Teve, então, uma vontade furiosa de fugir, de rolar pela escada, de precipitar-se para a rua, embora aquelle sujeito o tomasse por um louco ou um bruto. Só assim conseguiria escapar ao furor daquella gratidão. E a sua vontade foi mais viva ainda quando viu que dois garotos na rua, em frente á escada, olhavam a scena e sorriam.

Conseguiu safar-se do abraço. Pediu licença, inventou um negocio urgentissimo, desceu a escada acompanhado por esse amigo que o destino lhe enviava com tanta vehemencia.

Na rua, Pedro Mariano, mais calmo, lamentando a urgencia do Engenheiro, convidava-o para jantar nesse mesmo dia, em sua casa, ás sete da noite, insistindo:

— Não falte. E' um jantar todo intimo, sem cerimonia. Não me falte! Mamãe deseja vel-o.

José Belmonte apertava-lhe a mão á esquina da rua Marechal Deodoro:

— Muito obrigado. Lá estarei ás sete sem falta.

*
* *

Foi, jantou, conversou, sahiu de lá ás dez horas, encantado, bemdizendo a sorte que lhe abria aquella casa amiga quando iniciava a sua carreira na terra que começava a adorar.

Desde esse dia teve naquelle homem o seu mais puro e mais veridico amigo. Delle recebeu continuamente favores sem conta; por seu intermedio adquiriu esplendidas relações no

commercio e nas repartições publicas; com o seu auxilio e o seu prestigio de capitalista, ganhou dinheiro.

E essa amisade mantinha-se, havia trez annos, sempre a mesma, forte e viva, como na manhã dramatica da escada.

Agora, já intimo, já se tratando como irmãos, quando Pedro Mariano relatava os horrores da sua vida mesquinha, e abençoava o digno jacaré que o livrou do tio e da miseria — José Belmonte, numa replica alegre, bemdizia a escada da casa do seu amigo, por onde rolou a querida velhinha que elle amparou tão presto e tão desinteressado. E dizia sorrindo, na sala de jantar, estirado na melhor cadeira, fumando o charuto:

— Você, Pedro, começou a ser feliz desde que um jacaré benemerito desejou provar o seu tio: eu, desde a tarde do meu passeio de automovel. Veja lá como a felicidade depende, ás vezes, de um simples accidente.

Ambos riam e philosophavam largamente sobre a Felicidade e a Vida, emquanto D. Catharina, a um canto da sala concertando as meias do filho, reprehendia docemente aquelles exaggeros philosophicos.

Depois, numa chuvosa manhã de Maio, chegou Luiz Negreiros. Pedro Mariano, ao

principio, sentiu certo acabrunhamento diante desse moço alto e forte que raramente sorria, e tinha os modos graves de um antigo Conselheiro do Imperio. Mas, pouco tempo depois estimava o Agronomo e gostava de vel-o desconcertado sob as suas satyras desabusadas.

Foi D. Catharina quem fez nascer na alma do filho a viva sympathia. Ella gostou logo da sisudez e do sereno traço de melancolia do moço pernambucano. Admirou-lhe as idéas, umas idéas rectas, seguras, inteiriças, que nasciam da propria personalidade, que não se submettiam a influencias estranhas, e possuiam, mesmo contrariadas ou vencidas, um fundo de persistente verdade. Essa intrinseca propriedade de idéas e esses modos de obstinada serenidade, levaram D. Catharina a adivinhar para o seu novo commensal, um alto, refulgente destino.

E mais tarde, quando viu Luiz Negreiros noivo da Therezinha, filha de um grande politico seu amigo, exultou, toda orgulhosa do vaticinio:

— Ahi está! Noivo da Therezinha; genro do Rodrigues! E' o primeiro passo! Daqui a pouco nós o veremos deputado!

Pedro Mariano tinha, porém, opinião diversa, — a opinião da sua negra descrença:

IV

A's dez horas da manhã Luiz Negreiros acabava de vestir-se, pensando em ir á casa de Pedro Mariano, onde pretendia almoçar e seduzil-o, logo depois do almoço, para a gloriosa expedição á mina de ouro do Sucundury.

Estava em frente ao espelho do guarda-roupa, quando ouviu bater á porta da sala. Concertou o laço da gravata, alisou rapidamente o cabello e foi ver quem o procurava áquella hora. Deu volta ao trinco, escancarou a porta e viu á sua frente um rapaz baixo, gordo, vermelho, que o saudava com alegria. Era o senhor Augusto Silva, Immediato da "Sereia", que trouxera do Aripuanã a famosa carta do Engenheiro. Apertou risonhamente a mão que lhe estendia o Agronomo, e explicou-se:

— Vamos partir hoje á noite, ás nove horas. Venho apenas buscar a resposta da carta.

— Não é assim, Mamãe. Luiz é honesto; sobretudo, honesto. E' uma qualidade negativa. Um homem honesto é até indecente nessa politica sórdida que vae destruindo, desagregando o Brasil em **reinados estaduaes**. Por emquanto, a republica, a democracia, a propria nação, só existem na apparencia. Por dentro é uma desgraça!

Mas, todas as conjecturas e todas as prophecias de D. Catharina, abalaram-se clamorosamente, desfizeram-se, depois da infeliz mania que assaltou o Agronomo, desde a tarde presaga do Teso do Ouro, nos Campos Geraes do Rio Branco.

E sempre risonho, abanava-se com o chapéo de palhinha, disposto a esperar alli mesmo, no patamar da escada, a resposta da carta por que tanto se empenhava.

Mas Luiz Negreiros fazia-o entrar para a grande sala de visitas e de estudos, offerecia-lhe uma cadeira, amavel, desejando o contacto daquelle moço alegre que fôra o portador de tão extraordinaria novidade. O Immediato enxugava o suor do rosto, entrava, installava-se na cadeira, examinava toda a sala, contemplava o Rio Negro que luzia socegado e largo sob a calma da manhã. Depois de perpassar os olhos pelas paredes forradas de mappas de todos os feitios, pela vasta mesa de estudos onde se accumulavam em desordem tinteiros, compassos, esquadros, reguas, retratos, e um monte de livros — depois do seu mudo exame, proseguiu, interessado:

— O Dr. Belmonte recommendou-me que não sahisse de Manáos sem a resposta; que era negocio importantissimo.

— Importantissimo? Perguntava Luiz Negreiros, fixando os grandes olhos no Immediato.

— E' verdade. Passou quasi uma hora a bordo, antes da partida da lancha, pedindo-

me todo cuidado e dizendo que só em mim confiava. Já vê o senhor...

Luiz Negreiros sorria áquella recommendação do amigo, áquella solicitude quasi feminina, áquelle decidido empenho em dar-lhe a radiante noticia da mina. E commovido com a immensidade dessa dedicação, interrompeu o Sr. Augusto, exclamando:

— Aquelle Belmonte! Tão alegre; tão bom! Que alma de santo!

O Immediato tambem pensava que o Engenheiro, apesar da alegria, possuia uma alma muito parecida com a dos Santos. Com elle fizera duas viagens: uma ao Solimões, outra ao Pauhiny. Reparando bem, era quasi um santo.

Passou novamente o lenço no rosto suado. Observou as horas no relogio, levantou-se, procurando o chapéo:

— E' tarde. Preciso de ir para bordo ver a carga.

Luiz Negreiros erguia-se tambem:

— Irei a bordo, ás oito horas, levar a carta. E' melhor. Escreverei á tarde, com socego.

O Immediato apertava-lhe a mão, despedia-se:

— Então, até ás oito horas.

— Até á noite...

nos de suave socego habituou-se ao conforto, ao methodo, á indolencia. E tão leve corria a sua existencia, que a lavagem da casa aos sabbados, o corte das unhas, e por vezes uma ninhada de pintos (dos seus famosos pintos de raça) eram incidentes notaveis.

Assim vivia. E apesar da saudade que ás vezes o tomava da sua vida de nomade mettido em todas as profissões, creou lentamente um confuso receio desses rios que percorrera enrolado nos seus pobres farrapos de aventureiro, pelejando, para conseguir o misero dinheiro que mandava á D. Catharina.

Mas, após esses annos de repouso e de abastança, affirmava aos amigos que tinha a impressão viva de que fôra atacado da mais estranha loucura durante quinze annos!

Era um homem desses, com essas idéas, com essa insensata abstracção do passado, que elle ia convidar, depois do almoço, para uma viagem de tres mezes pela mais despovoada região do valle amazonico!

Além disso, havia o caso inaccessivel — da separação de D. Catharina! Que prodigio de logica seria necessario para conseguir o afastamento dessas duas creaturas que se adoravam?

nos de suave socego habituou-se ao conforto, ao methodo, á indolencia. E tão leve corria a sua existencia, que a lavagem da casa aos sabbados, o corte das unhas, e por vezes uma ninhada de pintos (dos seus famosos pintos de raça) eram incidentes notaveis.

Assim vivia. E apesar da saudade que ás vezes o tomava da sua vida de nomade mettido em todas as profissões, creou lentamente um confuso receio desses rios que percorrera enrolado nos seus pobres farrapos de aventureiro, pelejando, para conseguir o misero dinheiro que mandava á D. Catharina.

Mas, após esses annos de repouso e de abastança, affirmava aos amigos que tinha a impressão viva de que fôra atacado da mais estranha loucura durante quinze annos!

Era um homem desses, com essas idéas, com essa insensata abstracção do passado, que elle ia convidar, depois do almoço, para uma viagem de tres mezes pela mais despovoada região do valle amazonico!

Além disso, havia o caso inaccessivel — da separação de D. Catharina! Que prodigio de logica seria necessario para conseguir o afastamento dessas duas creaturas que se adoravam?

*
* *

Meia hora depois, Luiz Negreiros descia a escada, marchava para a estação da **Manáos Tramways**, e ahi, na calçada, aguardou o bonde da **Cachoeirinha**, disposto a ir á casa de Pedro Mariano, almoçar e fazer-lhe a espantosa revelação.

Havia dois dias, desde que recebeu a carta, que não o via, que não o procurava, impressionado, projectando um estratagema tão habil que conseguisse logo, rapidamente, seduzir o amigo, convencel-o, leval-o á tentadora empreza. Antes mesmo de José Belmonte insinuar o convite, já tinha pensado em communicar a Pedro Mariano o grandioso descobrimento do thesouro, e attrahil-o de qualquer modo á expedição ao Sucundury.

Pensou, imaginou uma dezena de planos. Mas, intimamente descria de todos os ardis para arrancal-o da sua casa e conduzil-o atravez de accidentes, de aborrecimentos e de incommodos, a uma região desconhecida, atraz de um leito de ouro ignoto.

Pedro Mariano vivia, — desde que vendeu o seringal do tio e embarcou para Manáos — uma vida quieta de capitalista. Nesses an-

Luiz Negreiros interrogava-se e tomava o bonde, como um automato, pensando que José Belmonte, — no seu arrebatado enthusiasmo de descobridor de thesouros — não se apercebera dessas terriveis difficuldades; não se apercebera, e lançava de lá, das ultimas cachoeiras do Aripuanã, sobre elle, o immenso peso desse convite!

E sem um plano, sem uma idéa, sem nada, saltou do bonde em frente á casa do amigo, com a sensação unica de que estava mettido numa teia infernal...

*
* *

A sala de jantar de Pedro Mariano era quadrada, pintada a oleo, com uma barra de um metro de altura cheia de florões côr de rosa sobre fundo verde-claro. Do fôrro branco descia o lustre de cobre com cinco lampadas electricas resguardadas por globos de vidro fôsco. O soalho de acapú e pau amarello reluzia de asseio. Trez grandes moveis de canella, a mesa elastica, duas aquarellas e duas columnas de louro-rosa sustentando **cache-pots** de bronze, formavam um conjuncto gracioso. Ao fundo a cristaleira fulgurava reple-

ta de objectos de prata. Pelos marmores coloridos do buffet viam-se brancuras de panninhos bordados alegrando o tom grave dos moveis.

Um reposteiro de damasco separava a sala de jantar, do corredor de entrada. Ao fundo havia duas portas: uma que dava para as dependencias do edificio; outra, larga, sempre aberta, com um pequeno gradil de ferro. Dessa ultima porta, viam-se o quintal, o igarapé dos Educandos, casinhas rentes á agua, embarcações junto aos barrancos; e mais longe, um trecho de arabalde onde appareciam chalets brancos cercados de arvores. Além, para os lados da Colonia Oliveira Machado, desdobrava-se a floresta, immensa, compacta, ondulada, clareando nas eminencias da terra-firme, morrendo na linha do horizonte.

Era ahi, junto a essa porta que dava para o quintal e o arrabalde, que Pedro Mariano passava as suas horas de repouso ou de trabalho, lendo, escrevendo, dormindo, ou simplesmente deixando correr a imaginação. Ahi fazia a sésta, depois do almoço, até as duas da tarde, estirado numa vasta poltrona de vime, após ter fumado o charuto **Canadian**. A **Zizi**, uma cadellinha felpuda, presente de José Belmonte, saltava-lhe ao collo, enrosca-

almoço — modificou esse habito familiar. D. Catharina ao vel-o soffrer, preparou um chá de **capim santo**, atou uma rêde na sala de jantar, agasalhou-o, assustada. A dôr passou; José Belmonte dormiu até ás trez horas da tarde. Dahi em diante, todas as vezes que almoçava em casa do amigo, pedia logo a **sua** rêde, despia o paletot, tirava o collarinho e resonava até ás duas horas.

Luiz Negreiros respeitava o habito; ficava numa das cadeiras de emballo, a conversar, a contemplar, atravez da porta, o tranquillo esplendor da paizagem. E mesmo extasiado para a belleza da selva e da agua, não se esquecia nunca de verificar de momento a momento as dimensões do charuto de Pedro Mariano. Quando delle restava apenas uma triste metade, abria então os braços enormes, bocejava, dava o ultimo olhar aos Educandos e arrastava-se para a rua.

va-se, dormia tambem acariciada pelo dono. Maria de Jesus, a copeira, uma portugueza gorda cheia de sardas, que os servia desde que alli se installaram, arrumava a mesa e a sala, silenciosa, deslisando, num abafado receio de romper o socego de toda a casa. Arrumava, examinava tudo, cerrava o reposteiro, seguia então para a cosinha; e por lá ficava attenta, vigilante, ora conversando com a cosinheira, ora apedrejando o gallo do visinho, um gallo vermelho que cynicamente, todas as tardes, áquella hora sagrada da sésta, ensaiava o canto vibrante como um protesto á paz que o cercava.

D. Catharina tomava a sua cestinha de costura, armava a maqueira de **tucum** na alcova, cochilava um pouco.

A's vezes, quando algum amigo ia almoçar á sua casa, elle, com uma franqueza jovial, avisava-o desse veneravel habito domestico. E amavel, risonho, insinuante, explicava:

— Não é por mim; é pela mamãe, coitada, que está ficando velha. Depois do almoço, tenho apenas a meia hora do charuto para conversar. Terminado o charuto, zás! de olhos fechados, por causa da mamãe...

Apenas José Belmonte — desde certo dia em que sentiu dores no estomago depois do

V

Durante o almoço desse dia, Luiz Negreiros, nervoso, preoccupado, inquieto porque não encontrara ainda um meio de convidar Pedro Mariano para ir com elle e Belmonte ás terras do Sucundury, quasi não falava, não sorria, abstracto e encolhido. Era tal essa inquietação, esse mutismo, essas maneiras de impressionado, que D. Catharina o interrogava piedosamente, desejando afastar algum mau pensamento:

— Mas, que é isso? Que tem você? Alguma cousa que não nos quer dizer. E' segredo?

Pensando que o Agronomo estivesse novamente absorvido por aquellas sombrias idéas do ouro — suspirou tristemente:

— Meu Deus! Você está agora como no tempo em que só pensava em minas de ouro.

E' possivel que ainda esteja com essa mania? Oh, Luiz, se esqueça disso de uma vez!

Elle, então, sorriu, respondeu serenamente, acalmando a bôa senhora:

— Não; não tenho nada; apenas preciso resolver hoje mesmo certo negocio, de importancia. Mas é todo profissional. Só isso. Vocês desculpem a distracção...

Mas Pedro Mariano informava perfidamente:

— Não é nada, mamãe. Não é nada demais. O Luiz quer casar-se. Arranjou outra noiva — outra victima. E' por isso que anda assim. Resolveu agora se casar, seja como for, :oitado!

D. Catharina servia o peixe, e aconselhava, ainda resentida com o triste desenlace do noivado de Luiz Negreiros:

— Cuidado! Não vá desfazer outra vez o compromisso...

Elle desanuviava-se, protestava, erguendo o garfo:

— Oh! Mas a senhora não vê que é mentira do Pedro! Deus me defenda de outra noiva!

E deitando o môlho sobre a posta de peixe, proseguia:

e beijava todas as noites, antes de dormir, um retrato da Therezinha, que trazia na carteira, escondido.

Pedro Mariano ignorava essa saudade, esse profundo amor recalcado, esse retrato. E quando Luiz Negreiros terminou a explicação sobre o noivado desfeito, elle retorquiu friamente:

— Tambem! Pudera! A Therezinha teve razão... Um noivo maluco; mezes e mezes no interior do Amazonas atraz de minas de ouro! Ella fez muito bem. E agora está no Autaz, na Fazenda de um parente, onde passará dois ou trez mezes dando graças a Deus por ter escapado desse casamento!

— No Autaz? Não sabia... Mas que fique por lá, pela Fazenda. Não me interessa a noticia.

Pedro Mariano tomava um pouco de vinho e replicava:

— Sim senhor; na Fazenda. E está mais gorda, mais alegre. Não é para menos!

Veio o café. Maria de Jesus iniciou a tarefa costumada. Tirou a toalha, estendeu sobre a mesa um panno vermelho, de ramagens, collocou ao centro um **cache-pot** prateado de onde surgia enorme feto. Lançou os olhos por toda a sala e foi para a cosinha, já tomada de

— Demais, quem desfez o noivado foi a Therezinha. Foi ella quem se zangou, quem devolveu minhas cartas, com o pretexto de que eu não lhe escrevi durante trez mezes — os trez mezes que passei no alto Solimões, doente, abandonado. Eu seria incapaz dessa leviandade.

Houve na mesa um breve silencio. Luiz Negreiros, que ao principio do seu namoro sentiu apenas uma sympathia vulgar por essa moça, notou, desde o rompimento, que esse sentimento mudara inesperadamente. Ao começo revoltou-se com a aspereza da Therezinha devolvendo as cartas grosseiramente, por um criado, sem uma explicação séria, numa irritante altivez. Depois, sentiu uma indefinida saudade das suas visitas nocturnas, da alegria, do alvoroço com que ella o recebia. E mais tarde percebeu, emfim, que a adorava e que esse affecto estava acima da sua vontade e da sua consciencia. Mas, quando percebeu era tarde; e por orgulho desistiu logo da reconciliação desejada e planejada por D. Catharina e pelos amigos. Ficou no seu canto, procurando esquecel-a, estudando, trabalhando, montando um pequeno laboratorio de chimica industrial. Assim passava os dias, affirmava a todos que estava curado da paixão,

odio ao gallo do visinho, que ensaiava o seu canto, insubmisso e arrogante.

Na sala, ao claro repouso do meio dia, diante da illuminada paizagem, ficaram os dois homens: Pedro Mariano gosando o charuto estirado na poltrona de vime; Luiz Negreiros admirando o verde escuro da matta distante.

Foi nesse momento, na doçura e no silencio da sala de jantar, que Pedro Mariano, repousado, farto, estendido na poltrona e alisando o pello da **Zizi** — interpellou seriamente Luiz Negreiros:

— Que diabo de cousa é essa que tanto o impressiona? Você está assim, meio pateta. Que foi? Ha trez dias que não vem aqui. Vamos; abra-se logo!

— Eu, pateta? Ora essa... Si até pilheriei sobre casamento, no almoço...

Pedro Mariano interrompia-o sacudindo a cinza do charuto:

— Pateta! No principio do almoço estava distrahido, macambusio, não sei como. Vamos! Venha o negocio profissional, ou o que for. Eu sempre fui um sujeito discreto, e não admitto segredos. Ande, diga logo. E' cousa séria ou é mesmo noivado?

Luiz Negreiros sorria ante o bom humor do amigo. E mais animado, tomado de viva resolução, approximou a cadeira da poltrona de vime. Num gesto subito, metteu a mão no bolso interno do paletot, retirou de lá um enveloppe e entregou-o, decidido.

Era a carta de José Belmonte! Era a noticia desconcertante, impressionante, fantastica, dessa maravilhosa camada aurifera perdida nos confins da planicie. Era o convite a Pedro Mariano, o appello, a supplica, para os acompanhar nessa grande aventura. Entregou-a e disse bruscamente:

— E' mais sério do que você pensa. E' sérissimo! Leia isso! Era isso, essa carta, que me fazia andar meio pateta. Você vae ver que extraordinaria revelação. Leia! Ha de ficar tambem meio pateta, como eu, depois da leitura.

Pedro Mariano conhecia o caracter do Agronomo. Sabia que elle tinha por habito tomar attitudes de exaggerada circumspecção com excessiva facilidade. Por isso gracejou ainda, encolhendo-se na poltrona:

— Não; não quero ler. Isso pode ser **cousa-feita**; pode ser feitiçaria. Diga primeiramente de que se trata. E' cobrança? E' poesia? E' declaração de amor? Pode ser uma

— Esta carta, como viu, é do Belmonte. Recebi-a ante-hontem das mãos do Immediato da "Sereia", um homem de sua confiança. A "Sereia" volta hoje para o Aripuanã, e eu preciso de uma decisão sua para poder escrever ao Belmonte. Ha um recado para você, no fim da carta. Um recado importantissimo!

— No fim da carta? Por que não me disse logo? Vou ler o fim, e prompto. Espere ahi...

Ia procurar a ultima folha, mas Luiz Negreiros estendia nesse momento o braço, num gesto rapido:

— Não. Só poderá comprehender o recado lendo toda ella. Não quer ler? Bem; vou responder dizendo que você nem quiz saber de que se tratava; que nós não merecemos essa consideração. E não se fala mais neste caso...

Ergueu-se da cadeira, e de pé, o immenso corpo firme como um bloco de granito, esperou, decidido.

Pedro Mariano mexeu-se na poltrona, sorriu, puxou uma baforada do charuto. A cadellinha estranhou esse movimento, levantou-se nas patas dianteiras e abriu os olhos para Luiz Negreiros.

cousa dessas ou peior ainda. Diga o que é, senão...

Luiz Negreiros tornava-se cada vez mais grave:

— E' sério, Pedro. Vae ver que eu tinha motivos para estar preoccupado. Além disso, a carta refere-se a Você. Ha um recado para você.

— Para mim? De quem?

— Leia a carta e verá.

Pedro Mariano tomou o enveloppe, franzindo a testa, achando que aquillo se ia tornando impertinente e mysterioso; emquanto Luiz Negreiros sentia um sereno allivio, e admirava-se da precisão, da naturalidade, do inesperado ensejo com que se desembaraçava daquella desagradavel incumbencia. Emfim, os seus nervos agitados durante trez dias, socegavam, repousavam, com o simples gesto de estender ao amigo a carta que tanto o perturbara.

Pedro Mariano retirava as cinco folhas de papel, mirava-as, remirava-as, examinava a letra pequenina e firme, via a assignatura.

Luiz Negreiros dizia-lhe com a mesma gravidade:

— Sente-se, Luiz — dizia elle sorrindo. Zizi não gosta que a despertem, nem supporta attitudes dramaticas. E' muito sensivel...

Acariciou a Zizi, fel-a deitar-se e continuou:

— Sente-se; não se zangue, homem de Deus. Eu me esqueço sempre de que você é um **Casca-grossa** do sertão de Pernambuco. Sente-se.

— Então, leia a carta.

— Vou ler; vou ler. Mas sente-se logo.

Luiz Negreiros sentou-se, ficou a olhal-o, a vel-o suspirar, percorrendo as folhas de papel. Logo ás primeiras linhas voltou-se, e com uma expressão de falsa contrariedade:

— Olhe; já encontrei um erro de syntaxe. Belmonte, além do estylo ignobil, não conhece a grammatica. E' uma lastima!

— Leia, homem. Deixe a grammatica do Belmonte.

Elle resignou-se e continuou. Durante quinze minutos, Luiz Negreiros disfarçou a emoção que o assaltava, ora observando o rosto do amigo, ora alongando a vista atravez da porta para o socego da agua e da selva.

Mentalmente acompanhava da sua cadeira os diversos trechos da missiva, á proporção que as folhas iam passando. Agora era a via-

gem pelas cachoeiras; a descripção dessas terras estranhas, cheias de féras. Logo depois, vinha o encontro com o indio; a historia dos cáucheiros de Maués; a fuga do selvagem atravessando as mattas e as campinas do Sucundury. Mais adiante, a morte de um dos rapazes nos braços do Engenheiro. Emfim, a revelação do Mundurucú, á luz da fogueira, cercadc pela floresta escura, junto ás aguas que murmuravam...

Nesse momento, justamente no principio da quarta folha de papel, o seu olhar batia no rosto de Pedro Mariano. E viu na sua face morena e gorda o effeito surprehendente: a **Campina do Medo**; a collina como uma atalaia dominando a matta em torno; o igarapé com o leito dourado resplandecendo á luz do crepusculo. Viu! Pedro Mariano arfava como se um peso monstruoso houvesse desabado sobre o seu peito. Os olhos apertavam-se na ansia de perceber de subito, seguramente, todo esse trecho. O corpo agitava-se, torcia-se, como se o espicaçasse uma centena de agulhas. Debalde a Zizi protestava contra a inquietação do seu dono, abrindo os olhos, erguendo-se toda, indignada. Mas o seu dono não a via, nem a sentia entre as coxas, agarrado ás folhas da carta.

nhar o seu salvador, servil-o, morrer por elle se fosse preciso.

Não havia, pois, nenhuma duvida! Aquelle ouro lá estava no igarapé, junto á collina, esperando apenas que fossem buscal-o.

Luiz Negreiros esperava anhelante a palavra do seu amigo, que colhia as folhas esparsas e mettia-as no enveloppe. Assim esteve um minuto. Depois, ergueu os olhos negros e francos para o Agronomo, e disse seriamente:

— Apesar de tanta veracidade em tudo isso, tenho sempre uma duvida abominavel. Foi o soffrimento que me deixou essa descrença — quinze annos de soffrimentos, de perfidias, de illusões, de mentiras, que me arrasaram a alma.

— Mas, Pedro, então...

Elle atalhou-o sorrindo:

— A Mamãe vae passar dois mezes na nossa Fazendinha do Cambixe. Eu detesto a pasmaceira rural, o matto mettido a civilisado... Manáos está simplesmente insupportavel...

Jogou fóra a ponta do charuto e terminou:

— Escreva a esse scelerado dizendo que irei tambem. Contem commigo!

Devia estar nesse instante devorando as informações do indio: o roteiro, a promessa de acompanhal-os até a mina de ouro, todo cheio de gratidão por José Belmonte, que o salvara da morte com o assado de macaco. Elle sorria agora, talvez pensando como é facil ser bom, como é agradavel se fazer o bem, sem alarde e sem calculo, apenas para se ter a sensação de que se foi util a alguem que se não conhece, que nunca se viu, que passou um dia de mão estendida para a piedade dos homens. Como é facil! E como a bondade, ás vezes, traz recompensas espantosas!

Afinal, dobrava a ultima folha. Era o convite! Era a insistencia de José Belmonte, pedindo o amparo, o conselho, a companhia do seu grande amigo.

Pedro Mariano ficou pensativo, alheiado, scismando no remate de toda aquella impressionante noticia. Belmonte era um espirito simples, seguro, logico, sem romantismo, sem fantasias, sem descahidas. Nunca leu um romance, mesmo immoral. Nunca se apaixonou; jamais abriu um livro de versos. Era um homem assim, com essas idéas, que o convidava para a posse de uma tremenda mina de ouro! Demais, o indio promettera acompa-

VI

A's trez horas da tarde, na occasião do **lunch**, Pedro Mariano sorrindo, disfarçando o mal estar que o confrangia, contou a D. Catharina a historia da carta, o descobrimento sensacional do Munducurú, a desordenada ansiedade dos dois amigos; e emfim, o convite que ambos lhe faziam, implorando, rogando a sua companhia na jornada em busca do thesouro. E concluiu, com uma serenidade duvidosa e um sorriso escasso:

— Em vista disso, penso que devo ir com elles. Pedem tanto, coitados! Têm tanta vontade de me levar, de dividir o ouro commigo... Demais, não sabem andar com os indios que irão com elles desde o Acary até o igarapé da mina. Pode haver um desastre; desastre que seria para mim um grande remorso. Mamãe tambem não pensa como eu?

D. Catharina olhava o filho, perplexa, como se duvidasse de tudo aquillo. Aquelle indio esfomeado, aquella mina de ouro, aquelle convite, pareciam um sonho extravagante, uma novella fantastica que ella não podia comprehender. Mas viu a tranquillidade, a decisão, o claro raciocinio do filho, que sorria e tomava café. E falou, suffocada:

— Você tem razão, Pedro. Deve ir com elles. Mas a separação é horrivel! Ficar aqui, sosinha, esperando? Eu não poderia ir tambem com vocês?

Um alegre espanto clareava o rosto de Pedro Mariano, que replicava:

— Mamãe ir tambem á mina de ouro? Com quasi setenta annos de idade! Tinha graça! Mamãe não tem idéa do que seja a matta do Amazonas. E' incrivel!

Calou-se, sentindo que o abalava terrivel commoção, ao ver D. Catharina angustiada, com as palpebras vermelhas, os olhos com um brilho humido. Depois, com difficuldade:

— Prometti acompanhal-os porque a mamãe iria para o Cambixe. Foi assim a promessa. Mas... não houve palavra de honra... Desfaz-se tudo...

Ella ficou um momento silenciosa, pensando, conjecturando. Depois, com os olhos já enxutos, falou:

— Não vou para o Cambixe...

— Não irei ao Sucundury — emendou elle apressado. Vou procurar o Luiz agora mesmo, e...

— Espere; espere — atalhou D. Catharina. Não vou para o Cambixe, mas irei para o Autaz, passar um mez com a Therezinha. Ella já me convidou duas vezes; e na ultima carta, insistiu muito. Falou no Autaz, disse que é lindo, com os campos cheios de gado e o paraná muito estreito, muito manso, correndo entre varzeas e **terras-firmes**. Deve ser lindo mesmo!

Pedro Mariano levantava-se, accendia o cigarro, estirava-se na poltrona. E com um riso de puro allivio, commentava:

— Sempre desconfiei que a Therezinha fosse romantica. Ahi está! O Autaz, um encanto; um encanto porque tem vaccas de leite, capim e agua! Ella se esqueceu dos **carapanãs**, das mutucas, dos mucuins, de tudo. Ficamos, então, nisso: si mamãe for para o Autaz e para os braços da Therezinha — eu irei cahir nos braços do Luiz e do Belmonte. Mas esses canalhas hão de pagar-me caro a seducção...

— Coitados! Murmurava D. Catharina, enternecida.

— Coitados? Mamãe tem pena desses bandidos que me seduziram; que me fizeram passar este triste momento? Ora essa!...

A boa senhora sorria ao furor do filho, tomava a cestinha de costura, espalhava sobre a mesa um monte de roupas brancas. Pedro Mariano abria um livro, folheava-o e dizia ainda, numa desconfiança:

— Esses convites da Therezinha... Essa insistencia, esse desejo de ver a mamãe, de conversar... Isso ainda acaba mal; isto é, mal para o pobre Luiz.

D. Catharina sorria; não acreditava na suspeita do filho. Ambos eram muito orgulhosos, e jamais poderia haver uma reconciliação. Para isso, era preciso o primeiro passo, e nenhum dos dois era capaz de dar esse passo.

*
* *

Luiz Negreiros conheceu a Therezinha numa noite de Natal, depois da missa. Havia pouco tempo que chegara a Manáos, e ainda não era intimo na casa de Pedro Mariano.

Apenas lá ia aos Domingos levado por José Belmonte, para o almoço. E apesar da sympathia com que o acolheu D. Catharina, custou a comprehender o temperamento, os modos, a continua satyra do dono da casa. Nunca lhe desapparecera da memoria o dialogo que teve com elle certa vez quando atacavam a sobremesa. Elle, Luiz, queixava-se do selvagem calor amazonico, e logo, Pedro Mariano, muito sério, muito calmo, depondo o talher nas bordas do prato, replicou:

— Graças a Deus, Dr. Luiz Negreiros. Graças a Deus! Si com todos esses defeitos: o calor, a distancia, o impaludismo, o beriberi, a selvageria — o Amazonas vive invadido pelos aventureiros de toda parte e de todas as classes, avalie o senhor si elle fosse uma vaga imitação do Eden. Meu Deus! Não haveria um palmo de terra para os nativos!

José Belmonte, ao seu lado, sorria e replicava:

— Mas, que diabo, Pedro! Você nem ao menos repara que diz isso assim, em secco, a dois sujeitos que emigraram para o Amazonas, que almoçam na sua casa, a convite seu! Que diabo! Si isso não é falta de educação...

Pedro Mariano, com a mesma serenidade, explicava-se. Não os considerava como aven-

tureiros, como invasores da terra. Não pretendeu offendel-os. E voltando-se para Luiz Negreiros:

— Belmonte não comprehendeu o que eu quiz dizer. E' um desastrado que não conhece a lingua; não sabe o que significa aventureiros. E' uma desgraça!

Continuou nas explicações, indifferente á replica do Engenheiro, que exigia um diccionario. O que o revoltava era a ganancia, o despudor, o atrevimento dessa gente que procurava o Amazonas para fazer fortuna commettendo todas as indignidades. Era isso! O Amazonas arrastava pelo sul do paiz uma fama de Calabria rica, onde se permittiam todas as infamias, todas as immoralidades.

— Por isso — concluia — clamo contra os bandidos que nos enxovalham. Vocês não deviam se aborrecer com as minhas idéas e a minha revolta. Não são invasores, não são aventureiros. Vivem da profissão, do trabalho, com honestidade. Demais, não sou bairrista, ou regionalista, como pensam. Sou, antes de tudo, brasileiro. Quero um Brasil grande e forte, livre dessas torpezas sociaes e politicas que nos arrasam. Um Brasil purificado, indivisivel, integral. Em todos os Estados, bem sei, ha gente assim; mas o Amazonas,

por emquanto é a maior victima desse lixo social.

Após essas explicações, Luiz Negreiros concordou sempre com as idéas do amigo; e horas inteiras discutiam sobre os perigos dessas invasões e sobre a hypocrisia do regimen democratico.

Foi alguns mezes depois da sua assiduidade em casa de Pedro Mariano, que D. Catharina, nessa noite de Natal, o apresentou á familia da Therezinha, na estação da **Manáos Tramways**, a uma hora da noite, emquanto Pedro Mariano fôra ao café. Formaram, então, um grupo alegre, criticando aquella gente que tinha vindo dos arrabaldes e dos sitios, olhando tudo numa admiração permanente. O Careiro, o Cambixe, o Cacáu-pirera, toda a costa da Terra Nova, todo o Tarumã, despejavam na cidade bandos e bandos de caboclos, de cearenses, de mestiços, que se comprimiam, que se agrupavam, desconfiados.

Therezinha estava acompanhada. Ao seu lado empertigava-se, mettido num jaquetão preto, o pae, o Dr. Manoel Rodrigues, velho amigo do marido de D. Catharina, deputado estadual, membro do Directorio, figurão da politica. Era alto, moreno, amavel, falando pausadamente atravez dos bigodes grisalhos.

Trazia, além da filha, a mulher, D. Thomasia, uma senhora gorda e clara; e um filho, o Tito, de dez annos, magrinho e pallido, que resmungava com somno.

Therezinha era morena como o pae, de estatura commum, graciosa, tentadora. Tinha o rosto oval e bem feito, os olhos castanhos e doces, dentes magnificos, brilhantes, que expunha num esplendente sorriso. Bem educada, viajada, com uma instrucção acima de mediocre, atravessou a vida até os dezenove annos sem uma affeição que a impressionasse.

Nessa noite, ella e Luiz Negreiros conversaram, divagaram, sorriram. Depois, novamente se encontraram, ora em casa de Pedro Mariano, ora nas festas, nas ruas, com intimidade: ella, cada vez mais risonha; elle, com estranha languidez nos olhos negros.

Cinco mezes mais tarde dizia á D. Catharina que a Therezinha era linda, e que elle andava com idéas de casamento. Veio-lhe a idéa uma noite, já tarde, quando a chuva peneirava sobre o telhado do seu quarto, e havia pela casa deserta um frio amavel. O isolamento e a baixa da temperatura fizeram-no pensar numa companhia feminina. A digna senhora pensava tambem que a vida de solteiro era triste e trazia máus pensamentos. Pedro Ma-

riano sustentou que a idéa do Agronomo era simplesmente lugubre.

Correram mais trez mezes de encontros e de olhares. Cresceu prodigiosamente a idéa que assaltou Luiz Negreiros numa noite de inverno. Therezinha correspondeu a essa idéa, e olhava para elle com um olhar onde havia uma doçura transparente. Elle já declarava sinceramente á D. Catharina e ao filho que eram os olhos da Therezinha que o traziam radiantes de felicidade. Mas no dia seguinte não eram apenas os olhos; eram os dentes que brilhavam no mais lindo dos sorrisos. Depois, affirmou que talvez fosse o cabello. E um dia jurou que positivamente, definitivamente, o que o perdera fôra o andar elegante e sereno da moça. Na noite, porém, em que disse que a Therezinha o seduziu pela intelligencia e pela bondade — Pedro Mariano bradou, indignado:

— Você é maluco! Um grande maluco, é o que é.

Luiz Negreiros recuava, assustado com o desabrimento:

— Mas, por que? Por que?

— Um idiota! Você já me disse esta semana que se casava porque a Therezinha possuia uns braços lindos; depois, era só por cau-

sa das mãos; depois, pelos pés; depois, pela bocca; depois, pelos dentes. Ora bolas! Isso é de doido ou não é? Olhe! Não admitto mais confidencias. Peça a Therezinha, case-se, e deixe-me em socego. Ouviu?

Emfim, pediu-a em casamento, em Maio. Mas em Julho, no Rio Branco, foi accommettido pela fascinação do Teso do Ouro; e seis mezes depois das attribuladas viagens atraz das minas — esquecido da noiva e do mundo — recebeu uma breve carta da Therezinha devolvendo-lhe toda a correspondencia e todos os presentes, e declarando que não desejava para marido um **Judeu errante!**

VII

Luiz Negreiros estava na sala, diante da mesa de estudos, quando ouviu pancadas na porta que dava para a escada. Levantou-se, torceu o trinco e viu-se em frente a um homem que o cumprimentava:

— Bôa tarde, Dr. O Guarda-mór manda dizer que a "Sereia" vem entrando agora mesmo.

O Agronomo interrogava o homem:

— A "Sereia"? Chegou?

— Sim senhor. Já deve estar na boia, esperando a visita. Depois atracará no **fluctuante**.

Era um sabbado sombrio nos fins de Outubro. Dó céo escuro cahia um aguaceiro a prumo. Pelas ruas, rente ás calçadas, a agua jorrava para os exgottos num ruido de enxurrada; e por toda parte havia um socego dormente.

O homem recebia a gorgeta, descia a escada, encharcado, rosnando contra a chuva que, desde as onze horas desabava sobre a cidade. Luiz Negreiros, attonito, no meio da sala, via-o descer os degráos deixando pégadas humidas. Depois, atravez das vidraças, observou a rua e o caes. Sobre o Rio Negro desdobrava-se, cinzento e baixo, immenso nevoeiro, e apenas podia entrever para além da muralha da **Manáos Harbour**, vultos indistinctos de botes que passavam devagar junto á margem do rio. Alli esteve alguns minutos, sorrindo, num largo desafogo de alegria. Mas, sem esperanças de enxergar a "Sereia", preparou-se para sahir.

Pouco depois, resolvido a affrontar o aguaceiro, metteu-se na capa de borracha, sahiu, caminhou para o **Roadway**, ligeiro, saltando entre as pôças no meio da rua.

A "Sereia" não atracara ainda, e elle, impaciente, passeiava sob a coberta de zinco do **fluctuante**, esperando, a perguntar porque tanto demoravam as visitas do porto. Emfim, a lancha manobrou, apitou, approximou-se. Vinha atestada de passageiros e carga, numa pavorosa promiscuidade.

Luiz Negreiros varava com os olhos inquietos toda a embarcação, procurando o ami-

go por entre a confusão dos seringueiros, dos carregadores, das bagagens, dos caixotes empilhados. Nada viu; foi observar na prôa, e na prôa, junto ao Immediato que lançava uma ordem, estava o vulto pequeno e risonho de José Belmonte! De um salto, alcançou a borda da lancha, rompeu a massa dos passageiros que abriam alas, espantados com aquelle homem agigantado que violentamente varava a multidão. E alli mesmo agarrou o amigo, suspendeu-o num abraço:

— Bôa viagem? Bôa saude?

O Engenheiro firmava-se no convez e falava:

— Bom; tudo bem; tudo magnifico!

E immediatamente, com uma ansiedade que lhe dilatava os olhos:

— O Pedro? Continúa com a mesma intenção? Não mudou? Que disse da minha carta? Você não explicou nada quando me escreveu.

Luiz Negreiros levou-o para o outro canto onde não havia ninguem, e informava alegremente:

— Não tive tempo de explicar-lhe tudo. Pedro leu a sua carta; leu-a impressionado; duvidou de tudo; mas de repente, resolveu; disse que ia tambem.

Nesse momento, o Immediato, que terminava as manobras, veio abraçar o Agronomo; e ficaram os trez na prôa, conversando, emquanto José Belmonte ardia de impaciencia. Emfim, o Immediato retirou-se, reclamado por um sujeito magro que bradava contra a balburdia de bordo e exigia um mutúm que fugira da gaiola. José Belmonte entregava a bagagem a um carregador e desembarcava pressuroso. Descendo o **Roadway**, tomou o braço do amigo, soffrego:

— Então, o Pedro vae comnosco!

— Vae!

— E' incrivel! E' de assombrar! Sempre pensei que elle mudasse de idéa, depois da carta. Incrivel!

— Vae — repetia Luiz Negreiros, sorrindo ao espanto do Engenheiro. D. Catharina resolveu ir passar um mez ou dois no Autaz, onde está o Dr. Rodrigues com a familia. Elle, por isso, decidiu ir comnosco. Mas, com franqueza, acho o Pedro sem enthusiasmo, sem o nosso enthusiasmo...

— Pedro é rico, Luiz. Não precisa de minas de ouro; não poderá ter a nossa ambição.

Como José Belmonte estranhasse o passeio ao Autaz, elle, de braço dado ao longo do

Roadway, explicava o motivo: os convites continuos da Therezinha; o desejo de repouso da digna senhora; talvez a saudade da vida campestre; talvez a idéa de não os deixar partir para tão arriscada viagem sem a companhia e a experiencia do filho. E terminou com alegria:

— O que é inacreditavel, Belmonte, é que tudo isso venha tão certo, tão a proposito. Eu estou sem serviço agora; Pedro, apesar do horror ás viagens, está positivamente farto de tanta inercia e de tantos annos de cidade. D. Catharina anda saudosa, com evidente nostalgia bucolica. E todos com saude, todos interessados pela expedição, pela mina. Não é singular tanta coincidencia?

Mas José Belmonte não achava nada singular — achava tudo delicioso, adoravel, magnifico!

— Esplendido! Tudo esplendido! E' a felicidade, Luiz. E devemos segural-a com força.

— Devemos segural-a! — dizia Luiz Negreiros agarrando o braço do amigo. Não a deixemos fugir...

Commovia-os essa felicidade, tão prompta, tão bôa, que se encarregava de afastar to-

dos os entraves; e preparava tudo, velava por tudo, como uma fada solicita.

O Agronomo lembrava-se de que certa vez falara nisso a Pedro Mariano; e elle dissera entre uma baforada do **Canadian**, depois do jantar:

— Realmente, nunca vi tanta sorte; tanta coincidencia! Até a Maria de Jesus precisa de leite e repouso. Queixava-se todos os dias de pontadas nas cadeiras. Mandei chamar o medico, elle examinou-a e disse que ella tinha não sei que nos rins. Precisava apenas de repouso e de leite, muito leite, um mez inteiro. Ora, no Autaz, afóra a Therezinha, só tem que preste o leite; e ha leite em abundancia, á vontade, ás frasqueiras, purissimo. E' formidavel! Até a Maria de Jesus. Até os rins da criada contribuem para a viagem!

Ambos sorriam da observação de Pedro Mariano. Galgavam o ultimo lance do Roadway, sahiam na Praça da Matriz. José Belmonte falava arfando:

— Esse Pedro! Estou doido por abraçal-o. Mas vamos para casa, porque antes de tudo, preciso de um banho. Estou immundo. Ha quinze dias que vivo no meio de seringueiros, de bichos, de borracha. Um inferno! A' noite assentaremos logo a viagem. Logo! Não

devemos perder tempo porque o inverno não tarda.

Luiz Negreiros caminhava ao seu lado, no meio da rua, resfolegando tambem:

— Não devemos perder tempo. O inverno vem ahi. São seis da tarde; vou telephonar ao Pedro.

Pedro Mariano, avisado pelo telephone da chegada da "Sereia" e do Engenheiro, aguardava agitado os dois amigos. E quando elles, ás oito da noite, invadiram a sua casa, exultou, abraçou-os na sala de jantar, exigindo alli mesmo, immediatamente, a historia da mina. Para maior tranquillidade, ordenava alegremente:

— Fechem a porta da rua. Não estou em casa; mudei-me; levei o diabo.

Voltou-se para os dois e pediu:

— Venha a historia toda! A carta não me satisfez; estava mal escripta e confusa.

José Belmonte, collocado entre os dois, desenrolava a sua narrativa, desde que partiu do seringal até a noite famosa da revelação do Francisco. De vez em quando vinham perguntas e apartes, e D. Catharina ora sorria nos lances alegres, ora arfava de emoção nos episodios tristes.

Terminou, afinal. A bôa senhora, impressionada, muda, tomava a cestinha de costura, ia para o canto costumado. Os trez homens ficaram em frente á porta que dava para o quintal e os Educandos. Pedro Mariano estirava as pernas na poltrona de vime e falava com gravidade:

— Estamos, pois, convencidos de que existe esse ouro entre o rio Sucundury e o rio Aripuanã, num certo igarapé, mais ou menos a meio caminho de quem parte da cachoeira do Puraquê para o ultimo desses rios. Vocês, pelo menos, estão certos disso!

— Certissimo! Atalhou Luiz Negreiros, com uma convicção que flammejava. Apesar de vocês pensarem que eu enlouqueci durante o tempo das minhas pesquizas, nunca perdi a esperança de ver o ouro do Amazonas. Ahi está!

— Tambem não tenho duvidas — emendou o Engenheiro. Luiz tinha razão. Esse ouro deve ser de alluvião, como o ouro do Rio Branco, da Guyana Ingleza e da Venezuela. Vem certamente do planalto de Matto Grosso, arrastado nas torrentes fluviaes.

Pedro Mariano proseguia serenamente:

— Não sei; sou um animal cheio de duvidas. No entanto, penso que ha ouro em al-

guma parte do Amazonas. Pode ser, pois, que esteja por ahi, nesse fim de planalto. Geologicamente é admissivel.

Calou-se, como se não quizesse entristecer os amigos com palavras de duvida. Mas, vendo-os silenciosos, continuou:

— Resta-nos, portanto, retirar esse ouro, transportal-o para Manáos e assombrar o Mundo. Isso, meus amigos, é o peior, mas nós o faremos. Vou expor o meu projecto, isto é, o que eu penso, e o melhor modo de irmos colher esse lindo metal perdido no matto.

No socego que se fez em toda a casa, traçou o roteiro da expedição. Conhecia o Sucundury até a cachoeira de Santa Maria, onde fôra uma vez em busca de **cáucho** acompanhando um sujeito do Urariá. Nada fez, nada encontrou, e voltou atacado de impaludismo. O trajecto melhor, mais accessivel, — pensava — seria pelo rio Canumã que desembocca no Madeira pelo Paraná do Canumã, estreito, immenso, navegavel, duas horas abaixo da Villa de Borba. Iriam ao Acary, á Maloca do indio que promettera guial-os. Subiriam, então, o Sucundury, que é apenas um prolongamento do Canumã. No tempo em que partiriam, Novembro, esses rios tomavam as primeiras aguas, e seria mais facil transpor as cachoei-

ras até a do Puraquê, ponto de partida para o centro.

Os dois amigos applaudiam o projecto de Pedro Mariano. José Belmonte affirmava, tomado de larga admiração:

— Deve ser isso mesmo! Eu ainda não tinha pensado nos detalhes.

— Nem eu — dizia Luiz Negreiros, impressionado com a exposição da longa viagem.

Pedro Mariano levantava-se, convidava-os para verem o roteiro que elle rascunhara numa folha de papel de desenho aberta sobre a mesa de jantar. E ahi, todos de pé em volta da mesa, dizia ironicamente:

— Vocês não pensaram em cousa alguma, isto é, pensaram em trazer todo o ouro, em deixarem bem limpo o igarapé! Já é grande cousa!

José Belmonte defendia-se com presteza:

— Eu não podia pensar nos pormenores. Comprehenda: sempre viajando, trabalhando...

Tristemente, Luiz Negreiros se desculpava:

— Nem eu! Esperando o Belmonte... inquieto...

Com o seu fino sorriso, Pedro Mariano replicava:

— Não podiam. E' claro. Um viajando; o outro, parado. Era impossivel! Vocês têm razão.

Mostrava o roteiro, guiava-os pelos riscos a lapis vermelho na immensa folha de papel. Por fim, dava os ultimos planos. Como D. Catharina teria de ir ao Autaz, o melhor seria descerem pelo Amazonas, subirem o Autaz, deixal-a na Fazenda com a Therezinha. Proseguiriam então, entrariam no Paraná do Maderinha, desceriam pelo Madeira até o Paraná do Canumã. Numa lancha de boa marcha fariam toda a viagem, de Manáos á cachoeira do Biribá (ultimo ponto de navegação para uma lancha) em doze dias mais ou menos.

— Perfeitamente! — dizia José Belmonte ao vel-o terminar. Tudo muito bem. E depois? Você pensou tambem no resto da viagem — do Biribá ao Puraquê? Isso é muito mais serio!

Elle dobrava o mappa lentamente:

— Pensei em tudo. Eu não estava viajando como você, nem parado como o Luiz. Estava apenas trabalhando.

Explanou a sua idéa. Fretariam uma lancha a vapor, pequena, com o respectivo batelão, onde houvesse algum conforto. Comprariam uma **igarité** e uma bôa **montaria**. A lan-

cha os levaria até o Biribá, e dahi por diante seguiriam a remo, a gancho, a forquilha, a varejão, nas outras embarcações, galgando as cachoeiras que são innumeraveis.

— Pelos meus calculos — dizia — precisaremos, para essa pavorosa loucura, de dez contos de réis. Dez contos, no minimo. Farei todas as despezas, e no fim, vocês me reembolsarão. E' melhor. Estão de accordo?

Perfeitamente. Disseram os dois ao mesmo tempo.

— Então — proseguiu — na segunda feira tratem de escolher a lancha e o batelão. As canôas ficarão por minha conta; o rancho tambem; as armas tambem. Exijo a chefia da expedição e quero obediencia absoluta. Acceitam?

Ambos acceitaram, juraram obediencia. Elle terminou, rapidamente:

— E no sabbado proximo, tudo de promptidão, a postos... e larga!

Concluiu com enthusiasmo, alegre, animado, como se lhe voltassem — depois de tantos annos de indolencia — o calor e a intrepidez dos tempos em que atravessou toda a planicie, lutando e soffrendo!

VIII

Com o pretexto de um passeio ao Autaz, Pedro Mariano e os dois amigos se haviam despedido de algumas pessoas, antes da viagem. E ninguem poude suppor que esses trez homen, tão simples, tão pacatos, se fossem lançar, com tão arrogante coragem, numa aventura sensacional.

José Belmonte contractou uma lancha a vapor, a "Jacy", pequena, porém, possante, de convez unico; e um batelão de madeira, novo, onde havia, á prôa, o camarote com dois beliches. A' ré ficavam a dispensa, a cosinha, os apparelhos sanitarios. A' meia nau, o salão que servia para as refeições, para dormitorio e para as bagagens.

Depois de conseguir as duas embarcações, respirou, descançou, como se concluisse a dif-

ficil organisação de um mundo. Luiz Negreiros acompanhava-o pacientemente, de estaleiro em estaleiro, de casa em casa, obediente, risonho, concordando com todas as resoluções do companheiro. E na quinta-feira, quando o viu assignar o contracto de fretamento, abraçou-o mesmo na rua, sensibilisado:

— Você é admiravel! E' quasi genial! Que presteza; que segurança!

José Belmonte suspirava, fatigado:

— Fiz o que pude. O Pedro vae ficar encantado com as embarcações.

Durante esses dias, Pedro Mariano viveu dentro de um turbilhão de affazeres. Comprou as duas canôas, as armas, as conservas, uma infinidade de objectos. Ainda foi examinar a lancha e o batelão, ainda procurou um homem de confiança para o commando, ainda verificou, determinou, adquiriu uma centena de cousas, velando pela segurança e pelo conforto da expedição.

E no sabbado á tarde, tudo prompto, tudo organisado, a "Jacy" ligada, jungida ao costado do batelão, (como se as duas embarcações formassem uma peça unica) atracava no **Roadway**. A's cinco horas, os trez homens, D. Catharina e Maria de Jesus com a Zizi nos braços transpunham a prancha de bordo.

A lancha manobrava, desligava-se do fluctuante, apitava, fendia suavemente as aguas mansas do Rio Negro. A tarde era clara e quieta. Do céo transparente descia uma tranquillidade azulada, e a lamina escura do rio tinha, sob as incidencias dos ultimos raios do sol, um brilho deramado e doce.

Seguia devagar por entre as boias e os vapores fundeados. Deixava a praia do Mercado atulhada de canôas, a Serraria Sá, o igarapé dos Educandos. Mais adiante renteava a Colonia Oliveira Machado com as casinhas no alto da encosta fulgindo ao poente; a Ponta Pellada, e á direita a ilha de Marapatá, rasa, deserta, pequenina, guardando na lama do chavascal o doloroso sarcasmo da sua lenda.

Deixava a ilha e tentava a travessia do Rio Negro. A bordo cessara a balburdia das ultimas arrumações. Na lancha, onde ia apenas a guarnição, havia um silencio de ordem. Pedro Mariano vestiu uma blusa de mescla e poz á cabeça um velho gorro de viagem. E no batelão, sentados, pensativos, calados, sentindo a melancolia crepuscular, os tres homens olhavam ora o esplendor do céo estranhamente colorido, ora a agua do rio lustrosa e negra, borbulhando na prôa.

Luiz Negreiros tirava o bonnet, olhava os companheiros e falava com gravidade, como se desafogasse o largo peito:

— Emfim, meus amigos! Depois de mais de um anno de esperanças e lutas! A tenacidade é meia victoria; e vocês tomaram a minha tenacidade como loucura.

Recostado a um dos balaustres, Pedro Mariano deitava ao rio a cinza do cigarro. Depois, com o eterno desejo de contrariar o Agronomo:

— Não foi a tenacidade, Luiz. Foi o acaso. Foi a estrella do Belmonte. Na vida tudo depende do acaso e de uma boa estrella; tudo, até a politica! Até as minas de ouro. Se não fosse o Belmonte você passaria toda a vida viajando e procurando ouro no Amazonas.

Elle protestava com agitada vehemencia. Aquella viagem era, afinal, o resultado, o remate feliz da idéa que o empolgou uma tarde nos Campos Geraes do Rio Branco. Não fosse essa idéa, não fosse a sua convicção da existencia em algum recanto do valle de outra mina como a do Teso do Ouro; não fosse a sua obstinação desesperada atraz desse minerio, os seus atrozes soffrimentos, a piedade que despertou em José Belmonte o interesse tão vivo, tão permanente — não fosse todo esse

encadeiamento de factos, jamais chegariam á delicia daquelle momento em que todos trez, cheios de coragem, partiam em busca desse ouro que já os fascinava, rutilando num leito de igarapé.

Terminou erguendo-se com um enthusiasmo que parecia elevar ainda mais o corpo rijo de gladiador romano:

— Negue-me tudo, Pedro, menos a iniciativa de toda essa extraordinaria aventura que se vem desenrolando desde a tarde do Teso do Ouro até hoje. Foi assim, numa tarde como esta, sob o deslumbramento do crepusculo amazonico, que nasceu o meu sonho maravilhoso.

Emmudeceu um instante, lançou os olhos sobre a agua que refulgia, negra e mansa, até a foz monstruosa. E contemplando a majestade das aguas e o estranho fulgor do poente — murmurou como para si proprio:

— Foi assim, justamente a esta hora, num momento como este, sob a tristeza do sol moribundo, que ha quatorze mezes desci a uma cova lugubre e tive entre as mãos esta pepita que tanto me perturbou!

Os dois homens calavam-se, commovidos, ouvindo-o falar e gesticular com a doçura e a serenidade de um propheta. Elle mettia a

mão no bolso interno da blusa, desdobrava um pequeno embrulho de papel e expunha aos olhos dos amigos a pepita encantadora que trazia sempre como adorada reliquia. Ambos olharam, admiraram a interessante palheta de ouro que se assemelhava a uma folha de avenca. José Belmonte mirava-a e dizia sorrindo:

— Linda! Vamos ter nas mãos muitas dessas. O igarapé nem tem areia — é só ouro, muito ouro! Pelo que disse o indio... é de assombrar!

Pedro Mariano continuava silencioso. A sombria magnificencia da natureza, a voz grave do Agronomo, a sua attitude de athleta pensativo, a brandura dos gestos, o amargor das recordações desses mezes de tormentos em que perdeu a fortuna, a saude, a noiva, todos os interesses — davam-lhe vontade de abraçal-o, de consolal-o de todos os dissabores, de offerecer-lhe a sua lealdade, os seus bens, á sua vida para a conquista desse ouro longinquo. E da cadeira onde estava, recostado ao balaustre, fitando o rosto de Luiz Negreiros, falou, emocionado:

— Tudo passou, Luiz, — os seus martyrios, as duvidas, as decepções. Tudo isso passou como um pesadelo. Aqui estamos agora, todos trez, promptos e confiantes nesta empre-

za. E com os nossos esforços, com a nossa fé e com a bondade de Deus, levaremos a termo a expedição. Nada de tristezas nem de recordações. Coração á larga, e avante!

José Belmonte levantava-se e repetia com exaltação:

— Avante! Para o diabo a tristeza. Estamos em frente ao Xiburena; depois entraremos no Amazonas. E eu estou com uma fome terrivel!

A "Jacy" defrontava o paraná do Xiburena. Nesse momento, Maria de Jesus surgia na prôa e perguntava ao patrão se queria o jantar. Elle respondia:

— Não; espere um pouco; quinze minutos apenas. Jantaremos depois do encontro dos rios, quando estivermos em aguas do Amazonas.

A lancha aproava para a costa da Terra Nova numa recta firme. Na prôa, em frente á roda do leme, onde o marinheiro manobrava attento, o Pratico acenava indicando a róta. No batelão todos queriam ver a travessia, o choque das duas correntes, as placas escuras do Rio Negro aflorando sobre as aguas barrentas do Solimões. Ao cortar uma dessas placas, a "Jacy" cahiu no rodopio de um re-

bôjo. A agua jorrou na prôa roncando, espumando, e as duas embarcações gemeram como se uma força occulta tentasse separal-as. O Pratico ordenava, impassivel, de olhos pregados nas aguas alvoroçadas:

— A bombordo...

Mas, não satisfeito com a ordem, collocou-se ao lado do marinheiro, segurando as malaguetas do leme.

Pedro Mariano tinha um vago sorriso na face redonda, e admirava o grandioso scenario: —o Solimões, impetuoso, barrento, encrespado, arrojando á foz a enormidade das suas aguas, as suas ilhas de cannarana, galhadas seccas como espectros boiando na correnteza. O Rio Negro, calmo, lustroso, escuro, oppondo áquella furiosa investida a formidavel resistencia da sua grandeza.

Seduziam-n'o os aspectos differentes das terras por onde corriam os dois grandes rios — as do Solimões, baixas, atravessadas de igarapés, de **furos**, de paranás, com os barrancos a pique, pardos, quebradiços, sustentando na sua fragilidade de **terra cahida** uma vegetação adventicia de **ueranas** e **embaúbas**. As do Rio Negro, até a distante costa do Tabocal, altas, pedregosas, multicores, estendendo aqui e alli pittorescas brancuras de praias.

IX

A "Jacy" mantinha a mesma velocidade, e durante toda a noite navegou sem incidentes. Percorreu a Terra Nova, o Tabocal, o extenso Paraná da Eva, todo o littoral até o Amatary, e penetrou no Autaz ao amanhecer. Durante esse percurso apenas uma vez interrompeu a marcha, atracou num barracão e encheu de lenha os porões.

Os trez homens, fatigados, amollecidos por sete dias de excessiva actividade, deitaram-se ás nove horas, após o café. José Belmonte e Luiz Negreiros ataram as rêdes no salão de meia-nau do batelão. Pedro Mariano, affrontando a humidade, esticou a maqueira de tucum entre dois balaustres da prôa.

O dia surgiu ennevoado. O Autaz, sinuoso e tranquillo, apparecia todo envolvido num nevoeiro pardo, que descia dos ares e cahia

Mas o sol desapparecia de vez. Tudo se confundia na sombra densa. A "Jacy" transpunha os ultimos **rebôjos**, renteava a immensa costa da Terra Nova, navegava nas aguas do Amazonas.

riano propunha que se demorassem na **Bella Vista** — a Fazenda onde estava o Dr. Rodrigues com a familia — apenas um dia. Partiriam, então, na tarde seguinte, dizendo a todos que iam ver um seringal do Belmonte, no Sucundury. Assim, ninguem suspeitaria daquella celebre viagem.

Conversando, planejando, fumando, viam passar as horas da insipida manhã. A chuva cahia, sempre fina, tangida pelo vento que rodopiava, corria pela embarcação. Na lancha os marinheiros approximavam-se da caldeira forrada de asbesto, esfregando as mãos. Na prôa, atraz da roda do leme, o Pratico recostava-se á parede do camarote, friorento, embrulhado numa capa de lã. E a "Jacy" cortava as aguas arrepiadas do Autaz, serena, quasi silenciosa, entre o nevoeiro e o chuvisco.

Depois do meio dia, quando terminava o almoço, o tempo começou a clarear. A chuva e o vento passaram, e todo o Autaz apparecia, emfim, claro, alegre, lavado, expondo á luz indecisa do sol a alegria das suas paizagens.

*
* *

Eram cinco da tarde quando a lancha, ao fim de um **estirão**, apitou, annunciando a che-

gada. E minutos depois manobrava, lançava o cabo para a terra, atracava no barranco, em frente á **Bella Vista**.

Na grande casa da Fazenda surgiam pelas janellas pessoas olhando, indagando. Um criado do Dr. Rodrigues descia até a margem e perguntava para bordo, de ordem do amo, o que desejavam. Mas de subito appareceram na prôa do batelão os trez homens e D. Catharina. O criado, espantado, voltava, corria para casa, gritando pelo caminho:

— E' seu Pedro! E' o Dr. Belmonte! E' D. Catharina! Venham vêr! Venham vêr!

Therezinha apparecia no alpendre lateral, e vendo o alvoroço, perguntava, interrogava o criado:

— Que foi? quem chegou?

Elle repetia, berrava para o alpendre:

— Seu Pedro! D. Catharina! Dr. Belmonte! Tudo ahi, na lancha. Tudo ahi.

Therezinha desceu ao porto, ligeira, acompanhada pela mãe e pelo irmão. De bordo lançavam a prancha, e Pedro Mariano desembarcava, abraçava-os, informando rapidamente:

— Foi uma surpreza. Mamãe acceitou o convite da Therezinha. Nós iamos ao Sucundury ver um seringal do Belmonte; então,

ella veio comnosco; e vae passar um mez por aqui, com vocês.

Therezinha exultava, queria ir logo a bordo ver a sua hospeda. Nem podia esperar essa alegria; nem pensava que D. Catharina acceitasse o convite. E olhando atravez da lancha que occultava o batelão:

— Não a esperava. Achava tão difficil a viagem! E uma surpreza assim... logo hoje, dia dos annos do Tito! Que alegria para Papai; para todos nós!

Pedro Mariano agarrava o pequeno, suspendia-o sorrindo:

— Ah! Seu peralta; faz annos hoje! Logo hoje, na nossa chegada. Então temos festa! Logo vi: a casa toda aberta... E' baile?

D. Thomasia, a mãe do Tito, respondia acariciando a cabeça do filho:

— Uma festinha para nos distrahirmos. O Rodrigues convidou esses visinhos por ahi. Vocês sabem como elle caduca com o Tito...

Nesse momento Therezinha segurava o braço da mãe, mostrava-lhe a prancha por onde desciam devagar D. Catharina, José Belmonte, e logo atraz, Luiz Negreiros, com o seu ar de circumspecção e polidez. Foram novos abraços, novos cumprimentos ao Tito. Apenas, no meio dessas expansões, houve um ins-

tante de retraimento e frieza. Foi quando Therezinha, muito séria, muito pallida, apertou silenciosamente a larga mão do Agronomo. Elle retribuiu o aperto, nervoso tambem, perfilado, aprumado, com exagerada serenidade. D. Catharina observava-os penalisada, como se lhe doessem no fundo da alma aquelles modos de rigorosa cortezia.

Seguiram, então, para a grande casa da Fazenda, conversando, sorrindo, commentando o inesperado daquella visita. Pelo caminho pararam, abraçaram o Dr. Rodrigues, que dava o braço á D. Catharina e dizia que fôra Deus que os mandava para a festa do Tito.

*
* *

A noite desceu estrellada e serena. No porto de Bella Vista aprôavam de momento a momento **montarias** e **igarités** cheias de convidados. Uma orchestra composta de um violino, uma clarineta e dois violões, tocava no alpendre uma série de valsas antigas. E todos dansavam, rodavam pela sala immensa.

Apenas Pedro Mariano (porque jamais apprendera a dansar) conservava-se a um can-

to palestrando com Luiz Negreiros, que com uma nevralgia pessimamente fingida, olhava os pares e criticava os dansadores.

Houve um momento em que ambos riram cruelmente. Foi ao verem apparecer na sala José Belmonte de braço dado a uma Fazendeira rica, obesa, enorme, que lhe foi apresentada pelo Dr. Rodrigues. O Engenheiro sobraçava a matrona immensa, rodava, rolava, nas pontas dos pés, offegando no esforço, emquanto a orchestra atacava uma valsa.

Mas o momento formidavel, o momento sensacional do baile, foi aquelle em que D. Catharina, surgindo subitamente dos fundos da casa com a Therezinha pelo braço, parou em frente a Luiz Negreiros, e pediu com o mais natural dos sorrisos:

— Faça o favor — vá dansar esta valsa com a Therezinha!!!

Foi quasi um escandalo no grupo. Pedro Mariano abria os olhos numa duvida esgazeada. José Belmonte erguia-se rapido, como se pedissem a sua intervenção para separar dois inimigos que se iam devorar alli mesmo, na sala de baile. Luiz Negreiros, paralysado de assombro, tinha um aspecto immovel de estatua. Lentamente se levantou da cadeira, lentamente ergueu o grande corpo, como se uma

força invisivel houvesse travado os seus movimentos. E emfim, de pé, o grosso braço num angulo rigido, approximou-se da moça, que tambem calada e livida, depunha de leve a mão naquelle esteio robusto.

Sahiram ambos para o meio da sala. Pedro Mariano e José Belmonte respiravam, afinal, e ao mesmo tempo interpellavam a digna senhora:

— Mamãe!

— D. Catharina!

Ella deixou que o par desapparecesse entre os outros pares. Depois, voltou-se para os dois homens; e muito serenamente murmurou:

— Vocês têm uma ambição, um grande desejo; a mina do Sucundury. Eu tambem tenho direito, apesar de velha, de desejar alguma cousa... Foi por isso que os acompanhei até aqui. E graças a Deus o meu desejo se vae realisando...

Elles calavam-se, surprezos, comprehendendo, afinal, que tudo aquillo, todo o sacrificio, toda a ansiedade de D. Catharina, era apenas a tentativa daquella approximação; o desejo de reatar esse noivado que fôra uma das maiores alegrias da sua velhice. Assim o desejava, assim o fazia...

to palestrando com Luiz Negreiros, que com uma nevralgia pessimamente fingida, olhava os pares e criticava os dansadores.

Houve um momento em que ambos riram cruelmente. Foi ao verem apparecer na sala José Belmonte de braço dado a uma Fazendeira rica, obesa, enorme, que lhe foi apresentada pelo Dr. Rodrigues. O Engenheiro sobraçava a matrona immensa, rodava, rolava, nas pontas dos pés, offegando no esforço, emquanto a orchestra atacava uma valsa.

Mas o momento formidavel, o momento sensacional do baile, foi aquelle em que D. Catharina, surgindo subitamente dos fundos da casa com a Therezinha pelo braço, parou em frente a Luiz Negreiros, e pediu com o mais natural dos sorrisos:

— Faça o favor — vá dansar esta valsa com a Therezinha!!!

Foi quasi um escandalo no grupo. Pedro Mariano abria os olhos numa duvida esgazeada. José Belmonte erguia-se rapido, como se pedissem a sua intervenção para separar dois inimigos que se iam devorar alli mesmo, na sala de baile. Luiz Negreiros, paralysado de assombro, tinha um aspecto immovel de estatua. Lentamente se levantou da cadeira, lentamente ergueu o grande corpo, como se uma

A sorte encarregou-se do resto. Luiz Negreiros e Therezinha dansaram a valsa. Ao principio estiveram mudos, reservados, impenetraveis — elle, muito afastado, muito perfilado, o olhar perdido pela sala e pelos moveis; ella, de olhos baixos, deixando-se arrastar docilmente.

Quasi ao meio da valsa houve um breve incidente: um sujeito que dansava meio adoidado, com o braço em pontaria, esbarrou na Therezinha, que pisou duramente o pé do Agronomo. Ella, então, fitou-o, supplicando:

—Perdôe-me; foi sem querer...

Elle replicou logo, rubro, atarantado:

— Oh! Mas a culpa foi minha. Eu devia ter evitado o encontro...

Therezinha gracejava, numa leve ironia:

— Sempre é sua toda a culpa. Mas eu tambem fui muito má... certa vez...

— Muito! Demais! E injusta!

Ella baixava os olhos novamente:

— Sei que não mereço perdão. Tenho soffrido tanto por isso; por essa leviandade...

Houve depois um murmurio. Mais tarde conversavam vivamente; e ao fim da valsa sorriam como no tempo do noivado. A orchestra ganiu outra valsa — elles valsaram outra

vez, sob o olhar de caricia de D. Catharina e a observação persistente do Dr. Rodrigues.

Pedro Mariano conformou-se logo com a vontade da mãe. José Belmonte resignou-se, riu daquelle capricho, dansou com a Therezinha, e perguntou-lhe com atroz naturalidade:

— Então, temos pazes? Temos namoro? Temos nova edição do noivado? Nunca previ esse desastre, Therezinha! Fiz o possivel para evital-o; fiz tudo pela felicidade sua e do Luiz. Mas veio sempre o desastre: a paz, o segundo noivado, talvez o casamento. Coitados! Vocês não mereciam esse castigo...

Ella repellia aquellas expressões:

— Desastre? Por que? Você, como é celibatario, pensa que é desastre. Ha de ser castigado um dia. Ha de pagar caro! Hei de vel-o só, toda a vida, sem familia, velho, abandonado no mundo. E ninguem ao seu lado, nem para um consôlo. A minha praga ha de pegar!

— Amem! Atalhava José Belmonte alegremente.

X

D. Catharina reatava o noivado de Luiz Negreiros porque sentia nas maneiras e nos suspiros do Agronomo, o desgosto que o verrumava. Quanto á Therezinha, comprehendeu logo, desde a sua estouvada carta de rompimento, que a esmagava um grande remorso. Dahi o excesso de carinho, as cartas poeticas sobre o Autaz, os convites, como se adivinhasse que era por alli, pela desmedida bondade da excellente senhora, que ella poderia renovar o seu compromisso de casamento.

Foi por isso que D. Catharina resolveu acceitar o convite, que se resignou áquelles dois mezes de separação do filho, que partiu para as doçuras do Autaz, alegre, radiante, escondendo de todos o seu delicioso projecto. E ao chegar, na primeira noite, nos primeiros momentos do baile, foi logo á Therezinha,

confessou o seu desejo, impoz a reconciliação. Facilmente conseguiu tudo. Therezinha reconhecia que fôra leviana; Luiz Negreiros apressadamente perdoou a leviandade, e prometteu nunca mais percorrer o Amazonas em busca do ouro das suas terras.

Mas, D. Catharina — ingenua intermediaria desse congraçamento — jamais podia prever que o seu modesto capricho fosse perturbar tão gravemente os designios de Pedro Mariano e dos seus dois amigos!

O destino, porém, tem singulares decisões! E foi o Dr. Rodrigues quem, inesperadamente, representou o Destino, e transformou o sereno encadeiamento dos factos...

O Dr. Manoel Theodoro Rodrigues, bacharel, proprietario, politico, era um homem socialmente amabilissimo, cortez, tolerante, flexivel. Mas, por um phenomeno psychologico interessante, invertia dentro do lar, no meio dos seus, essas attitudes publicas, e tornava-se voluntarioso, intransigente, quasi aggressivo, com um zelo demasiado á sua autoridade de chefe de familia, e um terror permanente de qualquer desobediencia.

Quando D. Catharina, depois do café, no alpendre, lhe communicou o resultado da sua intervenção, e pediu para Luiz Negreiros a

mão da Therezinha — elle franziu toda a testa e emmudeceu de subito. Ella, entretanto, explicava-se, indifferente á mudez e á transformação physionomica:

— Foi tolice dos dois; grande tolice. Ambos tiveram culpa, mas Therezinha foi leviana ao desfazer o noivado. Agora ambos reconheceram o erro, fizeram as pazes, e eu venho pedil-a em casamento para o Luiz, que para mim é quasi como um filho.

O Dr. Rodrigues franzia cada vez mais a testa e repuxava o bigode. Pensou, demorou o olhar na face da sua velha amiga, respondeu, emfim, com o ar sereno das suas grandes resoluções domesticas:

— Não lhe posso negar esse pedido. Não tenho motivos para repellir esse moço, e desejo a felicidade da minha filha. Mas não quero, não admitto jamais que novamente se desfaça esse noivado. Não admitto! Por essa razão só permitto o casamento sob uma condição. Veja bem, Catharina: sob uma condição!

— Diga qual é. Acceito. Seja qual fôr.

— E Luiz Negreiros acceitará?

D. Catharina resolutamente garantiu:

— Tambem. Responsabiliso-me por elle.

O Dr. Rodrigues encarou-a com uma seriedade gelada.

— Você sabe que as minhas decisões em cousas de familia são absolutamente irrevogaveis. Não sabe?

— Sei — murmurou ella, com um vago terror.

— Pois bem; com uma condição: — é que hão de casar-se dentro de vinte e quatro horas! Nem um minuto mais!

— Mas... Rodrigues...

— Se não se casarem dentro desse prazo, a Therezinha embarcará para o Rio; irá passar um anno com o meu irmão José; um anno ou mais, até que se esqueça desse moço.

O pasmo da senhora excedia todos os pasmos que tivera na vida! Aquella deliberação ia transtornar a viagem, os planos, os projectos do filho e dos dois rapazes. Luiz Negreiros era capaz de hesitar entre a Therezinha e a sua palavra dada. O Dr. Rodrigues sabia, como toda gente, que elles iam ao Sucundury, a um seringal do Belmonte. Nada mais facil nem mais simples do que adiarem a visita ao seringal, ou seguirem sem Luiz Negreiros. Foi pensando assim que o Dr. Rodrigues concluiu, decidido:

— Luiz pode deixar para mais tarde a visita ao seringal. Casa-se, fica comnosco, espera aqui o Pedro e o Belmonte. Assim, resol-

ve-se tudo, e direi a toda essa gente que quiz fazer uma surpreza; que esse casamento estava em segredo, marcado para amanhã.

D. Catharina dizia, atordoada:

— Elle não pode deixar de ir ao Sucundury. E' impossivel! Não lhe posso dizer o motivo; mas é impossivel!

— Casa-se — replicou promptamente o Dr. Rodrigues. Casa-se e vae depois do casamento. E' muito simples.

— Mas isso é barbaro, meu amigo. Deixe para a volta; daqui a um mez apenas.

Elle tomava um aspecto quasi sombrio. E mais franzido, mais teso:

— Você conhece-me ha mais de trinta annos, conhece-me bem; vivemos quasi juntos, quasi como um irmão do seu marido. Sabe que nunca tive duas opiniões nos casos de familia. Não insista, se não quer que haja um desgosto entre nós dois. Entre os convidados de hontem, se encontra o Juiz de casamentos deste Districto do Autaz. O Escrivão mora perto. Faz-se tudo; faz-se o casamento hoje mesmo se quizerem. E não se fala mais neste assumpto. O casamento dentro de vinte e quatro horas, ou o exilio da Therezinha, como lição, para crear juizo!

Pediu licença, retirou-se, foi para o grupo dos convidados, sereno, firme, inalteravel, como um homem que com um gesto leve da mão afasta do caminho um ramo de arbusto que o aborrece. Na sua vida domestica essa inflexibilidade por vezes lhe trouxera desgostos. Nunca, porém, se corrigiu. Por habito, por educação, por indole, creava situações dessa ordem, e mesmo que ellas trouxessem os mais desagradaveis resultados, atravessava-as impassivel, mantendo o que elle chamava com dura emphase — "o sagrado principio da autoridade."

D. Catharina, dolorosamente impressionada com o remate da sua trama innocente, reunia na sala de visitas o filho, os dois amigos e a Therezinha; e expunha angustiada a inverosimil imposição do Dr. Rodrigues.

Terminou torcendo as mãos, inquieta, amedrontada, com uma tristeza que a acabrunhava:

— Foi assim! Ou o casamento agora, dentro de vinte e quatro horas, ou o embarque da Therezinha para o Rio, desterrada por um anno. Nem sei o que faça. Vocês pensem, resolvam, decidam. Eu estou imprestavel...

José Belmonte bramia, alçando os braços curtos, furioso com aquella exigencia:

— Não é possivel! Esse homem está louco! Vamos todos a elle, e exigiremos que mude de resolução. O Rodrigues pensa que um homem se casa assim, em vinte e quatro horas, sem roupa, sem dinheiro, sem idéas, sem nada? Pensa que o casamento é acto de bom senso? Ora essa! Vamos todos a elle. Digo-lhe na cara que é doido; mais doido mesmo do que o Luiz!

Mas esses rugidos de protesto do Engenheiro não conseguiram diminuir a ansiedade e o descontentamento de todos. Luiz Negreiros queria ir ter com o futuro sogro, convencel-o de que a imposição era terrivelmente autoritaria, e comprometter-se a desposar a Therezinha no mesmo dia em que chegasse á Bella Vista, de volta do Sucundury. Voltou-se para a cadeira onde estava Pedro Mariano:

— Você não acha que é o melhor alvitre, Pedro? Fale, diga alguma cousa. Você pode resolver o incidente; é intimo do Dr. Rodrigues. Não é melhor assim?

Durante todo o agitado dialogo, Pedro Mariano conservou-se mudo, pensativo, absorvido por uma idéa que o dominava. Por fim, ao vehemente appello do Agronomo, falou calmamente, sacudindo a cinza do cigarro:

— Quem vae falar ao Rodrigues sou eu... sem demora...

Todos socegaram, respiraram num largo desafogo.

— E' melhor — atalhava José Belmonte. E' melhor. Você é amigo intimo, é o mais velho. Tem força — a força sublime dos millionarios! Ha de salvar o pobre Luiz!

— Vou falar-lhe, — proseguiu Pedro Mariano, deixando passar a exaltação. E como conheço de sobra o Rodrigues, vou dizer-lhe que o Luiz ha de casar com a Therezinha amanhã ás nove horas!

Um vivo rumor de assombro acolhia as suas ultimas palavras. Todos falavam ao mesmo tempo, todos impugnavam o seu modo de resolver o incidente. Era um absurdo, uma incoherencia, quasi um escandalo, esse casamento forjado, executado em vinte e quatro horas. O Dr. Rodrigues era positivamente um homem cheio de caprichos, mas Pedro Mariano acceitando esses caprichos, era simplesmente insensato!

Crivado, fustigado num circulo de invectivas, de perguntas, de censuras, Pedro Mariano serenamente pedia silencio e falava:

— Basta de tolices e desesperos inuteis. Amanhã ás nove horas, sem falta. Casam-se.

A' noitinha partiremos para o Sucundury. Therezinha ficará esperando o marido, e depois hão de casar-se no religioso, em Manáos.

Levantou-se, continuou, quasi com severidade:

— Conheço o Rodrigues desde a minha infancia. Foi amigo de meu pae, e é um dos meus melhores amigos. E' porque o conheço que resolvo desse modo, e bem sei que não ha nada no mundo, nada, que o faça retirar a condição imposta. Nada! O Rodrigues, meus amigos, assenta as opiniões domesticas da mesma maneira que um rochedo assenta na terra a sua base. Vocês ainda não comprehenderam que em tudo isso ha uma crueldade brutal: é o exilio da Therezinha, certo, seguro, mathematico! E' para salval-a do desterro que tomo essa resolução. Hão de casar-se amanhã ás nove horas. A' noitinha partiremos e não haverá tempo para choradeiras nem commoções. Vou falar ao Rodrigues e preparar os papeis.

Sahiu. Ficaram os outros na sala, apprehensivos, commentando o extraordinario acontecimento. D. Thomazia, avisada por Pedro Mariano, dirigia-se ao grupo e abraçava a filha e o futuro genro:

— O Pedro disse-me tudo, agora mesmo. Nem sei como não desmaiei. Meu Deus! Um casamento assim, ás carreiras, só por um capricho! E' cruel!

E ficaram todos no meio da sala enorme olhando as aguas que iam separar aquellas duas creaturas que se adoravam. O Autaz corria lã em baixo, entre a verdura macia dos campos. Na varzea defronte o gado dispersava-se, pastava quietamente, vagando entre as moitas de **colonia** e **miúm**. Na margem opposta as piassócas saltavam gritando no meio dos **murys** que forravam os barrancos. Ao longe, além da varzea, surgiram as folhas de um anningal vicejando em algum socalco da terra. E sob a luz da manhã tudo refulgia serenamente numa paz radiosa.

Luiz Negreiros deixava passar a zombaria. Depois, sempre sério, sempre grave:

— Parece um sonho; um sonho fabuloso, inaudito! Só ha na terra uma cousa evidente e infallivel — o Destino!

José Belmonte acabava de escovar o immenso casaco. Collocou-o estirado sobre o beliche, e com visivel piedade nos olhos:

— Qual Destino, Luiz! Foi a perversidade do Rodrigues. Só perversidade! Esse bandido possue a fibra diabolica de todos os politicos, e como politico, tem uma satisfação cannibalesca em lançar homens ao abysmo. Foi isso...

Elle replicou friamente:

— Não creio nessa perversidade. O que me entristece em tudo isso é a separação. Quem sabe se não irei morrer por ahi, por esses mattos? Nunca senti como agora o pavor da morte. Será esse o meu Destino? Sei lá...

— Morrer? Ora essa! Isso é tolice; é sentimentalismo; é o effeito da commoção. O que você tem é que está impressionado.

— Demais! Talvez seja isso...

Deixaram o batelão; entraram na casa toda aberta.

E ás nove horas, na grande sala de visitas, o Juiz de Casamentos encerrava o acto, peran-

XI

No dia seguinte ás primeiras horas da manhã, Luiz Negreiros pouco falou, embaraçado, atordoado, evitando perguntas e olhares. Após o café levou a Therezinha para um canto da sala de jantar, onde conversou, cochichou vagamente. A's oito horas foi ao batelão e começou a vestir a roupa de casemira com que embarcara em Manáos. José Belmonte seguia-o, affirmando que o seu amigo precisava de assistencia moral. E no camarote, escovando-lhe o paletot, interpellou-o risonhamente:

— Então, daqui a pouco, era uma vez um homem livre?! Você está com uma cara magnifica — a cara de quem perdeu tudo na vida, e procura o deserto ou a cova. Emfim, o semblante dos covardes. Com todo esse tamanho, é um covarde!

te amigos, familias e os restantes convidados da festa do Tito.

Quando o Escrivão — um sujeito magro, que morava no **Lago Preto** e bebia além dos limites — terminou a leitura do contracto civil, e o casal e as testemunhas o assignaram, o Dr. Rodrigues abraçou o genro:

— Estou satisfeito com a minha consciencia. Pode contar com um amigo.

Luiz Negreiros, pallido, retribuia o abraço:

— Sinto-me feliz; é o bastante. Muito obrigado.

D. Thomazia e D. Catharina tinham os olhos molhados. Pedro Mariano dizia ao Engenheiro, baixinho, afastado do grupo:

— Você reparou? Luiz estava livido! Deve ter sentido um abalo terrivel!

José Belmonte respirava penosamente ao seu lado:

— Você fala assim! Você, que já foi casado uma vez, que passou pelo horror desse momento! Faça uma idéa do estado dos meus nervos. Um dos meus melhores amigos! Amigo desde a infancia; desde o collegio. Tenho quasi a impressão de que fui eu a victima!

Nesse instante o criado surgia na sala com a bandeja, offerecendo bebidas. O Juiz

tomava um copo de cerveja e brindava o casal. Outros imitaram-lhe o gesto. O Escrivão emborcava de um trago o segundo calice de **cognac**.

Assim terminou o inesperado casamento de Luiz Negreiros.

O resto do dia se passou em continua agitação. Depois do almoço, começou a partida: primeiramente do Juiz, allegando negocios de castanha e gado. Depois, do Escrivão, meio tropego, os olhos mortos, indagando dos acontecimentos politicos, e arrasando a Inglaterra. Afinal, dos convidados — os recentes e os da festa do Tito. De momento a momento o Dr. Rodrigues e a familia iam ao **porto**, em despedidas. E Luiz Negreiros, durante essas curtas horas, sentia tal ansiedade e tanta melancolia, que muito claramente evitava a esposa e os amigos.

Therezinha percebeu esse sombrio tormento, e numa occasião em que o viu só, no alpendre, olhando a "Jacy" que se preparava para a viagem, interpellou-o sorrindo:

— Então, é assim?! Evita a sua mulher? Veja como nós somos mais fortes. Os homens não sabem soffrer e são egoistas...

Elle fitava-lhe o rosto gracioso, tomava-lhe as mãos commovido:

— Bem sabe porque ando assim! Bem sabe! Daqui a trez ou quatro horas...

Não concluiu, e ficou immovel, os olhos pousados nos olhos della, mudo, dominado pelo atroz presentimento que o assaltou no batelão, ao vestir-se.

Na casa todos repousavam fatigados. Nos campos em volta o gado **malhava** á sombra das castanheiras dispersas. Na outra margem do Autaz duas mulheres estendiam roupas lavadas sobre a relva. Uma ilhota de cannarana descia ao longe, na correnteza; e havia por toda parte um morno silencio de deserto.

Therezinha olhava-o risonha, como se não comprehendesse ou não sentisse a perceptivel afflicção do seu rosto. Pousou a mão no seu hombro e pediu meigamente:

— Não vá. Fique aqui commigo.

Elle sentiu um atordoamento que o fez vacillar. As boccas estavam proximas, tão proximas que o halito della, suave e tepido, parecia aquecer-lhe o peito e a alma. Curvou-se, beijou-a soffregamente nos labios, nos olhos, nos cabellos, enlaçando-a, a offegar. Ella deixava-se apertar, muito languida, muito fragil, a insistir:

— Não; não vá...

Elle, calado, arquejante, fechava-lhe a bocca num beijo fremente.

Mas ouviram ruido no fundo do alpendre. Voltaram-se. Era Maria de Jesus que se approximava, com uma trouxe de roupa á cabeça. Luiz Negreiros recuava um pouco, amparava-se á grade do alpendre. Therezinha pedia, indifferente á criada:

— Não vá, Luiz. Será possivel que Você tenha algum compromisso tão grande; tão grande que nos possa separar?

— Tenho, — dizia elle cabisbaixo. Infelizmente tenho esse compromisso! Não posso deixar de ir: seria uma indignidade; uma villeza, que o Pedro não perdoaria.

Ella calou-se, pensativa; e tinha nos olhos socegados uma indecifravel, mysteriosa malicia.

*
* *

A's sete horas da noite — uma fulgurante noite de lua — Pedro Mariano erguia-se da mesa do jantar e convidava os dois amigos, accendendo o charuto:

— Vamos, rapazes! A "Jacy" está prompta para largar. Quero entrar hoje no **Madeirinha**; amanhã pela manhã desemboccaremos

no **Madeira**, e ás primeiras horas da tarde, penetraremos no **Paraná do Canumã**. Está tudo em ordem. Vamos!

Alegremente, com um esplendido aspecto de resolução, José Belmonte replicou:

— Vamos! Está uma noite magnifica para viajar!

Luiz Negreiros, muito pallido, apenas curvou a cabeça:

— Vamos...

Therezinha estava ao lado do marido, impassivel, affrontando os olhares de piedade que de todos os lados se abatiam sobre o seu rosto.

Sahiram, desceram ao **porto**, onde a "Jacy", com a pressão alta, arfava, de promptidão. Pedro Mariano abraçava toda gente, beijava D. Catharina, subia pela prancha, depressa, numa evidente emoção. José Belmonte seguia-o, pedindo que preparassem para a volta outra festa como a do Tito. Luiz Negreiros, quasi lugubre, ia de um a um, mudo, abrindo os braços. Deixou para o fim a esposa, e marchou para ella, que se collocara ao pé da prancha, suffocado, abalado até á ultima fibra de nervo:

— Adeus!...

Mas Therezinha fugia ao seu abraço e ao seu beijo; deixava o caminho, indicava-lhe a prancha, e dizia decididamente, alto, para que todos a ouvissem:

— Não; adeus, não! Eu tambem irei!

Não se pode descrever a estupefacção de todo o grupo ouvindo essas palavras. O Dr. Rodrigues avançava, exclamava, de braços abertos:

— Therezinha! Você enlouqueceu? Você não vae, ouviu? Não vae; não consinto!

Ella tranquillamente voltava-se, replicava:

— Devo acompanhar o meu marido; obedecer somente ao meu marido. Esqueceu-se de que sou casada?

Tinha a cabeça bem alta, num desafio. O Dr. Rodrigues vendo a sua decisão, abrandou a voz:

— Peço-lhe, minha filha: não vá. O Pedro disse-me que essa viagem é incommoda, cheia de riscos. O seringal fica além das cachoeiras, onde só se pode ir em canôa. Você nem sabe o que é uma cachoeira! E' terrivel! Não vá! Dentro de um mez o Luiz estará de volta.

Ella ouvia-o, respondia resolutamente:

— Irei assim mesmo. E inutil qualquer conselho, qualquer pedido. Se ha perigo, estaremos juntos no perigo. Não ha nada que me faça ficar aqui. Nada!

Voltou-se para o grupo dos criados e ordenou:

— Augusta, vá buscar a maleta que lhe entreguei. Depressa!

Começou a despedir-se. A criada voltou logo; ella entregava a maleta ao marido. E ligeira, radiante, foi subindo a prancha de bordo.

Pedro Mariano, na prôa da lancha, ouvia todo o dialogo; e o seu assombro foi tão grande que silenciou de subito, olhando a scena, olhando os personagens, parado, interdicto, com a physionomia de um homem que assiste ao desmoronamento do Universo.

Therezinha transpunha a borda da "Jacy", atravessava o convez, subia para o batelão, onde, na prôa, sempre a sorrir, agitava as mãos em despedida. Luiz Negreiros seguia-a hypnotisado. José Belmonte batia no hombro de Pedro Mariano, desorientado:

— Então! Que desastre! A Therezinha na expedição, comnosco, para o Sucundury! Que se ha de fazer?!

Elle respondia ao commandante, que lhe perguntava se podia largar:

— Largue!...

Depois, como se despertasse, olhou o grupo que de terra ainda acenava com os lenços. Fitou a prancha que os marinheiros recolhiam para bordo, pregou os olhos attonitos no rosto do Engenheiro:

— Vamos ao camarote resolver esse caso absurdo. De qualquer forma é preciso impedir a viagem da Therezinha!

José Belmonte não respondia, e tinha um aspecto de concentrada reflexão. O commandante mandava largar os cabos, fazia soar o telegrapho para as machinas, e a "Jacy" afastava-se do barranco, partia, subia o Autaz que brilhava sob a claridade da lua.

*
* *

No camarote, todos reunidos, Pedro Mariano interpellou Luiz Negreiros:

— Você pretende levar a Therezinha ao Sucundury? Já pensou nesse horror?

Sob a ansiedade das interrogações, o Agronomo replicava constrangido:

— Não pensei em nada, Pedro. Nem sei mesmo o que diga. Você é o chefe, é quem deve resolver tudo... Eu não podia esperar por isso...

Pedro Mariano comprimia a fronte com os dedos procurando uma idéa. Therezinha, no meio do camarote, recostava-se ao beliche, e tinha o ar supplicante:

— Eu sou culpada de tudo. Luiz não sabia, não podia prever a minha resolução. Nunca pensei que houvesse tanto mal nisso!

Dominando-se, quasi com serenidade, Pedro Mariano falou, afinal:

— Só ha um recurso. E' preciso que a Therezinha saiba o verdadeiro fim desta viagem, porque só assim comprehenderá que é impossivel nos acompanhar. Belmonte vae dizer-lhe tudo, desde o principio; desde a carta.

Fechou a porta do camarote, sentou-se no beliche entre os dois amigos, emquanto Therezinha, defronte, esperava a revelação.

José Belmonte começou a historia da mina de ouro, desde a viagem ao **Aripuanã** até o momento em que fretou a "Jacy". Depois falou sobre a jornada a fazer, quando deixassem as duas embarcações na cachoeira do **Biribá**. Descreveu o scenario onde as aguas se precipitavam atravez dos pedraes temero-

sos. Expoz o perigo, a luta, o desconforto — a vida continuamente sob a ameaça das aguas, das feras, das molestias, da fome. Terminou traçando a derradeira marcha da expedição — da cachoeira do **Puraquê** ao **Igarapé do Ouro** — setenta milhas a pé, na floresta bruta, numa terra desconhecida, expostos a todos os revezes, num verdadeiro, desesperado combate.

E, cançado das descripções e dos gestos, concluiu:

— E' assim! Você não resistirá a tantos perigos! E' a morte certa, e nós seremos os culpados da sua morte!

Pedro Mariano, que admirava o calor, a precisão e a naturalidade com que o amigo descrevia toda a viagem, insistia tambem:

— Culpados da sua morte! Veja que cousa sinistra!

Luiz Negreiros apenas arquejava, impressionado, olhando a esposa. Therezinha levantava-se, e de pé, o rosto fulgurando numa graça perturbadora, poz a mão no hombro de Pedro Mariano:

— Nunca pensei que o Belmonte fosse tão claro ao descrever as cousas! Estou vendo as cachoeiras, a floresta, os perigos, toda a viagem. Pois bem: eu quero ir á mina de ouro.

XII

Nessa mesma noite em que Therezinha resolveu acompanhar o marido, Pedro Mariano mandava um moço de convez limpar e preparar o camarote do batelão, onde se agasalharia o casal.

José Belmonte abria a maleta de couro que continha a sua roupa e a do amigo, e com uma pequena trouxa nos braços — solenne, respeitoso, curvado como num ceremonial, dizia a Therezinha:

— Vocês têm o camarote. E' justo que nelle queiram guardar o que lhes pertence. Por isso trago-lhe aqui o enxoval do seu marido, que estava na minha maleta.

E curvando-se ainda mais, depoz nos braços della dois ternos de mescla, trez cuecas, trez pares de meia e um par de botas.

Luiz Negreiros rosnava, desconcertado:

Quero e vou! E não admitto que ninguem seja culpado da minha morte!

Todos tinham uma viva expressão de espanto. Ella não os deixou replicar, e proseguiu com a mesma exaltação:

— Vou! Não tenho medo. Vocês sabem que eu tive uma educação ingleza, num collegio inglez. Sou forte, fiz muita gymnastica, atiro regularmente. Não é o bastante? Vou com vocês á mina; vão ver que não lhes darei muito trabalho.

José Belmonte coçava a cabeça, desconcertado:

— E' o diabo! Essa agora...

Pedro Mariano, fascinado com tanta audacia, resolvia, commovido:

— Pois, vamos, Therezinha! Deus é grande!

— Canalha!

Elle, impassivel, proseguiu, sob o riso vibrante da moça:

— Faltam ainda uma camisa, uma cueca e um par de meias. São as peças que elle traz no corpo ha trez dias!

— Bandido! Mentiroso! Rugia o Agronomo, arrebatando a trouxa de roupa.

Pedro Mariano, em homenagem ao extraordinario acontecimento, mandava que se preparasse uma ceia decente. E ás dez horas da noite, todos á mesa, emquanto o copeiro servia o chocolate, elle partia um dos queijos que lhe dera o Dr. Rodrigues. Depois, olhando as aguas e a floresta clareadas pela brancura do luar:

— Vamos passando a bocca do **Crimiry**. Estamos, pois, no **Madeirinha**, nas terras da salsa e do cacáu silvestre. Ha uma lenda neste paraná: — ninguem conseguiu prosperar nestes logares, desde que os **Muras** foram expulsos a bala. A alma de um grande Pagé da tribu ficou a vagar por estas aguas e estes mattos, e o sopro da sua bocca faz seccar as roças, apodrecer os frutos, matar o gado. E' uma lenda vulgar, dessas que existem aos centos no Amazonas. Mas, apesar da riqueza deste paraná, onde se encontram varzeas ma-

gnificas, campos admiraveis, cacáu, salsa, castanha, tudo — ainda o branco não poude prosperar. Têm sido inuteis todas as experiencias; e de vez em quando ha um horrendo desastre nestas paragens.

— E' extenso o paraná? Indagava Luiz Negreiros.

— Enorme! Só amanhã, ao meio dia, veremos o **Madeira**.

Neste momento o commandante da "Jacy" passava para o batelão e dava parabens ao casal. Era um caboclo baixo, redondo, de cara rapada, com um torturado acanhamento nas attitudes. Offereceram-lhe chocolate, café, queijo, biscoutos. Elle recusou tudo; e suado, torcendo o bonet, pediu licença e fugiu para a lancha, respirando como se fugisse a um perigo.

— Mas, que homem; que timidez! Exclamava a Therezinha, compadecida.

Pedro Mariano explicava sorrindo:

— O Antonio é assim, sempre foi assim, desde que o conheço, ha mais de quinze annos. Mas no seu posto, no commando, não ha outro mais decidido, mais energico, mais calmo. Fóra do posto é isso: uma criança medrosa.

Ceiaram, foram para a prôa do batelão. A "Jacy" cortava serena e veloz as aguas quietas do **Madeirinha**. A lua fulgia no alto, entre cirrus que se desfaziam. Sobre os barrancos erguia-se a floresta negra e alta, e da escuridão das frondes partiam gritos, uivos, assobios, numa confusa, mysteriosa resonancia. Na emboccadura de um lago phosphoreavam olhos ferozes de jacarés, espreitando os peixes que deixavam a prisão lacustre e fugiam para as aguas correntes. E um rumor de luta, de desespero, de furia, agitava, revolvia a agua profunda. Aqui e além, nos claros da margem, appareciam contornos de barracas, fechadas, tristonhas, perdidas, com o tecto de palha branquejando.

O frio augmentava a cada momento. Do céo translucido cahia invisivel, penetrante humidade; e todos os objectos expostos ao relento se iam cobrindo de orvalho. Em torno da lua desenhava-se um circulo amarellado. Na lancha, o Pratico envolvia-se no velho capote de lã, e o marinheiro, junto á roda do leme, passava ao pescoço uma camisa de meia. O sino da machina fazia soar as quatro pancadas duplas da meia noite. O copeiro servia o café do **quarto**, somnolento e calado. Todos tomavam-n'o pressurosos, e Pedro Mariano,

depondo a chicara vasia na bandeja, levantava-se, propunha, num largo bocejo:

— Vamos dormir. Basta de palestra e de idylio. A noite está um gelo!

E olhando o céo que se ia enchendo de nuvens escuras, e observando a lua com a corôa amarella, annunciou, abrindo os braços com vigor:

— Dia de chuva, amanhã. Bôa noite.

Retiraram-se todos. Luiz Negreiros e Therezinha recolhiam-se ao camarote, abraçados, aconchegados, murmurando confidencias. Pedro Mariano atava a maqueira no salão, e José Belmonte, pensativo, amarrando o punho da rêde, dizia ainda assombrado:

— Que cousa estranha! Luiz tem hoje a sua noite de nupcias num camarote de batelão, em meio de uma sensacional aventura! E' tenebroso! Ninguem está livre da fatalidade!

Pedro Mariano, friorento, enrolava-se no cobertor:

— E' o Destino, Belmonte! O Destino é uma desgraça! Está fria a noite!...

— Terrivel! Gelada! E aquelle malandro no camarote — aquecido, amado, feliz...

pan-paraná — rio de Deus — é talvez o rio mais triste do Amazonas, e talvez o mais rico. Ha de tudo nas suas florestas, desde a copahyba, desde o cravo, desde os castanhaes incomparaveis, até essa tentadora seringueira, que tem sido o nosso mal.

— O nosso mal? Exclamava Luiz Negreiros, estupefacto. Não comprehendo...

— Todo o mal! Continuava Pedro Mariano. Todo o mal! Foi a seringueira que nos fez esquecer as riquezas do Valle. Foi ella que nos tornou loucamente perdularios. Por ella se tem derramado toneladas de sangue humano; por ella se encheram de cruzes todos os barrancos; por ella se têm commettido infamias inauditas. Ahi está: tudo desprezado, tudo inculto, tudo deserto como este rio, porque essa maldita seringueira absorveu todas as energias da raça!

— Realmente — dizia o Agronomo, pensativo, — parece que Você tem razão. A seringueira absorveu tudo. E' uma calamidade!

— E um castigo! Castigo que não tardará. A seringueira é o carrasco das outras industrias, o mais funesto impecilho ao progresso da terra. A salvação do Amazonas dependerá da morte dessa arvore. E no dia em que

Agasalhado, embrulhado, Pedro Mariano bocejava:

— Malandro!... Bandido!...

*
* *

Toda a noite a "Jacy" navegou no **Madeirinha**. A's oito horas da manhã, sob o céo que escurecera, passava em frente á foz do rio **Tupana**, onde Pedro Mariano viveu como Pagé, durante dois annos, e de lá fugiu uma noite numa canôa subindo todo o rio até ás cabeceiras, e dahi, atravez da matta desconhecida, até á margem do Solimões. Da lancha se via a embocadura do rio, onde as aguas escuras, sacudidas pelo sueste, formavam **banzeiros** largos que ora se perdiam nos **igapós**, ora rumorejavam de encontro aos barrancos.

Pedro Mariano estendia os olhos pelas margens longinquas ponteadas de casebres de palha:

— Alli é a malóca. Alli estive dois annos entre os indios **Muras**. Trabalhei, soffri, embruteci, mas fui adorado como um santo. Creio que foi essa adoração que me fez abandonar a malóca. O **Tupana**, ou antes, o **Tu-**

desapparecer a ultima seringueira, começará, então, aqui uma vida nova e grandiosa.

Largou essas palavras num gesto largo de visionario, olhando ainda o **Tupana**, immenso, soberbo, escuro, desapparecendo numa curva da matta.

Duas horas depois estavam no rio **Madeira**. A "Jacy" recebia lenha no porto de **Bello Horizonte** e descia o grande rio, que no alvoroço das primeiras aguas da enchente, corria turvo e rapido, arrastando no dorso avermelhado ilhas de **cannaranas** e **murys**, troncos enormes, galhadas verdes, deslisando no fio da correnteza, rodopiando nos rebojos, parando na quietude dos remansos. E todo elle, coalhado de ilhas, de galhos, de fustes gigantescos, parecia tomado de uma furia obstinada — a furia de transportar para terras distantes a argilla e a floresta das suas margens, arrastadas na monstruosa dynamica da sua torrente.

Por entre esses escolhos errantes descia a lancha, manobrando, desviando-se dos troncos. A' tardinha deixava o **Madeira**, entrava no **Paraná do Canumã**, á meia-força, entre os baixios da fóz.

Na prôa, Pedro Mariano auxiliava o commandante, lançava o rumo, indicava o pedre-

gulho onde as aguas fervilhavam de leve. A "Jacy" avançava, cahia serenamente no canal. O telegrapho retinia, pedindo **toda-a-força**; e áquella sonóra vibração que annunciava a segurança da agua profunda, todos socegavam, deixavam de olhar a agua barrenta, repousavam, commentavam a viagem, tão socegada que as paradas nos **portos de lenha** eram incidentes interessantes! Tranquillo, sentado no seu canto costumado, o chefe da expedição falava, emfim, numa meditada advertencia:

— Daqui por deante, meus amigos, iremos deixando em cada hora que passar, o mundo civilisado. Nunca mais encontraremos gente como nós, nem embarcações como esta, nem casas de negocio, nem esses pobres **portos de lenha**. Contaremos comnosco, apenas.

Por um momento houve constrangido silencio. Mas José Belmonte accendia o cigarro e confirmava:

— Contaremos comnosco, apenas. Deve ser divertido!

Palestraram até tarde, como no **Madeirinha**, interrompendo de instante a instante o casal que sussurrava, que sorria, abraçado, feliz, como se gozasse a mais linda viagem de nupcias.

Noite alta deixavam o Paraná, entravam no rio **Canumã**, contornavam uma vasta enseada e dirigiam-se á Villa, onde Pedro Mariano contava adquirir um pratico. Mas na **Villa do Canumã** quasi nada existia. O mattagal tomara tudo, crescera, engrossara, tornara-se **capoeira** aggressiva. A capellinha estava em ruinas, e dos antigos moradores restavam somente dois casaes de caboclos, velhos, doentes, inuteis, abrigados em casebres de palha.

José Belmonte, que acompanhava Pedro Mariano atravez da trilha que ia até á Villa, subia a ladeira, afastava os ramos de arbustos, vociferava, cançado:

— Isto é lá Villa, homem! Isto é uma miseria! Você não está enganado, Pedro? E' aqui mesmo?

Elle á frente, erguendo o pharol tubular para ver o caminho, respondia:

— E' aqui, tenho toda a certeza. Aqui foi a **Villa de Canumã**; e era prospera: tinha um padre, casa de commercio, certo movimento. Aqui assisti a uma festa da padroeira, onde houve dansa, bebidas, alegria, dinheiro. E' incrivel!

José Belmonte chupava um dedo ferido num espinho de jurubeba, e dizia desconfiado:

— Como você affirma, vá lá... Mas é mesmo incrivel! Tudo no interior do Amazonas vae desapparecendo.

— Tudo — repetia Pedro Mariano. A seringueira attrahiu toda essa pobre gente; matou a Villa.

Subiam, batiam á porta de um dos casebres. Um caboclo abriu-a, fitava estremunhado os dois homens e satisfazia as informações do chefe da expedição, indicando um bom pratico do rio, seu filho, que morava duas horas acima, no sitio da **Santa Rosa**.

Os dois homens agradeceram, voltaram para bordo. Ao amanhecer atracavam no sitio indicado pelo caboclo, tomavam o pratico, subiam o **Canumã**.

Trez dias depois a "Jacy" lançava os cabos em frente á Maloca do **Tucháua** Raymundo, nas aguas claras do **Acary**.

aguardente — adquiriram a ambição, o egoismo, os vicios e a astucia.

Comtudo; embora dispersos, embora independentes, vivendo nas palhoças com a mulher e os filhos, traficando, trocando a castanha, o peixe, a copahyba, o cumarú, por fazendas e bebidas — continuavam todos obedientes á velha malóca, onde o **Tucháua** resolvia, como dictador prudente, os casos da tribu.

A malóca ficava no alto dominando um **estirão** do rio. Era uma grande habitação com as paredes de barro vermelho, coberta de palha, quadrada, possuindo uma porta unica para o nascente e para a agua. Ao seu lado, como dependencias fieis, estendiam-se outras casas menores, mal feitas, de tectos em pyramides, sem symetria, numa confusão pittoresca. Da beira do rio até ás casas havia uma esplanada em ligeiro declive, coberta de grama, e no meio da esplanada, mesmo defronte da grande casa, se erguia um **cumarúzeiro** de espalhada ramagem.

Ao amanhecer, o porto da malóca estava cheio de indios, surprezos, admirando a "Jacy" e o batelão. José Belmonte, que nem pudera dormir toda a noite, inquieto, apparecia na prôa da lancha, observando, percorrendo com o olhar ansioso o grupo estranho. E de

XIII

A antiga maloca do **Tucháua** Raymundo perdera desde muitos annos, os aspectos de selvageria. A celebridade dos castanhaes e das fartas copahybeiras do rio, a facilidade de navegação, a praga dos **regatões,** invadindo, furando, alastrando-se por todos os recantos — rapidamente tornaram os indios **Mundurucús** dessa região mansos e accessiveis. E esse riquissimo tributario do Canumã, onde, havia seculos, dominavam os selvagens escorraçados do **Urariá** e do **Paraná do Ramos,** foi facilmente alcançado pelos negociantes.

Com a rapidez e a seducção do commercio, os indios modificaram as attitudes hostis, abandonaram a promiscuidade da maloca, estabeleceram-se nos lagos e nos igarapés, aprenderam a lingua dos brancos; e com os brancos — que os catechisavam com dinheiro e

repente, daquella massa escura e movediça, surgiu um homem que abria os braços, sorria, saltava para a frente, num berro que estrondou no claro silencio da manhã:

— **Boromon! Boromon!**

Era o Francisco, um Francisco que o Engenheiro custou a reconhecer, tal o esplendido aspecto! Estava robusto, esperto, alegre, remoçado. Nem tinha semelhanças com o desgraçado que elle viu gemendo de fome, descarnado, supplicando um punhado de farinha, ao pé de ignota cachoeira do **Aripuanã!** Mas reconheceu-o pelo grito de vibrante alegria e pelo modo como era arremessado o seu nome. Desde o primeiro dia — desde o dia em que partilhou com aquelle infeliz o seu assado de macaco — elle o chamou **Boromon;** e **Boromon** seria para elle e para toda a tribu dos **Mundurucús,** atravez dos tempos.

José Belmonte não esperou que se lançasse a prancha de bordo. O barranco era baixo, o rio profundo, e a "Jacy" ficara com o costado rente á terra. Saltou, pulou sobre a grama e cahiu nos braços abertos do selvagem, que o apertava com vigor:

— Aqui estou, Francisco! Aqui estou com os amigos, como prometti. Vamos ao **Sucundury!**

O indio repetia, abraçado, agarrado ao seu salvador:

— Vamos! Vamos! Eu esperava **Boromon**, todo dia!

Os outros indigenas cercavam os dois homens, espantados da grande scena, admirando aquelle branco que abraçava um **Mundurucú** como se fosse um irmão. Da lancha e do batelão todos pasmavam para o espectaculo; e Pedro Mariano batendo palmas, dizia á Therezinha:

— Esse Belmonte! Nunca teve juizo!

*
* *

O **Tucháua** Raymundo recebia como amigos os passageiros da "Jacy", e olhando para a Therezinha, que vestida de linho branco, risonha, radiante de felicidade, descia a prancha pela mão do marido — bradou, deslumbrado, fascinado pela sua belleza:

— **Cunhã poranga! Cunhã poranga!**

Pedro Mariano traduzia a exclamação do velho chefe:

— Quer dizer: "moça bonita!". E' apenas isso, Therezinha. Pode gabar-se! Você está fazendo successo na malóca!

do ao seu alcance, desde os **chirimbabos** exquisitos, até ás **igaraçus** de barro, até ás **tangapemas**, até o **caxiry** que embriaga, até os amuletos. Raras eram as armas de guerra. Os **Mundurucús** haviam degenerado logo aos primeiros contactos com o branco, e nunca mais se ouviu falar nas lutas que sustentavam com as tribus visinhas. Das paredes da malóca tinham desapparecido as **zarabatanas** mortiferas, os **tacapes** de **jutahy**, as flechas envenenadas, as **inubias** que excitavam os guerreiros, atroando nas mattas em rebate.

Toda essa limpida tarde passaram os viajantes da "Jacy" admirando os costumes, as industrias, a indole dos selvicolas. Luiz Negreiros comprou um **maracá** de tabóca enfeitado de pennas. Therezinha trocou um maço de grampos por um pote de mel. José Belmonte durante mais de uma hora discutiu o preço de uma rêde de tucúm, que lhe ficou, afinal, por dez mil réis e um copo de aluminio, usadissimo.

Antes de findar o dia Pedro Mariano reuniu todos os **Mundurucús** ao pé da prancha, e distribuiu os presentes da amisade. Eram espelhinhos, fios de contas, alfinetes, oleographias, pequeninos objectos que elles recebiam pasmados e sorridentes. O **Tucháua** foi o ul-

Ella replicava sorrindo:

— Vê-se logo que o **Tucháua** é um sujeito de bom gosto, delicado...

Formavam um circulo em torno do chefe da tribu, que semi-nú, apontava para os seus dominios e dava a entender que os hospedes podiam mandar nas suas terras que se estendiam até á margem do **Madeira**.

Nesse momento um indio moço, forte, com os dentes á mostra, rompia o circulo, fitava Luiz Negreiros. Depois afastou-se um pouco, segurou o braço do Francisco, e disse encantado, na sua meia-lingua:

— Pae! **Caryua-assú!**

Luiz Negreiros, depois de lhe traduzirem a phrase, chamou o indio, apertou-lhe a mão, convidando-o:

— Quer ir commigo ao Sucundury?

O rapaz respondeu promptamente:

— Sim. Gosto do **Caryua-assú**.

Era um **Mundurucú** de dezoito annos, forte e sympathico, filho do Francisco. E não largou mais o Agronomo, por quem parecia ter desmedida admiração.

Subiam todos a suave esplanada que ia até á malóca e aos casebres. Pedro Mariano, com a experiencia de antigo **Pagé dos Muras**, explicava aos amigos tudo o que ia encontran-

timo. Pedro Mariano abraçava-o, mettia-lhe nas mãos endurecidas (mãos que apesar de tremulas, ainda faziam reunir na malóca um farto milheiro de homens!) um lindo e immenso punhal do Ceará, com o cabo prateado, scintillando vivamente. O velho indio tomou-o, ergueu-o bem alto sobre a cabeça, beijou-o como se beija um altar, sob o silencio formidavel que se fez em torno, á luz do sól que morria. Depois, com uma gravidade soberba, metteu-o debaixo do braço, e ficou hirto, rijo, marmoreo, olhando terrivelmente para todo o mundo, com o punhal espetado no sovaco!

Após a distribuição dos presentes, reuniram-se á sombra do **cumarúzeiro**, o **Tucháua**, Francisco e os tres amigos. Ahi conversaram, acertaram a viagem ao **Sucundury**. A lancha podia leval-os até a cachoeira do **Biribá**, sem difficuldades, porque o rio tomava agua. Dahi por deante, até ao **Puraquê**, iriam na **igarité** e na **montaria**. Eram necessarios oito remadores e uma **ubá** para o retorno dos indios. O Francisco, nessa noite, escolheria esses homens, o que seria facil, porque os **Mundurucús**, eram em geral magnificos remadores. Apenas teria de escolher, os que pela ro-

bustez, pela coragem e pela fidelidade, garantissem a presteza e a segurança da expedição.

Na manhã seguinte Francisco enfileirava os seus homens em frente á "Jacy". Pedro Mariano examinava-os, falava-lhes na sua lingua, sob o espanto e o riso de todos. Fel-os entrar na lancha e entregou a cada um a roupa necessaria.

Foi nesse momento, no momento em que o chefe da expedição e Luiz Negreiros escolhiam e distribuiam as blusas e as calças, que se deu um caso commovente. Estavam na prôa da "Jacy" os dois homens, o Francisco e os remadores. No batelão a Therezinha e José Belmonte presenciavam a scena e commentavam os tregeitos e a alegria dos selvagens, a pressa com que arrebatavam as peças de roupa, com as mãos soffregas. Estavam nessa faina, quando viram descer a esplanada, correndo, um indio moço. Desceu, galgou de um salto a "Jacy", collocou-se em frente ao Francisco, exaltado:

— Pae! Caryua-assú! Eu vou com elle!

Era o filho do Francisco, o José, a quem Luiz Negreiros apertou a mão e convidou para acompanhal-o.

Houve uma breve discussão, uma recusa de Pedro Mariano, um contrafeito silencio do

Francisco, que não desejava levar o filho adolescente. Mas o Agronomo, tomado de sympathia, protegia o José, pedia a sua inclusão entre os homens escolhidos:

— Nós precisamos de um caçador; precisamos de um ou dois rapazes para a travessia do **Puraquê** ao **Igarapé do Ouro**. O José ha de ser muito util.

Therezinha, da prôa do batelão, auxiliava o marido:

— Deve ir. E' uma ingratidão deixar esse pobre rapaz que gosta tanto do Luiz. Oh! Pedro! Seja bom, ao menos dessa vez!

Pedro Mariano tinha a physionomia menos vincada. Emfim, resolveu:

— Eu não queria ninguem mais na expedição. Já eramos quatro; quatro boccas a comer, afóra os remadores e o Francisco. Não se sabe o que iremos passar por esses mattos onde não ha alimento. Mas vocês pedem. Não quero ser um chefe intransigente.

Em seguida collocou a mão no hombro do José:

— Você irá comnosco. Está promovido a caçador pelo **Caryua-assú**.

A's quatro horas da tarde deixavam a malóca do **Tucháua** Raymundo, que sob o

cumarúzeiro, erecto, enfeitado com o seu velho **cocar,** á frente dos seus homens, acenava para os amigos um adeus enternecido.

A lancha partia, descia o **Acary,** acompanhada pelas **ubás** dos **Mundurucús,** que pretendiam seguil-a até á foz do rio, numa demonstração de amisade.

A's oito da noite a "Jacy", enfiava pelo rio Sucundury, sob os gritos dos selvagens que se despediam.

XIV

O rio Sucundury é uma simples denominação geographica. Realmente o seu verdadeiro nome, o nome que o assignala desde a foz, devia ser **Canumã**, porque hydrographicamente é um prolongamento desse ultimo, com a mesma corrente, a mesma coloração, os mesmos caracteres. Nenhuma differença existe em todo o curso fluvial, e nota-se sómente, á proporção que se avança para as suas cabeceiras, que elle augmenta a velocidade, estreita-se, torna-se diabolicamente sinuoso, correndo sobre um leito de areia e lagedos, até ás suas remotas origens.

Mas, desde a emboccadura do **Acary**, justamente defronte da grande ilha de **Trahyra**, o **Canumã** perde o nome, e é, dahi por deante, o rio Sucundury.

Nesse trecho é um complicado archipelago. Por todos os lados, ao norte, ao sul, a les-

te, a oeste, surgem ilhotas de todos os tamanhos e de todos os feitios, numa perigosa confusão. Desconhecidas, despovoadas, exhibindo os caracteristicos de uma flóra sempre semelhante, essas ilhotas, ora apresentando o solo baixo e negro de terras alluvionicas, ora formando **igapós** onde a argilla ainda permanece submersa — perturbam a navegação, e não raro se vêm embarcações rodeando essas margens singularmente identicas, ou contornando immensas enseadas. A' noite esses impecilhos augmentam; desapparecem as **balisas** dos Praticos; toda a matta é uniforme; e a escuridão parece mais compacta e mais sinistra nesse dedalo de aguas e de arvores.

Era por esse tenebroso labyrintho que a "Jacy" navegava. A noite desceu nublada e fria, e do céo que relampejava cahia um fino chuvisco.

O Pratico, o caboclo contractado na **Santa Rosa**, escanchou-se num banquinho de lona junto ao bico de prôa; e de lá dirigia a manobra acenando para o marinheiro que, attento, movia a roda do leme. Pedro Mariano e o Commandante espreitavam, varavam a negrura da noite, desconfiados da pericia desse homem que sorria quietamente, como se aquelle negro deserto lhe fosse tão familiar como a

— Você não viu que isso não era caminho, seu pateta?

Elle sorria ainda, imperturbavel, como se a injuria fosse dirigida ao galho que Pedro Mariano arremessava ao rio. E com uma calma de bronze, respondia:

— Não; **num** vi. **Puxa** ! ! !

E foi para o seu posto, no bico de prôa, emquanto o chefe da expedição esbravejava.

O Sucundury alargava-se nesse momento. Apparecia um **estirão** enorme que brilhava lividamente sob os clarões das descargas electricas. O Pratico reconhecia a bombordo a bocca do **Igarapé do Biribá**. Dahi por deante, por toda a costa do **Palhal** e da **Ariramba**, até ao lago de **Curralinho**, as ilhas eram mais raras e mais reconheciveis. Havia apenas o perigo das praias, porque o rio, com um **repiquete** somente, não tinha ainda agua bastante.

Depois da meia noite, cessavam o chuvisco e os relampagos; o céo começava a estrellar-se, e a lua em minguante ia espalhando pelas aguas uma claridade estanhada.

A bordo, após o susto, ainda ficaram alertas, conversando, commentando a probabilidade de um rombo nos cascos das embarcações. Pedro Mariano socegava-os: nada de mais, a

barraca em que vivia. E a todo momento o telegrapho vibrava pedindo **meia-força, devagar, attenção,** numa actividade angustiada.

Havia duas horas que navegavam entre as ilhas, aos sobresaltos, dando graças aos céos que lhes mandavam o azulado fulgor dos relampagos, rasgando a escuridão. Mas houve um momento em que o relampago falhou, e precisamente nesse instante a "Jacy", que dobrava uma ponta de ilha, metteu a prôa no barranco! O batelão avançou para o matto, entrou no matto, com um violento rumor de galhos que estalavam. Felizmente a lancha ia devagar; o Commandante, presto, mandava parar as machinas, dava **atraz,** calmo, de pé, agarrado á alavanca do telegrapho, indifferente á galhada que invadia a embarcação.

Ao voltar o socego, o Commandante verificava que um dos balaustres da lancha estava retorcido, e perdera-se o pharol de boreste. O Pratico levantava-se do convez onde se estendeu para livrar-se dos ramos. E novamente sentado no seu banquinho de lona, procurava o chapéo de murumurú e sorria:

— Êta, matto brabo! Era um estrallo!...

Pedro Mariano, com um galho que lhe ficou na mão, invectivava o caboclo:

não ser a torcidella do balaustre e a perda do pharol.

Tomaram café, viram ainda a "Jacy" navegando, subindo o rio, passando devagar na costa do **Guajará** e nas praias de **Campinarana**. Therezinha queixava-se do frio intoleravel, e arrastava o marido para o camarote, muito agarrada, muito meiga, com uma fina languidez nos olhos. José Belmonte sorria perfidamente para Pedro Mariano, e enrolava-se na rêde, suspirando:

— Qual, Pedro! O casamento é uma necessidade na vida... uma necessidade... moral... O amor... purifica... Estou nervoso hoje!...

Pedro Mariano replicava, agasalhado:

— Não seja indecente, Belmonte! Bôa noite!...

*
* *

Mas nessa noite aziaga a má sorte estava a bordo.

A "Jacy" navegava, subia o Sucundury, ainda manso, ainda sem correnteza, ora apertado entre altos barrancos de terra firme, ora entre varzeas sombrias, onde **mungubeiras** e **mulateiros** cruzavam no alto as frondes im-

mensas. Por vezes, nas curvas mais longas, surgiam **pontas** de praias mal cobertas pelas aguas. Então, a "Jacy" diminuia a marcha, o Pratico pedia o prumo, sondava, indicava o canal, ás vezes rente á margem, tão rente que os ramos das **ingaranas** roçavam, nas sanefas e na tolda.

Foi numa dessas passagens, ás cinco e meia da manhã, que a lancha, em frente ao **Lago das Piranhas**, encalhou, enterrou a prôa na areia!

A essa hora, no batelão, Pedro Mariano e José Belmonte, friorentos, recostados ao corrimão, escovavam os dentes e admiravam o delicioso scenario do alvorecer. Luiz Negreiros abria a porta do camarote, e quando ia saudar os dois amigos, as embarcações estacaram subitamente, num choque violento. O Agronomo amparava-se ao corrimão, pallido, perguntando:

— Que foi?

Pedro Mariano olhava a agua do rio e respondia, pallido tambem:

— Encalhados! Bem encalhados!

Correu á prôa da lancha, onde o Commandante, ainda em pyjama, ordenava que dessem **atraz** a toda força. Vendo o chefe da expedição, explicou logo, de um folego:

um desarranjo nas machinas. O machinista pedia um repouso de duas horas para o concerto.

No batelão, após o tremendo sobresalto, voltava lentamente o socego, e todos sabiam que a "Jacy", dentro de duas ou trez horas, deixaria o banco de areia e proseguiria rio acima. Houve mesmo certo enthusiasmo. José Belmonte, á mesa do café, promettia metter-se nagua, ajudar os indios, abrir com elles a valla por onde escorregaria a lancha até o canal.

— E' um banho magnifico! Só por isso, pelo banho, valeu a pena a encalhadella. Vocês não acham? Vão ver como sei mergulhar e nadar.

Pedro Mariano, já de pé, junto á mesa, sorria á exaltação do Engenheiro e observava:

— Delicioso, o banho, não ha duvida. Mas olhe, Belmonte: aqui tem muita arraia e muita piranha. Tenha cuidado!

Elle, de um salto, como se já sentisse no corpo o ferrão das arraias e os dentes das piranhas, arrefecia, desolado:

— Que pena! Eu, que tenho horror á piranha! Tudo no mundo é desillusão!

Mas combinava com Luiz Negreiros e o José uma pescaria soberba. O **Lago das Pira-**

— Estamos encalhados. E' uma ponta de praia; daquella praia alli, a bombordo.

Disse que fôra repousar ás trez da madrugada, cançado. Comtudo, deixou o Immediato auxiliando o Pratico. A noite estava clara; via-se bem todo o rio. Fôra um descuido, e achava que, a não ser a felicidade de um **repiquete**, iriam trabalhar algumas horas para fazer fluctuar a "Jacy". E calmamente, resignado com o desagradavel incidente:

— Vou tentar todas as manobras, e em ultimo caso cahiremos nagua, cavando uma valla. Felizmente temos os indios. Vae depressa.

Pedro Mariano voltava-se para o Pratico, sentado na borda da lancha, fumando e sorrindo:

— Você não conhece essa praia? Não viu que ella estava de fóra?

O caboclo puxava uma fumaça do enorme cigarro de **tauary**:

— **Num** vi. E' a praia da **Piranha**. Uma bruta ! ! !

Elle conteve o furor que o assaltava; deu-lhe as costas, certo de que seria inutil fazer despertar aquella sensibilidade de crustaceo.

O Commandante tentava todas as manobras. Tudo, porém, foi inutil, e afinal houve

nhas apparecia defronte. Na embocadura uma fileira de arvores, de caules rugosos e longos, offerecia o aspecto estranho e pittoresco de sentinellas que defendessem um thesouro — altas, perfiladas, majestosas. E por traz desses troncos equidistantes, na direcção do nascente, se via a agua azulada e mansa, fulgindo ao sol, estendendo-se até ás margens longinquas, numa curva suave.

O Engenheiro affirmava com alegre convicção:

— Alli não póde deixar de ter muito **jaraquy**. Com aquella belleza, tão bem guardada por essas arvores, só mesmo estando cheio de Jaraquys Vamos abarrotar a **montaria**!

Pedro Mariano deixava passar o alvoroço, e avisava:

— Não tem **jaraquy**, Belmonte. Os **jaraquys** são espertos: fugiram todos no primeiro **repiquête**, quando as aguas invadiram o lago. O que alli deve ter, fartamente, é **tucunaré**. Você é um trapalhão!

— Seja o que fôr — bradava elle apressado. Tudo é peixe!

José preparava uma **pinauáca**: trançava os anzóes e enfeitava-os com pennas vermelhas e brancas. O **tucunaré**, voracissimo, ali-

menta-se de peixinhos novos que persegue ávidamente com uma rapidez de flecha disparada. Os indios observaram a voracidade, a caçada do **tucunaré**, a precipitação com que elle se lança, o colorido dos peixinhos novos. Observaram e inventaram a **pinauáca**: dois ou trez anzóes, juntos, fortemente ligados, escondidos entre pennas coloridas. Amarram esses anzóes a uma linha de dois ou trez metros presa á ponta de uma vara. Da **montaria** estendem a linha sobre a agua, roçando de leve a superficie, num movimento de vae-e-vem rapido. O peixe corre, precipita-se sobre os anzóes enfeitados, tomando-os por peixinhos.

Prompta a **pinauáca**, partiram. O indio, á prôa da **montaria**, indicava a margem do lago sombreada. José Belmonte, á pôpa, manobrava, remava lentamente. A linha corria á flor dagua, arrastando os anzóes disfarçados. De subito, de um recanto escuro do lago, parte um **tucunaré**, deslisa, arremessa-se sobre os anzóes, tão bruscamente que nem Luiz Negreiros, nem José Belmonte o viram fisgado, debatendo-se, revolvendo a agua tranquilla. O indio, presto, ergueu a linha, recolheu o peixe, matou-o com um pequeno cacete.

Pasmado, José Belmonte abandonava o remo, sorria, admirava o **tucunaré**. Era um

nhas apparecia defronte. Na embocadura uma fileira de arvores, de caules rugosos e longos, offerecia o aspecto estranho e pittoresco de sentinellas que defendessem um thesouro — altas, perfiladas, majestosas. E por traz desses troncos equidistantes, na direcção do nascente, se via a agua azulada e mansa, fulgindo ao sol, estendendo-se até ás margens longinquas, numa curva suave.

O Engenheiro affirmava com alegre convicção:

— Alli não póde deixar de ter muito **jaraquy**. Com aquella belleza, tão bem guardada por essas arvores, só mesmo estando cheio de Jaraquys Vamos abarrotar a **montaria**!

Pedro Mariano deixava passar o alvoroço, e avisava:

— Não tem **jaraquy**, Belmonte. Os **jaraquys** são espertos: fugiram todos no primeiro **repiquête**, quando as aguas invadiram o lago. O que alli deve ter, fartamente, é **tucunaré**. Você é um trapalhão!

— Seja o que fôr — bradava elle apressado. Tudo é peixe!

José preparava uma **pinauáca**: trançava os anzóes e enfeitava-os com pennas vermelhas e brancas. O **tucunaré**, voracissimo, ali-

Pedro Mariano, placidamente, promettia sensações.

— Não se inquietem; não se inquietem. Teremos á farta essas emoções que tanto desejam. Ninguem ainda atravessou a matta amazonica sem pagar rudemente a ousadia. Ninguem!

Mas suspendiam a palestra, e admiravam os aspectos do rio. A "Jacy" navegava livremente. Passava em frente ao **Lago do Curralinho**, onde se via uma tapera, no alto, dominando o lago immenso, entre castanheiras e arbustos; atravessava a fóz do **Camayúa**; seguia rente ás barreiras do **Periquito**, onde o barranco escarlate, de cinco a seis metros de altura, dava á paizagem um tom de fulgurante belleza. José Belmonte proclamava estupefacto:

— Isso é ocre vermelho; oxydo de ferro. Uma fortuna! Que maravilha, meus amigos!

Pedro Mariano dizia que mais acima, na **Barreira do Coatá**, esse ocre era muito mais puro e mais abundante. Alli, naquellas terras vermelhas como sangue vivo, habitavam as celebres onças negras, as mais ferozes do Amazonas, as unicas que atacavam o homem com o destemor do tigre africano. Elle viu, no **Urariá**, a pelle de um desses animaes: era

enorme, de um preto brilhante, com placas cor de café pelo ventre. Os indios tinham-lhe medo, um medo que os paralysava, que os immobilisava, esperando a morte com fatal certeza quando viam esse apavorante carnivoro. Por isso os **Campineiros** e os **Camayúas** haviam abandonado aquella immensa região do Sucundury.

O rio estreitava-se, as suas aguas perdiam a inercia, corriam, faziam tremer os ramos de arbustos pendidos sobre a torrente. Duas horas depois appareciam as lages do **Acará**. A "Jacy" deixava a margem, atravessava o rio, desviava-se das pedras, seguia pelo canal tortuoso. Uma hora mais tarde estava em frente á cachoeira de **Santa Maria**, uma cachoeira que era apenas um pedregulho onde as aguas fervilhavam com ruido. A corrente augmentava. As duas embarcações subiam com esforço, em **zig-zags**, rangendo nos cabos que as ligavam. Sobre a caudal cheia de espumas amarellas desciam galhos, troncos, folhagens, fluctuando na correnteza, mergulhando nos **funis**, surgindo mais adeante, numa pressa impetuosa.

A lancha seguia, passava rez ao barranco, e lentamente, vagarosamente, vibrando desde as cavernas á tolda, vencia a corrente

XV

A's cinco horas a "Jacy" estava á jusante da cachoeira do **Biribá**. O Pratico indicava uma nesga de terra, na margem direita, onde se via uma pequena praia e lagedos escuros. Ahi, em frente á praia, a lancha parou, deixando o batelão do lado de terra para facilidade da descarga.

Pedro Mariano ordenava que nada se fizesse, e durante a tarde e até noite alta discutiu, calculou, assentou toda a viagem até a cachoeira do **Puraquê**, de onde, então, partiriam com o rumo Leste-Oeste para a mina de ouro. Levariam alguns medicamentos, quatro rifles, trez revolveres, oitocentas balas, quatro saccos impermeaveis contendo redes, mosquiteiros, pequenos objectos de necessidade, duas mudas de roupa. Além disso conduziriam farto rancho de alimentos, que seria transporta-

furiosa. E nesse esforço desesperado, arquejando, tremendo, a **toda-a-força** das machinas, rompeu as **corredeiras** do **Mourão,** da **Sapucaya,** da **Cayarara,** do **Castanho,** todas juntas, todas perigosas, como se alli estivessem defendendo o Sucundury e ameaçando os invasores.

Emfim, passados esses momentos de inquietação e de terror, a "Jacy" cahia num trecho manso do rio, costeava a ilha da **Sobrancelha,** navegava livremente em direcção á cachoeira do **Biribá,** que mesmo distante, lançava no ar quieto da tarde o trovejante rumor das suas aguas.

do nas canôas, rio acima. No **Puraquê** determinaria sobre a conducção das bagagens atravez da matta desconhecida.

E á mesa do jantar, onde deliberava, sob o silencio dos dois amigos e da Therezinha, terminou serenamente:

— Penso que se não tivermos um desastre, se não adoecermos, se por uma causa qualquer não interrompermos a viagem, se tudo, emfim, nos fôr propicio — dentro de vinte dias estaremos na cachoeira do **Puraquê**. Mas preciso dizer a vocês que somos quatorze boccas; que o nosso rancho, mesmo farto como é, ha de exgottar-se antes desse tempo; que toda essa região do Sucundury é pobre de caça; que os seus rarissimos moradores são seringueiros ou caboclos ignorantes, vivendo na mais triste miseria; que a fome nos espera, certa, infallivel, se não encontrarmos qualquer cousa que se coma, ao alcance dos nossos rifles ou das nossas mãos.

— Apre! Atalhava José Belmonte, impressionado com a horrenda perspectiva. Você quer lançar o terror! Já nem tenho appetite para jantar.

Elle proseguia com a mesma placidez:

— Não; não quero lançar o terror, nem estou phantasiando. Antes do **Biribá** tomei

informações. O Francisco descreveu todo esse rio, que conhece até a cahoeira do **Mal assombrado,** muito acima do **Puraquê**. Disse-me tudo, com lealdade. Mas não pensem que pretendo amedrontal-os, nem que desejo interromper a viagem, o que seria ridiculo para todos nós. Agora é tarde — temos de ir até á mina de ouro, de qualquer fórma, se Deus não nos abandonar.

— Iremos — dizia Luiz Negreiros, circumspecto. Outros homens lá foram. Pelo menos o Francisco lá foi, e num tempo em que não havia agua nem caça. Nós iremos tambem.

José Belmonte admirava a indomavel energia do Agronomo, e, tomado de enthusiasmo por aquella fé que não admittia obstaculos, e que era mais forte que a molestia e os desastres e a fome — sorriu, exclamou vivamente:

— Com gente assim não se pode desanimar; não ha tempo; não é possivel. Apparece molestia? Tem logo remedios. Ha um desastre? Escapa tudo num instante. Surge a fome? Não vale nada: aguenta-se o jejum! E' tudo um encanto; e tenho a impressão de que sahi de casa para um passeio poetico; um lindo passeio de nupcias. Vocês são extraordi-

quando vozes estranhas de animaes noctivagos. O Sucundury corria sinuoso e profundo entre os altos barrancos, os **igapós** e as varzeas das suas margens desertas. A cachoeira do **Biribá** parecia abrandar o largo rumor, e jorrava as aguas numa cadencia sonóra. E a noite amazonica, toda cheia de fascinação, toda fecunda no mysterio das lendas, toda povoada de **Yaras** encantadoras, de **Mapinguarys** invenciveis, de **Boiúnas** monstruosas — desdobrava-se na solidão da floresta, resoante e tenebrosa.

narios! Até a Therezinha sorri como quem vae a uma festa. E' o cumulo!

De pé, com a mão no hombro do marido, Therezinha replicava alegremente:

— Medo, por que? Tristeza, por que? O Francisco não foi á mina, sosinho, sem armas, sem nada? E nós, civilisados, com todo esse conforto, com toda essa segurança, apavorados, tomados de receio! E' até ridiculo!

Pedro Mariano dava as ultimas ordens. Do **Biribá** em deante, todos os dias, elle distribuiria capsulas de quinino para evitar as febres palustres muito frequentes no Sucundury. Ninguem dormiria fóra dos mosquiteiros até o **Puraquê**. Não se tomaria agua que não fosse corrente ou fervida. E sobretudo, viajariam o mais rapidamente possivel, com pequenos repousos para o banho e as refeições, porque seria impossivel viajarem á noite.

Ainda palestraram, ainda acertaram centenas de cousas. Depois despediram-se, agasalharam-se, cheios de esperanças e de coragem.

Em terra, proximo ao batelão, os indios haviam estendido entre as arvores as pequenas rêdes tingidas de **urucú**. Sobre uma das lages brilhavam as ultimas brazas de uma fogueira. Da floresta escura partiam de vez em

XVI

A cachoeira do **Biribá**, quer na enchente, quer na vasante do rio, é o mais duro estorvo á navegação. De uma e de outra margem partem, dos barrancos a prumo, duas muralhas de pedra, como se caminhassem uma para a outra. Mas, justamente ao meio do rio essas duas muralhas estacam, defrontam-se de subito, deixando entre ellas uma brecha de quatro a cinco metros de largura; e por ahi, por essa brecha, se despenha a ameaçadora torrente. E' a unica passagem; o canal unico!

Por esse espaço de quatro metros, onde as aguas rugem convulsionadas, descem numa vertigem de precipicio, ou sobem a vara, a gancho, a forquilha e a cabo, todas as embarcações. E mais de uma vez o **Biribá**, nos seus dias de horrenda sanha, tem despedaçado, esmagado os navegadores, arrojando-os sobre as pedras.

Ainda não surgira o sol, e já Pedro Mariano determinava a descarga do batelão e mandava abrir um varadouro para o transporte das mercadorias, além da cachoeira. As canôas levariam apenas a tripulação necessaria, e mesmo assim, vasias, difficilmente galgariam a terrivel correnteza.

A's onze horas da manhã, José Belmonte — que se encarregou de abrir o varadouro rodeando por terra a cachoeira, com uma turma de indios — saltava para uma das lages em frente ao batelão, afogueado e suado:

— Prompto! O caminho está feito. E se não fosse tanta **tiririca**, tanta formiga de fogo, tanto **cabo-verde**, seria delicioso!

Luiz Negreiros e Therezinha, que dirigiam o desembarque das mercadorias, apresentavam as suas notas. Pedro Mariano deixava o recanto onde as canôas estavam fundeadas. Nessas poucas horas concertou, com os seus homens, a tolda da **igarité**, fez um **japá** para a **montaria**, preparou os cabos, as varas, as forquilhas, com que teriam de galgar a cachoeira. Ainda examinou a **ubá** dos **Mundurucús** e mandou calafetal-a, porque **fazia agua** na prôa.

Vendo os seus amigos desoccupados, vendo o Engenheiro proclamar a **delicia** do vara-

quasi um dia, no meio das **corredeiras**, do sól, das pedras, do diabo! E com muita sorte se não houver desastre!

Chegavam ao convez. Luiz Negreiros pensava que aquillo era exaggero do Francisco. Tinha passado muita cachoeira, muito perigo. Mas um dia inteiro para uma só? Era incrivel.

Almoçaram. A "Jacy" estava prompta para baixar, e meia hora depois largava, apitava no meio do rio, desapparecia logo numa curva em frente á **Sobrancelha**, arrebatada na violencia da correnteza.

Pedro Mariano dividia os seus homens, equipava a **igarité**, ordenava a subida. A **ubá** e a **montaria** iriam depois. A canôa partiu, rompeu as primeiras correntes e sumiu-se entre os enormes blócos de rocha, justamente quando o Francisco e outro indio, na prôa, erguiam as varas sobre a convulsão de um **rebojo**.

Em terra, pelo varadouro, transportava-se a carga, volume a volume, depositando-a sobre as lages de uma pequena enseada, além do **Biribá**. Ahi, junto ás lages, o chefe da expedição e os seus amigos preparavam o abrigo para a noite, limpavam o terreno em volta, estendiam sobre a carga a lona impermeavel.

douro, o chefe da expedição deixou o recanto, approximou-se do batelão:

— Agora, toca para o almoço, e depois do almoço para o trabalho. Hoje á tarde devemos estar livres do **Biribá** e promptos, carregados, preparados, para amanhã cedo rompermos as **corredeiras** do **Biribásinho**.

Francisco ao seu lado confirmava tudo, e adeantava que esse feroz **Biribásinho** dispensava o varadouro, porém, corria infernalmente sobre oito **travessões,** e tinha um pedregulho desgraçado, e tinha muito **rebojo** em toda a extensão.

Subiam a prancha do batelão, onde o copeiro tocava a sineta para o almoço. José Belmonte, impressionado com a descripção do indio, perguntava se era demorada essa passagem do **Biribásinho**:

— Quanto tempo, Francisco? Quanto tempo para nos vermos livres desses **travessões,** desses **rebojos,** dessas **corredeiras,** desse horror?

Elle respondia, seguro:

— Quasi um dia, **Boromon**. Muita canôa; muita carga; muito trabalho. Depois é rio largo, bonito!

— Um dia! Mas que idéa você faz de um dia! Santo Deus! Viu, Luiz? **Biribásinho** é

A' tarde chegavam os ultimos fardos e a ultima embarcação. Francisco e os remadores tiravam a agua que invadira as trez canôas durante a passagem da cachoeira. E, emfim, fatigados, exgottados por aquelle dia de rude azafama, rapidamente jantaram, devoraram o assado que a Therezinha preparou, e cahiram todos sobre a areia e os lagedos, estirados, lassos, de cigarros accesos, como se aquelle repouso fosse uma incomparavel felicidade.

A noite desceu estrellada. Pelos ramos das arvores proximas esticavam-se rêdes e mosquiteiros; e duas horas depois todo o acampamento cahia num socego immenso, pesado, absoluto, onde apenas se percebia o brando rumor das respirações, num somno quasi vegetal.

Pela manhã, após o café arrumada toda a carga e distribuido o almoço, (porque em todo esse dia teriam apenas rapido repouso mesmo no meio das **corredeiras**) a expedição partia rio acima. Dividiu-se a tripulação das tres canôas. Pedro Mariano ia na frente, na **montaria**, com dois indios, prompto para um soccorro em qualquer accidente. Luiz Negreiros e o Francisco dirigiam a **igarité**, levando os melhores remadores. José Belmon-

te mettera-se na **ubá** com os restantes **Mundurucús**. . .

E até ás quatro da tarde, bravamente, duramente, lutaram entre as **corredeiras** do **Biribásinho**, investiram contra a desesperada corrente no meio das pedras, contra os **rebojos** que roncavam, contra as aguas que bramiam despenhadas dos **travessões**.

Aqui e alli, nos rojões violentos, se estendiam os cabos, ora amarrados em algum tronco de arvore da margem, ora circulando, cingindo algum bloco de pedra. E sob os atroantes brados dos selvagens — para afugentar o espirito perverso de **Anhangá** — colhiam, alavam as grossas cordas, numa asphyxiante ansiedade.

Apesar de todos os contratempos, apesar da excessiva impetuosidade do Sucundury, apesar de tudo — venciam a tormentosa caudal. Apenas, na ultima **corredeira**, quando a **montaria** e a **igarité**, já no remanso, já no rio tranquillo, livres de todos os riscos, aproavam para a margem — a **ubá** dos indios, que se atrazara, varou sobre um lagedo, bateu, resvalou, metteu nagua uma das bordas. Ao choque brutal, José Belmonte saltou sobre o lagedo, sustentando a canôa que virava. Os indios imitaram-n'o, e num es-

Pedro Mariano, num suave consolo, garantia que iriam ter grande repouso, até **Pederneiras:**

— Em compensação temos o rio tranquillo durante dois ou trez dias. E merecemos esse repouso, não ha duvida.

Todos sorriam antegosando a doçura desse trecho manso do rio; mas sorriam sem alma, quasi sem alegria — quebrados, rebentados pelo intenso labor daquellas horas.

força em conjuncto conseguiram safar a **ubá** e collocal-a no canal.

Mas nesse transe terrifico, no momento em que o Engenheiro saltava e sustentava a borda da canôa, o seu pé esquerdo escorregou, enfiou por uma brecha da pedra, feriu-se na aresta aguda. Comtudo, mesmo ferido, ainda auxiliou os indios e tapou o rombo da **ubá**.

Pedro Mariano, que durante o desastre foi tomado de apavorante estupefacção, abraçou o amigo, retirou-o a braços da canôa, pensou o ferimento que era longo mas superficial.

E repousados, devorando um jantar de sardinhas e xarque, commentaram a passagem do **Biribásinho**, que ficou rugindo e espumando nas **corredeiras**. José Belmonte erguia-se manquejando, e olhava para o logar de onde partiu ao nascer da manhã:

—E' absurdo! Trabalhei durante todo o dia para vencer esses quinhentos metros de rio! Alli está a enseada de onde sahimos quando o sol apparecia. Alli está; e para che gar até aqui batalhei vivamente, e esfolei um pé. E' barbaro! Mais dois **Biribásinhos** — e era uma vez um engenheiro civil!...

XVII

Na noite em que a expedição acampou acima do **Biribásinho**, o rio Sucundury recebeu dos seus manadeiros um farto volume de agua.

Mais de uma vez o Francisco, na escuridão da madrugada, vencendo a fadiga e o somno, deixou a rêde e foi verificar, inquieto, a altura da torrente e a segurança das trez embarcações, receiando a violencia do **repiquete**, que num largo ruido subia entre as pedras e lançava de momento a momento, de encontro ás margens, a sua espuma, as suas tronqueiras e os **balseiros** de galhos e capins.

A's cinco horas da manhã Pedro Mariano sahia do mosquiteiro, despertava José Belmonte, e seguiam ambos para a beira do rio, aos bocejos, sob o denso orvalho que cahia do céo ennevoado. Francisco espera-

va-os, e em frente ás canôas fundeadas, mostrava aos dois homens o rio que subira, se dilatara, alastrando-se, cobrindo os lagedos, as praias e as varzeas, num impeto de repreza esboroada.

Elles, admirados, furavam com os olhos a indecisa penumbra da ante-manhã. No barranco onde pernoitaram a agua avançou, galgou a terra. Os degráos excavados na argilla, na vespera, sumiam-se tragados. Na margem opposta, onde no dia anterior se estendia uma varzea desolada, desdobrava-se toda uma brancura limpida. Os **travessões** do **Biribásinho** jaziam sob as aguas, e em vez do fervor dos **rebojos,** percebia-se apenas o ruido da correnteza sussurrando nos taludes. E todo o Sucundury, desde as muralhas do **Biribá** até o espraiado que antecede as rochas de **Pederneiras,** brilhava tranquillamente, largamente, no esplendor da alvorada.

O sol despejava os primeiros fulgores. A floresta ia surgindo, repontando nos angulos distantes, avançando nas reintrancias dos **saccados,** cobrindo as depressões das varzeas, pompeando nas grimpas da **terra firme**. A pouco e pouco a luz augmentava, brilhava nas frondes das arvores, scintillava na agua

barranco fronteiro e voavam para **baixo**. Durante a noite ouviu um sapo-boi que não cessou de coaxar, **chamando agua** Por isso nem dormiu, observando.

Pedro Mariano lamentava ainda, piedosamente, a sorte do Engenheiro:

— Você tem razão. Esse **repiquete** deveria ter vindo ante-hontem. Foi perversidade!

Mas o Francisco, que estava loquaz nessa manhã, pensava, dentro do seu resignado fatalismo de selvagem, que talvez fosse maldade da **Yara**. Talvez a **Yara** quizesse o Engenheiro para esposo, e tentasse segural-o pelo pé.

— A **Yara**? Exclamava Luiz Negreiros. Você, então, acredita na **Yara**? Ora essa!...

Francisco, impassivel, jurava que era verdade, e que todos os dias ella arrebatava para o fundo do rio dois ou trez homens. Matava-os e abandonava os cadaveres, que iam boiando rio abaixo, enfeitados de ramos.

E com uma circumspecção triste, pondo nos labios os dedos em cruz:

— Verdade, **Caryua**! Juro! Todos os dias...

— E eis a lenda! Atalhava sorrindo, Pedro Mariano. A belleza abrazadora de José

do rio, e numa pulverisação radiosa, cahia, desfazia-se sobre a terra.

Todo o acampamento despertava. Luiz Negreiros e Therezinha, aconchegados e deslumbrados, seguiam para a margem onde estavam os amigos e o Francisco. E elle, cheio de assombro ante a mudança do scenario, exclamava esfregando os olhos:

— E' a enchente! um formidavel **repiquete**! Que transformação!

José Belmonte apoiado na perna sã, invectivava o **repiquete** que viera tão tarde:

— Desde as cinco horas que estou aqui, indignado com esse capricho do Sucundury. Se essa agua tivesse chegado hontem, nós não teriamos soffrido tanto nesse miseravel **Biribásinho**; e eu não estaria com o pé esfolado!

E cada vez mais revoltado, estendendo o braço para as aguas:

— Isso é um rio estupido! Simplesmente estupido! Hontem o **Biribásinho** era um terror; hoje é uma placa de chumbo liquido. Estupido!

Franicsco affirmava que o Sucundury era assim: de repente tomava agua, e seccava de repente. Era preciso cuidado com os seus caprichos. Mas elle, na vespera á tarde, viu duas **arirambas** que deixavam o ninho no

Belmonte fascinando a **Yara**! Tambem... era o que me faltava admirar neste resto de vida!

Luiz Negreiros lançava uma grossa gargalhada que repercutia pela matta. José Belmonte ia replicar, mas a Therezinha interrompia-o e convidava-os para o café, sobre um lagedo proximo, onde se viam o bule e as chicaras.

*
* *

A expedição seguia rio acima. O Sucundury dia a dia augmentava as suas aguas, e as varzeas, os lagos, os **igapós**, invadidos pela caudal, luziam na plenitude da cheia.

Mas se a cheia diminuia os estorvos e permittia transpor as cachoeiras sem tormentos e sem sustos — o inverno ia tornando a viagem insipida e enfadonha. Logo na manhã em que deixaram o **Biribásinho** (justamente quando a Therezinha, no momento do embarque, se apresentava em trajes masculinos e com o rifle a tiracollo) o céo mudou rapidamente. Um arrebatado vento do sul varava toda a matta, arrepiava a folhagem, uivava pelas frondes, enfurecido. Todo o firmamento turvou-se, en-

negreceu de subito, e a chuva fustigava, açoitava toda a terra numa colera solta. E além da chuva e do vento, descia do espaço um frio de geada que entorpecia os movimentos e matava toda alegria.

Sob a tolda da igarité, enrolados, macambusios, os viajantes olhavam o céo turvo, as aguas que se enrugavam sob a borrasca, a floresta esgarçada. E silenciosos, ennervados, immobilisados, esperavam o esplendor de uma estiada e a felicidade de uma restea de sol.

José Belmonte, que estirara o pé ferido sobre o banco da canôa, ainda tentou gracejar; ainda attribuiu a furia atmospherica á Therezinha, que se exhibia de blusa e calça de brim pardo.

— A Natureza indignou-se. Para esse disfarce ignobil só mesmo uma carga dagua!

Mas ninguem replicou, e apenas tiveram sorrisos de triste amabilidade, entre bocejos escancarados. Estancou logo a veia satyrica. Therezinha, no fundo da tolda, tinha ao collo a cabeça de Luiz Negreiros, que cochilava e achava que ia atravessando o melhor trecho da sua **viagem de nupcias.** Pedro Mariano, encolhido, affirmava que preferia um dia de sol entre perigos de cachoeiras, áquella estagnação, indigna da aventura em que se metteu.

E foi ahi, já fóra de todo risco, que a **montaria**, onde iam o José e mais dois **Mundurucús**, bateu fortemente numa pedra. A agua bruscamente penetrou por enorme rombo no casco. José e outro indio largavam os remos e procuravam tapar a brecha. Mas durante esse tempo a pequena embarcação deslisava, levada pela correnteza; e já se approximava dos terriveis **rebojos** do **Airy**, quando Luiz Negreiros, vendo o perigo deu o alarme, gritou, lançou um cabo para a **montaria**. José segurou o cabo, enrolou-o no banco de prôa, e puxou-o.

Pedro Mariano mandava que remassem todos para uma ponta de terra baixa que se via adiante. Ahi encalharam, arrastaram a **montaria** e collocaram-n'a em terra. O rombo era grande, duas cavernas partiram-se e muitas **costuras** estavam abertas.

O concerto da canôa exigia um dia de trabalho. O chefe da expedição resignava-se com a demora, dava ordens, distribuia os serviços, organisava o acampamento.

O resto do dia passou-se em arrumações, e apesar do violento susto, havia em todos uma evidente expressão de desafogo. E nessa noite, á luz da fogueira que reverberava

O inverno recrudescia. Os intervallos de estiagem eram quasi insignificantes, e vinham geralmente á noite, quando as trez embarcações paradas, amarradas, esperavam que a treva passasse. Os remadores, tomados de fadiga, engoliam tragos de aguardente, jantavam, improvisavam nas canôas toldos de lona, sumiam-se, dormiam, derreados.

Assim navegavam; assim passaram **Pederneiras,** onde os blócos de rocha mal mostravam as cristas negras na torrente. Assim passaram Sumaúma — um largo **igarapé** na margem esquerda, onde havia uma palhoça em ruinas. Viram ainda os **igarapés** da **Ponta** e do **Pimental,** as corredeiras do **Mirity,** um casebre na margem direita, á fóz do Tucumã.

Emfim, certa noite, alta madrugada, o céo appareceu estrellado. Pela manhã estavam em frente á cachoeira do **Airy,** tambem coberta pelas aguas, sem os dois **travessões** ameaçadores que a assignalam á distancia. Comtudo, as suas pedras mais altas apontavam aqui e além, no meio do rio; e junto ás margens estouravam **rebojos.**

A **igarité** subia, marginando, impellida pelas varas dos indios. As outras canôas seguiam-na de perto. Rompiam as **corredeiras** e cahiam, emfim, no rio sereno.

junto á floresta, a expedição novamente repousava entre a matta e o rio, sob o céo claro.

Pela manhã, José Belmonte, ansioso por movimento, e com o pé sarado, queixava-se do seu pobre estomago cançado e azedado de tanto **jabá** e de tanta sardinha; e propunha a Luiz Negreiros uma grande caçada. Do logar onde haviam acampado se via, na margem opposta, a bocca de um **igarapé**. O Engenheiro sorvia o café, encantado com a idéa:

— Vamos á caça, Luiz. Iremos na **ubá** com o José e outro indio; enfiaremos por aquelle **igarapé,** passaremos o dia procurando um animal que se coma. Ando arrasado de tanta conserva!

— Eu tambem — dizia o Agronomo. Já não supporto essa alimentação. Vamos á caça. Pode ser...

Pedro Mariano approvava a lembrança e desejava muita sorte aos caçadores.

Therezinha ia tambem, preparava o rancho para a viagem, limpava o rifle e entupia-o com doze balas, feliz, emfim, por poder experimentar a pontaria. E com delicioso enthusiasmo, sob o limpido céo da manhã, partiram para a caçada.

Logo á entrada do **igarapé,** Therezinha vibrou de pura satisfação. Rumando para o

alto rio, sereno, descuidado, grasnando livremente, um casal de araras vermelhas approximava-se voando a sessenta ou setenta metros da terra. Na direcção em que vinham, as duas aves deveriam pasar precisamente sobre a **ubá** que se encontrava na fóz do **igarapé**. Foi um momento de viva emoção! Os rifles preparados, apontados, esperavam as araras, que José Belmonte, um pouco pallido, já considerava depennadas, assadas ao brando calor da fogueira.

E de subito, reboando por toda a floresta, partiu a bala da Therezinha, e em seguida outra bala de Luiz Negreiros. Por fim, foi um tiroteio que durou meio minuto, continuo, feroz, implacavel! Era incrivel! As duas aves passavam, voavam, seguiam o seu rumo, intactas, socegadas, as grandes azas coloridas abertas no espaço, indifferentes á tremenda fuzilaria!

— Pestes! Infames! Bramia o Engenheiro disparando a ultima capsula.

Luiz Negreiros conformava-se, pondo o rifle sobre as coxas:

— Deixal-as, Belmonte. Teremos cousas melhores, mais adiante.

Elle limpava o suor, replicava, já de bom humor:

tesos, andaram nos chavascaes, rastejaram pégadas suspeitas, attentos, ansiosos, arquejantes, procurando, buscando a caça. Rasgaram as roupas nas **unhas de gato**, feriram-se nas **tiriricas**, sentiram o effeito corrosivo do **cauixy**. Por fim, ao regressarem, viram um **macaco-prego** no alto de uma castanheira. O alarme, o cerco — o tiroteio medonho sobre a castanheira! O macaco fugiu, galgou outra arvore, desappareceu no matto!

Desceram, então, cançados, rasgados, amaldiçoando a floresta despovoada — sob uma chuva furiosa que os perseguiu até ao acampamento.

— Havemos de ter. Demais, a carne da arara é dura, sem gosto, muito indigesta. Já comi uma vez. Peior que bagaço!

Therezinha sorria, enchia novamente o seu rifle:

— Peior que bagaço! Mas você já estava sentindo o cheiro da carne assada!

Remavam, subiam o **igarapé**. Toda a floresta parecia adormecida, sem um grito, sem um rumor, num silencio abafado. Grandes arvores erguidas nas duas margens deitavam sobre a agua sombras espessas e humidas como de subterraneo. Aqui e além, grossos troncos atravessados de barranco a barranco formavam pontes por onde a canôa ora resvalava por cima, ora enfiava por baixo, roçando duramente as bordas no cerne rijo. Nessas passagens todos desembarcavam, empurravam a **ubá**, forçavam-n'a a arriscada gymnastica. Depois seguiam, enfastiados, cançados do esforço, sob um começo triste de desanimo, varando com os olhos ávidos a matta silenciosa, onde não se via um simples voar de borboleta — e onde tudo parecia mais lugubre e mais solitario que um mundo morto.

Assim viajaram até á tardinha. Deixaram o **igarapé**, seguiram pela floresta, desceram covões, espreitaram moitas, marcharam sobre os

XVIII

Uma tarde, quasi ao crepusculo, quando Pedro Mariano, na prôa da **igarité**, olhava as margens do Sucundury e procurava um logar que servisse de refugio para a noite — o Francisco ao seu lado insinuava que alli perto, depois do **estirão**, morava Miguel Candido, o mais prospero seringueiro do rio. Era um homem do Ceará, de cincoenta annos, quasi analphabeto. A sua casa era farta; tinha roças, plantações, **chirimbabos**. Valia a pena — insistia o indio — pedir-lhe pousada para aquella noite.

Pedro Mariano hesitava. Tinha sempre a idéa de evitar essas pousadas nocturnas. Conhecia a grosseira curiosidade desses seringueiros, e repugnava-lhe dar informações sobre o destino da sua jornada. Por isso decidiu ponderar ao indio a inconveniencia desse

repouso em casa estranha. E ia accumulando argumentos, quando Luiz Negreiros, que se approximava nesse instante, avisava ao amigo que a Therezinha sentia dores no estomago, desde o almoço. Por fim, vomitou, e elle, inquieto, pedia um remedio para os vomitos e as dores.

— Creio que é das conservas, Pedro. Talvez seja... ha tantos dias...

E disfarçando a inquietação:

— E' falta de habito. Eu queria dar-lhe bicarbonato de soda. Será bom?

Pedro Mariano, que até alli contivera a sua aversão ás conservas, desabafou, afinal:

— Tambem eu, Luiz! Já não supporto siquer o cheiro desses camarões, dessas sardinhas, dessas horriveis lagostas! Nem almocei hoje. Dê o bicarbonato. E' excellente!

Expoz logo ao Agronomo a tentação do Francisco, seduzindo-o para uma noite de descanso no barracão de **Mucajá**:

— E' a propriedade de Miguel Candido, um cearense, o maior seringueiro do rio. Diz o Francisco que é homem de bem, e ha fartura: roça, horta, gallinhas, etc. Para nós, isso é a maior das fortunas; é quasi um sonho! Mas não gosto de pedir agasalho. Estou assim, indeciso... No emtanto, a pobre da The-

Mas apesar dos calculos do Francisco, e apesar do esforço dos remadores que faziam roncar na agua a pá dos remos de louro — só ás oito horas da noite as trez embarcações embicaram no porto de **Mucajá**. O barracão jazia no escuro, mudo, fechado, como se os seus habitantes o houvessem abandonado. Pedro Mariano e Luiz Negreiros subiram o barranco, agitados, nervosos, temendo uma decepção.

Bateram. Nenhum som, nem o mais vago ruido partia da escuridão da casa. Tornaram a bater com força; e sentiram immenso consôlo ouvindo passos que se arrastavam pelo soalho e uma voz rouca de homem que perguntava quem batia. A luz oscillante do pharol clareou a enorme sala da frente. A porta abriu-se, e um moço alto e barbado estacou ante os dois homens, perguntando:

— Quem é? Que deseja?

Luiz Negreiros adiantava-se empinando o grande corpo:

— Sou conhecido de Miguel Candido. Estamos aqui de passagem para o alto rio, e pedimos pousada por esta noite. Chamo-me Luiz Negreiros.

O moço ergueu o pharol até á face grave do Agronomo. Mirou-o, sorriu de leve, reconhecendo-o:

rezinha! E o estomago... e os vomitos... E' o diabo!

Coçava a cabeça, irresoluto. Luiz Negreiros declarava que conheceu Miguel Candido certa vez, quando descia o **Madeira**, vindo de **Manicoré**. Viu-o em **Borba**, num batelão rebocado por uma lancha a gazolina. Fizeram conhecimento, almoçaram juntos. Era homem discreto, energico, de negocios limpos, muito respeitado no **Canumã**. Demais, grande amigo dos indios.

Vendo a irresolução do amigo, que abanava a cabeça, tentou convencel-o:

—E' bôa a idéa. Pode ser que por lá concertemos os estomagos. Belmonte tambem está imprestavel. Pudera! Ha dez dias que ingerimos esses venenos! Pode haver uma doença!

Elle, tentado, accedia suspirando:

— Pois bem. Vamos repousar um ou dois dias no **Mucajá**. Como é para salvação dos estomagos...

Foram dadas as ordens. A noticia desse repouso e a esperança da fartura alegraram os proprios **Mundurucús**. E José Belmonte, enthusiasmado, trepava na tolda da **igarité** e gritava para os remadores:

— Vamos, rapazes! Força nos remos. **Mucajá** tem tudo! Vamos depressa!

— Meu tio não está em casa: anda para o **Tapajós**, e é esperado desde hontem. Lembro-me muito bem do Sr., em **Borba**, no anno atrazado. Almoçámos juntos, na villa.

E afastando-se, num gesto largo:

— A casa está ás suas ordens e dos seus amigos.

Entraram. Pedro Mariano explicava ao moço barbado a situação da sua gente: todos bons, todos com saúde, mas infelizmente, com excepção dos indios que os acompanhavam, com os estomagos estragados por causa das conservas. O seu maior empenho naquella pousada era conseguir alimentação melhor. Para isso, estava disposto a qualquer despeza.

O moço ouvia-o silencioso, e ao vel-o terminar, falou com a voz arrastada e grossa como a de um ancião:

— Não senhor; nós não temos nada para vender. Se acceitarem a hospedagem em nossa barraca nos darão muita honra.

Pedro Mariano pedia desculpas, agradecia, declarava com alegre franqueza que estavam a morrer de fome, apesar do farto rancho que conduziam.

*
* *

Os dias de repouso no barracão de **Mucajá** foram, como dizia José Belmonte (atravessado de saudade) os mais felizes de toda a viagem.

Logo na primeira noite o moço de barba preta e de vóz de ancião, que se chamava Joaquim, communicava á dona da casa, sua tia, o offerecimento que fizera e o estado em que se encontravam os hospedes. A bôa senhora despertava a criadagem, accendia pharóes por toda a casa, distribuia os aposentos. E as dez horas da noite, quando Pedro Mariano resolvera descer ao porto com José Belmonte, afim de preparar um misero **chibé** para illudir a fome; precisamente quando iam deixar o alpendre do barracão — ouviram no interior da casa um alvoroçado barulho de pratos e talheres!

Pararam, entreolharam-se, atordoados; esperaram um instante, suspensos. Logo depois, por todo o immenso casarão, rescendia um suave aroma de carne assada. E a dona da casa, com a Therezinha ao lado, apparecia no alpendre e convidava os seus hospedes para o jantar!

Mas o bom fado estava nessa noite com a expedição. Pedro Mariano e José Belmonte dormiram no alpendre, sob a noite clara, emquanto nas roças e no bananal em torno, os **corócorós**, os **maty-tapêrês**, os sapos, os grillos, entoavam os seus grasnidos, os seus cantos, os seus gritos, num macabro concerto. Adormeceram ambos docemente, quietamente, em meio o ruido dessa orchestra de noctambulos e ao sussurro do Sucundury que em frente ao barracão, pelas arestas núas dos barrancos, arremessava as aguas turvas da enchente.

Luiz Negreiros e Therezinha ainda ficaram na sala de jantar conversando com a dona da casa. Depois vagaram enlaçados até á sala de visitas, até ao terreiro da casa, de onde viram o porto transformado pelos indios em vasto dormitorio. Mas a noite se ia tornando cada vez mais fria. Therezinha achava imprudente affrontar o sereno; elle tambem — e arrebatou-a, tomou-a nos braços, levou-a para a alcova, beijando-a doidamente.

José Belmonte, esbugalhado, exclamava no meio do alpendre, ao ver as duas mulheres voltarem para os fundos da casa:

— Jantar! Jantar carne assada! Isso não é sonho, Pedro? Ha cem annos que não sei o que é um bife!

— E' a realidade, Belmonte. Eu senti o cheiro e ouvi as palavras da senhora. Até tenho medo! Vamos depressa!

Vararam para o interior do barracão, pararam na grande sala das refeições, onde já estava Luiz Negreiros com um brilho esplendido nos olhos, a conversar com o moço barbado. E viram sobre a mesa um enorme prato de churrasco de anta e uma travessa de ovos estrellados!

Durante uns vinte minutos a sala de jantar permaneceu sob largo silencio, cortado apenas pelo mexer compassado das mandibulas e o ruido secco dos talheres. E só á sobremesa — duas pencas cheirosas de bananas **inajás** — José Belmonte observou fracamente, num sorriso lasso:

— Olhe, Pedro: se não estou enganado, sinto-me admiravelmente preparado para a maior indigestão da minha vida!

— Eu tambem, Belmonte — eu tambem... nem posso respirar...

XIX

Na manhã seguinte, á hora em que os viajantes á mesa do café louvavam a delicia de umas **popunhas** cosidas, chegava Miguel Candido.

Era alto, branco, magro, com o aspecto enfermiço, os gestos lentos de quem vive cançado, e o olhar azulado, parado, pensativo. Mas era apenas o aspecto: aspecto que illudia, que disfarçava uma energia viva, indomavel, pertinaz, latejando no organismo de impaludado.

Habituado a essas continuas hospedagens, não se assustou ao ver o porto do seu barracão cheio de canôas e de indios. Saudou os selvagens, que já conhecia, subiu o barranco, entrou na casa. Foi encontrar os hospedes na sala das refeições. Reconheceu logo Luiz Negreiros, abraçou-o, apertou a mão aos ou-

tros e á Therezinha, com uma cortezia serena de patriarcha.

E alli mesmo, com o seu velho traje de viajante, tomou logar á mesa e declarou tranquillamente que terminara o mais desejado, o mais ambicionado trabalho da sua vida:

— Conclui o meu **pique** entre o Sucundury e o **Tapajós**. Trouxe de lá alguns indios **Campineiros**.

José Belmonte interessava-se, como Engenheiro, por esse **pique** atravessando a floresta e ligando os dois rios. E mastigando uma **popunha** expandia o seu enthusiasmo por esse feito tão friamente annunciado:

— O Governo, por duas vezes, tentou abrir esse caminho. Uma, por Maués, outra, pelo Sucundury, partindo de **Santa Maria**. Foi um duplo fracasso; e a zona rica do **Tapajós,** que pertence ao Amazonas, viveu sempre abandonada, explorada pelo Estado do Pará. Se o Governo souber aproveitar esse **pique,** são dezenas de contos que entrarão para o Amazonas. Mas o Amazonas, coitado, não tem Governo! Creio que foi praga que lhe rogaram!

Só, então, comprehenderam e admiraram o grande feito de Miguel Candido, que encolhido, socado na sua modestia, agradecia os

tão intensa que os seus amigos receiaram que elle os abandonasse de subito para seguir, atravez das mattas do Sucundury e do Tapajós, a india tentadora.

Nesses dois dias vagou pelo barranco, suspirando, sorrindo, espreitando a **Campineira** maravilhosa, que na innocencia da sua seminudez, deixava resplandecer ao sol tropical todo o encanto do corpo moreno. Como não comprehendia o amor civilisado e tortuoso do Engenheiro, nem as commovedoras declarações, recebia os continuos presentes de alfinetes e contas e guardava-os num paneiro como quem guarda um thesouro.

Nem a caçada proposta por Miguel Candido, nem os passeios nas roças e no castanhal, nem a visita a uma gróta curiosa onde havia vestigios de hulha — arrancaram José Belmonte da tenaz contemplação e do seu posto no alto do barranco.

Na tarde do segundo dia, de volta das roças e da caçada, Pedro Mariano encontrou-o atraz de uma pequena moita, extasiado para a india.

Teve, então, piedade daquelle delirio. Chamou-o, tomou-o pelo braço:

cumprimentos e offerecia ao Governo o **pique** que lhe custou um anno inteiro de sacrificios.

Pedro Mariano levantava-se e concordava com José Belmonte:

— Vocês vão ver! O Governo nem quererá saber dessa estrada. E agora vamos ver esses bravos **Campineiros** que acompanharam o Sr. Miguel Candido. Sempre ouvi falar com admiração nesses indios valentes.

Desceram todos ao porto, onde pouco distante das canôas da expedição, se via uma ubá enorme. Lá estavam juntos á **ubá** dez ou doze selvagens, semi-nús, em torno de uma pequena fogueira, comendo e falando. Eram altos e robustos, mais claros que os Mundurucús, com listas negras cruzando os peitos e as costas.

Entre elles encontravam-se duas indias: uma, já velha, de physionomia quadrada e dura; a outra, moça, timida, de olhos suaves, magnificamente perfeita no corpo e no rosto, de onde irradiava uma languidez sensual. Chamava-se **Arêrê**, e tinha uma cabelleira negra que lhe cobria o dorso até á cintura.

Foi essa india; foi a belleza impressionante dessa moça selvagem, que fascinou violentamente José Belmonte, e o trouxe, durante dois dias, achatado numa apathia espiritual

— Mas você está louco, Belmonte! Uma pobre india? Uma creatura semelhante aos brutos? Você não vê isso?

Elle suspirou como uma criança, apoiou-se ao braço do amigo:

— Não sei; não vejo nada. **Arêrê** foi até hoje a unica mulher que me impressionou! Pouco me importa a sua selvageria. Para mim ella é unica, perfeita!

— Você está louco! — repetia Pedro Mariano. Demais, preciso dizer-lhe alguma cousa mais grave. **Arêrê** é filha de um Pagé dos **Campineiros**; é virgem; é sagrada. Você arrisca-se estupidamente a levar uma flechada, se continuar a seguil-a. E o peior é que você ainda não percebeu a attitude de suspeita dos indios. Isso é grave, Belmonte! E' gravissimo!

Elle sorria e respondia serenamente:

— Poucas vezes tenho tido medo na vida. O que me incommodaria nesse caso seria o desgosto de derrubar a tiros esses pobres diabos, se me aggredissem.

Calou-se, de subito, apontando para o rio, deslumbrado:

— Veja! Veja!

Nesse momento **Arêrê** caminhava por um espraiado na direcção da **ubá**. O seu corpo mo-

via-se com a graça triumphal de uma deusa olympica e lasciva. Da moita, os dois homens seguiam-n'a hypnotisados. E quando a **Campineira**, sorrindo, galgava um monticulo de terra junto ao barranco, Pedro Mariano, fascinado, offuscado pela graça incomparavel da india, segurou o braço do amigo, como se o tomasse estranha vertigem:

— Vamos, Belmonte! E' uma horrivel loucura! **Arêrê** é algum genio diabolico da floresta. Vamos! Você tem razão. Vamos depressa!

Arrastou quasi á força o Engenheiro, que se deixava levar, murmurando:

— Um genio da floresta! Quem sabe!...

Na manhã seguinte a expedição deixava o **Mucajá**, subia o Sucundury, que ia recebendo nas suas aguas os longos, desabafados suspiros do Engenheiro!

mettera. Sentada no banco da **igarité**, junto ao marido, sorria para o sol, para a floresta, para as aguas, numa continua caricia para esse mundo barbaro.

A tristeza de José Belmonte, ainda perdido em scismas pela formosura de **Arêrê**, foi perenne motivo para as suas ironias. E certa noite, impiedosamente, traçou o destino do Engenheiro. Como **Arêrê** era uma india da tribu errante dos **Campineiros**, andeja e inimiga dos brancos, não poderia adaptar-se á civilisação, e naturalmente exigiria do marido que a acompanhasse na sua marcha pelas florestas em todas as direcções do quadrante. O marido — José Belmonte — abalado pela vehemente paixão, deixaria em algum remoto barranco do rio a sua consciencia, os seus escrupulos, a sua roupa — e seguiria o rasto da amada.

Era este — dizia ella sorvendo o café ás nove da noite — o futuro do Engenheiro. E mais tarde quando a tribu observasse a sua dedicação e os seus conhecimentos scientificos, talvez o fizesse **Tucháua** da grande taba, senhor de mil flechas guerreiras, dominando a faixa de terra immensa entre o **Sucundury**, o **Abacaxys** e o **Tapajós**!

XX

Os dias que passaram, desde a partida do **Mucajá** até á cachoeira do Puraquê, foram quasi todos carregados de impertinente monotonia. A saudade das horas alegres no barracão de Miguel Candido; a paixão singular de José Belmonte; (que permanecia calado e abstracto) as alternativas do inverno; a inacção que começava a entediar os viajantes, e emfim, o retorno ás detestaveis conservas, traziam os expedicionarios tolhidos num tristonho silencio.

Apenas a Therezinha conservava a jovialidade, e achava sempre sublime aquella audacia de aventureiros em busca de uma grande mina de ouro em terras ignotas. Nem o inverno, nem a taciturnidade de bordo, nem a maldita alimentação, arrefeciam o seu enleio pela empreza onde tão inesperadamente se

— Eis ahi — concluiu muito séria — a sorte que espera o Belmonte: **Tucháua** dos **Campineiros**. E' o destino!

José Belmonte sorria pacientemente sob a torrente de sarcasmo, e affirmava que só por simples consideração aos amigos e á mina de ouro, deixara de seguir Arêrê e a sua taba. Mas o vulto da india ficaria para sempre na sua memoria:

— Nunca mais, Therezinha, ella sahirá da minha lembrança. Nunca mais! E' porque você não a viu como eu e o Pedro, á tarde, á beira do rio. Era uma estatua; uma tentação; um assombro! Até o Pedro tremeu, atraz da moita!

Ella repellia aquellas expressões:

— Isso não é amor — é immoralidade. Se eu a visse! Só de maluco!

E foi levando Luiz Negreiros para o interior da tolda, porque não queria ouvir outras blasphemias.

Ao terceiro dia de viagem, tendo já passado a fóz do rio **Urucú**, a Ilha dos **Japiins**, o **Igarapé** e a **Cachoeira das Piranhas**, a expedição foi repentinamente obrigada a repousar. As febres palustres atacaram o Francisco e trez indios. Na manhã seguinte Luiz Negreiros, que passara toda a noite agitado, sentiu

arrepios, e a sezão estalou bruscamente num calefrio desesperado. Logo depois explodia a febre, furiosa, escaldante; e seu corpo estremecia abrazado.

Os dois amigos moviam-se agachados em torno do enfermo. Therezinha, contendo a angustia que a trazia esgazeada e gelada, amparava-lhe a cabeça, dava-lhe remedios, acariciava-o, implorava a todos um allivio para aquelle calor implacavel.

Houve um momento em que José Belmonte, ao ver a columna do thermometro subir a quarenta gráos, teve olhares de supremo, indisivel espanto. Nesse instante, Pedro Mariano injectava a segunda ampola de quinino e friccionava com aguardente o corpo do Agronomo. Lentamente a febre diminuia; pela fronte apparecia leve humidade, e logo porejou por toda a face um espalhado suor, que a Therezinha, enxugava silenciosa, olhando o marido que respirava desafogado.

Ao meio dia o doente erguia-se, combalido, desalentado, como se houvesse lutado corpo a corpo, o dia inteiro, com um inimigo feroz. Mas pouco a pouco ia reagindo, cheio de esperanças; e ao ver-se ainda rodeado, acariciado pela esposa, falou, socegado:

cia do enfermo que decidiu Pedro Mariano a organisar immediatamente uma dupla caçada por aquellas terras de **Piranhas**. Pela margem esquerda, subindo um **igarapé** desconhecido, partiriam José Belmonte e dois indios, na **montaria**. Pela direita, onde estacionava o acampamento, seguiriam floresta a dentro elle e o José.

A sorte não hostilisou os caçadores nessa tarde.

E' verdade que José Belmonte, quasi ao meio da viagem de subida pelo **igarapé**, errou escandalosamente o primeiro tiro num **jacamin** que passou lentamente a vinte metros do seu rifle. Mas, quando com amarga tristeza ordenava a descida, viu á frente da **montaria**, cortando a agua quieta, a cabeça de um jacaré. Rapidamente levou a arma ao rosto, apontou, atirou. A féra attingida deu violenta rabanada e estirou-se logo mostrando o ventre amarello. José Belmonte, desconfiado da ingrata pontaria, de novo atirou á cabeça do amphibio varando-lhe um dos olhos. Só então permittiu que a **montaria** se approximasse e que os indios conduzissem o jacaré para a margem, onde lhe deceparam a enorme cauda.

Assim, com esse sangrento trophéo de caça, desceu o **igarapé**, atravessou o rio e che-

— Não é nada. O impaludismo é meu velho conhecido. Foi descuido: não tomei o quinino esses quatro dias. Não pude...

Pedro Mariano reprehendia-o seccamente:

— Isso é imperdoavel! Que exemplo está dando você aos nossos indios! E o susto horrivel que fez á sua mulher! Não é correcto! Não é decente!

Elle sorria ainda, fracamente, sob o aspero olhar do chefe da expedição:

— Não o farei mais; porém o estomago não supportava o quinino. De hoje em deante tomarei injecções de dois em dois dias. O accesso não voltará.

Depois, olhando a Therezinha que o censurava tambem mansamente:

— O peior é que estou com uma fome terrivel! Quem me dera um pedaço de carne fresca!

Essa fome do Agronomo impressionou os dois amigos. No rancho de bordo havia apenas uns restos resequidos de xarque e **pirarucú**, e as horrendas conservas. Therezinha preparou para o marido um triste mingáu de farinha de trigo. Elle, porém, repelliu desolado o prato insipido, indigno do seu estomago de explorador de minérios. E foi essa repugnan-

gou ao acampamento, resplandecente de jubilo. Mas só os indios exultaram com a immensa peça de carne. Luiz Negreiros, apesar do desmarcado appetite que o arrasava, impugnou o rabo da féra porque exhalava um cheiro detestavel. Therezinha teve nauseas. E José Belmonte, desconsolado e indignado, entregava aos **Mundurucús** a negra cauda, protestando contra a repugnancia do casal:

— Vocês são incontentaveis! Todo o mundo gosta de um guisado de rabo de jacarétinga. Todo o mundo! No Japão, que é um paiz civilisado, é até um prato carissimo. Mas vocês, com esses luxos...

— Não posso, Belmonte — dizia Luiz Negreiros debilitado pelo jejum e pela febre. Não posso! E' um **pitiú** damnado! Se não fosse isso, eu devoraria esse rabo todo, hoje mesmo.

O Engenheiro insistia. Aquillo era luxo, era mimo de casal novo; e affirmava que ia jantar admiravelmente, com os selvagens, o rabo guisado, com **farinha dagua** e pimenta.

— Os indios sabem tirar o **pitiú** do jacaré. Fica um lombo delicioso. Parece tartaruga!

Luiz Negreiros, tentado pela semelhança com o afamado chelonio — abria, quasi risonho, os grandes olhos famintos:

— Se for assim... como tartaruga... então provarei um pedacinho... Pode ser. Os indios sabem tudo... são capazes de tudo... de tirar o mau cheiro...

Só a idéa de ver o marido desejar o rabo do monstro, revoltou vivamente Therezinha:

— Oh! Luiz! Pelo amor de Deus! E' possivel que você queira provar essa féra que talvez já tenha comido gente como nós? E' possivel?

Mas José Belmonte replicava, extinguindo aquelles escrupulos:

— Gente como nós? No Sucundury? Nestas alturas do rio? Você não está vendo que isso por aqui não é habitado! Foi a calumnia mais cruel que já se levantou contra esse pobre bichinho! Coitado!

Nesse instante, quasi ás seis da tarde, apontaram na orla da matta dois vultos de homens. Eram Pedro Mariano e o José, que sorridente, agitava uma cousa preta e com azas. Chegaram, e o indio, num gesto de triumpho expunha aos olhos de todos um magnifico **mutúm!**

gou ao acampamento, resplandecente de jubilo. Mas só os indios exultaram com a immensa peça de carne. Luiz Negreiros, apesar do desmarcado appetite que o arrasava, impugnou o rabo da féra porque exhalava um cheiro detestavel. Therezinha teve nauseas. E José Belmonte, desconsolado e indignado, entregava aos **Mundurucús** a negra cauda, protestando contra a repugnancia do casal:

— Vocês são incontentaveis! Todo o mundo gosta de um guisado de rabo de jacaré-tinga. Todo o mundo! No Japão, que é um paiz civilisado, é até um prato carissimo. Mas vocês, com esses luxos...

— Não posso, Belmonte — dizia Luiz Negreiros debilitado pelo jejum e pela febre. Não posso! E' um **pitiú** damnado! Se não fosse isso, eu devoraria esse rabo todo, hoje mesmo.

O Engenheiro insistia. Aquillo era luxo, era mimo de casal novo; e affirmava que ia jantar admiravelmente, com os selvagens, o rabo guisado, com **farinha dagua** e pimenta.

— Os indios sabem tirar o **pitiú** do jacaré. Fica um lombo delicioso. Parece tartaruga!

viam sido guardadas para a travessia na matta, desde o **Puraquê** até ao **Igarapé do ouro**. Os restos de xarque tornavam-se dia a dia mais seccos, mais intragaveis.

Viajantes e tripulantes alimentavam-se de **chibé**, assucar e bolachas. No terceiro dia, após o accesso febril do Agronomo, depois de caçadas inuteis, descobriram uma **rebolada** de **bacabeiras**, cujos frutos estavam providencialmente maduros. E durante vinte e quatro horas a **bacaba** foi o sustento generoso de indios e brancos. Depois, em **Cuyabá** — numa triste barraca de seringueiros impaludados — Pedro Mariano descobriu um monte de gerimús. Comprou-o, embarcou-o, por entre o regosijo de todo o acampamento.

Mas esses pequenos favores da fortuna apenas conseguiram manter o estado moral da expedição. O chefe sentia o vago desprazer com que os **Mundurucús**, apesar de submissos, ingeriam a alimentação adventicia. Essa preoccupação trazia-o em vibrante actividade, e de vez em quando ordenava incursões pelas mattas do Sucundury.

Foi na manhã em que as trez canôas haviam passado a infernal **corredeira** de **Sucurijú**, onde o rio, estreitissimo se despenha espumando entre altos barrancos, e onde as

grandes arvores das margens formam uma abobada verde — foi depois dessa tormentosa passagem, que realmente a sorte acompanhou os caçadores.

Não ha phrase que possa descrever o successo, a alegria, o inaudito delirio dessa inaudita caçada. Foi rapida e admiravel!

José Belmonte acompanhado pelo José, o Francisco e mais dois indios que sabiam manejar o rifle, rumou para a floresta ás oito da manhã. Logo depois de atravessada a matta marginal, os caçadores encontraram uma pequena campina. Vararam-n'a, approximaram-se de um **teso** assignalado por grande numero de palmeiras **patauás**. E de subito, ao galgar o **teso**, um dos indios, que ia á frente, avistou enorme bando de **queixadas** fossando e roncando. Desceu de manso e communicou aos outros o que tinha visto. Com excessiva cautela José Belmonte distribuia os seus homens, formando um cerco seguro. Tudo era propicio aos caçadores: — a disposição do **patauásal**; a floresta em volta, fechada e escura; a tremenda gula dos porcos escavando o lamaçal, procurando os frutos das palmeiras. Os animaes estavam cercados. O Engenheiro deu o signal de ataque atirando num dos **queixadas** que rolou estrebuchando no charco.

Immediatamente partiu de todos os lados uma descarga feroz, atroadora, incessante, trovejando pela floresta.

Durante cinco minutos os rifles despejaram dezenas de balas, num furor de destruição. O bando de porcos ora corria em todas as direcções, ora voltava doidamente ao lamaçal, apavorado, louco, estalando as terriveis mandibulas. Por fim, numa arrancada furiosa, partiram, romperam o cerco, sumiram-se na matta.

José Belmonte reunia os caçadores. Invadiram o **patauásal**, metteram-se na lama, onde jaziam varados pelas balas quatorze animaes!

José correu ao acampamento, espalhou a noticia aos gritos, voltou acompanhado por outros indios, para a conducção dos **queixadas**.

E desde esse dia celebre, em que José Belmonte recebeu grandes acclamações, a expedição teve sempre, segura e farta, a sua alimentação.

XXI

Foi numa tarde chuvosa que alcançaram a cachoeira do **Puraquê**, e logo, um pouco acima, a foz do **Igarapé do Murerú**, na margem direita do rio, onde existia uma pequena barraca em ruinas.

Foi ahi, no **Murerú**, que Pedro Mariano reuniu a sua gente, e durante dois dias, combinou, acertou a viagem pela floresta até á mina de ouro. Na barraca ficariam os indios guardando as canôas, uma grande mala de madeira com utensilios, cousas diversas que não poderiam ser conduzidas. Depois determinou sobre a divisão das bagagens e dos mantimentos, reduzindo ao peso minimo as cargas respectivas.

As setenta milhas que a expedição teria de cobrir eram desgraçadamente incommodas, mesmo para um homem robusto e sem

— Ha um meio: é levarmos além do Francisco e do José, mais dois indios, com **jamaxys**. E' o melhor.

— Mas o rancho? Interrogava Pedro Mariano, apprehensivo. Nós não temos alimentação para tanta gente. Seremos assim, oito pessoas; a viagem de ida e volta, — se formos felizes, se nada nos acontecer, se a sorte estiver sempre comnosco, — não se fará em menos de trinta dias. Com a Therezinha na expedição não poderemos avançar como desejavamos. Veja Você! E' a fome!

José Belmonte sentia a força desse raciocinio. Mas não abandonava a sua idéa.

— Você se esquece do que succedeu ao Francisco nessa matta do **Sucundury**? A fome? A sêde?

Belmonte retorquia, afastando a negra hypothese:

— O Francisco andou por aqui no verão — num dos peiores verões do Amazonas. Nós vamos no começo do inverno. Teremos agua, frutos, caça.

— Realmente... é uma vantagem o inverno.

O Engenheiro insistia, segurando-lhe o braço:

equipagens. Todo esse percurso seria feito atravez da floresta, onde mal se poderia caminhar, e onde os cipós, as hervas, as galhadas, perturbariam continuamente a jornada. Além disso havia o terreno, ora encharcado como pantano, ora em declive de despenhadeiro. E para remate de tantos entraves, iriam encontrar tambem os **igarapés** jorrando a agua viva das cheias; as chuvas; os temporaes apavorantes; as féras; as doenças; todos os perigos, todos os martyrisantes obstaculos!

Por isso, Pedro Mariano considerava, pensava e sentia mais do que nunca (olhando os saccos impermeaveis dos companheiros) a sua immensa responsabilidade de chefe.

Si durante a travessia houvesse um desastre, um accidente, uma doença, tudo teria de ser alterado, e essa carga augmentaria temerosamente. Demais, era preciso contar com a caça abatida pelo caminho.

Nessa dura contingencia, resolveu ouvir a opinião de José Belmonte. Chamou-o, levou-o ao porto da barraca e expoz-lhe tudo. O engenheiro, com a habitual presteza de resoluções, alvitrou promptamente:

— Ha um meio: é levarmos além do Francisco e do José, mais dois indios, com **jamaxys**. E' o melhor.

— Mas o rancho? Interrogava Pedro Mariano, apprehensivo. Nós não temos alimentação para tanta gente. Seremos assim, oito pessoas; a viagem de ida e volta, — se formos felizes, se nada nos acontecer, se a sorte estiver sempre comnosco, — não se fará em menos de trinta dias. Com a Therezinha na expedição não poderemos avançar como desejavamos. Veja Você! E' a fome!

José Belmonte sentia a força desse raciocinio. Mas não abandonava a sua idéa.

— Você se esquece do que succedeu ao Francisco nessa matta do **Sucundury**? A fome? A sêde?

Belmonte retorquia, afastando a negra hypothese:

— O Francisco andou por aqui no verão — num dos peiores verões do Amazonas. Nós vamos no começo do inverno. Teremos agua, frutos, caça.

— Realmente... é uma vantagem o inverno.

O Engenheiro insistia, segurando-lhe o braço:

embáubas e as ingaranas da margem. E a floresta apparecia aos viajantes, alta, silenciosa, impenetravel, deixando entrever na majestade da sua belleza barbara, a traição das serpentes, a atrocidade das féras, e por toda parte, de todos os lados, rumores estranhos, emboscadas sinistras, perigos sem conta.

Mas os invasores conheciam-n'a, e sabiam que sob os esplendores da sua folhagem, entre riquezas e maravilhas, desenrolavam-se perfidias abominaveis, surprezas crueis, toda uma persistente, incessante hostilidade.

Estavam todos promptos. Pedro Mariano, Luiz Negreiros, José Belmonte, collocavam a tiracollo os saccos de lona. Therezinha na sua roupa masculina, conduzia apenas o rifle carregado. Francisco e José — que deveriam abrir a marcha — brandiam alegremente os **terçados** com os quaes fariam a picada na matta. Os dois indios escolhidos pelo engenheiro amarravam ás costas os **jamaxys** e collocavam-se na retaguarda.

Luiz Negreiros, disfarçando a commoção, experimentava e collocava o seu podometro, e dizia a José Belmonte que se encarregasse da bussola:

— Você está assim... amedrontado com a travessia. Não pensemos tanto na falta de alimentação. O indio contenta-se com tudo; até com o jejum, desde que seja tratado com brandura. O matto sempre tem bichos, e temos **farinha dagua** em abundancia, e temos a intelligencia que ás vezes serve para alguma cousa. E temos coragem; e Deus é grande!

Pedro Mariano deixava os receios, e levado pelo animo e pelo bom humor do amigo decidia:

— Pois bem: levo os dois indios. Si não fosse a Therezinha, fariamos essa viagem de uma arrancada, dentro de quinze ou vinte dias. Paciencia...

No dia seguinte, ao amanhecer, faziam-se os ultimos preparativos. Alguns **Mundurucús,** ficariam no **Murerú,** esperando os brancos e os companheiros. Pedro Mariano deixava-lhes armas e mantimentos. Depois transportavam-se para a margem esquerda do rio, e ahi, na matta, todos instruidos, tudo organisado, prepararam-se para a jornada.

Era uma serena, transparente manhã de Dezembro. O sol erguia-se rubro entre farrapos de nuvens. O rio corria brando e fulgido. Uma fria bafagem do norte vagava entre as

— E' sempre conveniente a bussola. No meio da matta nunca se vê o sól. E' mais seguro.

O engenheiro respondia de bom humor, accendendo o cigarro:

— Bussola? Para que? A bussola aqui, meu velho, é o nariz do Francisco. Não o perca de vista! E, com franqueza, na nossa situação, confio mais no nariz.

— Então — replicava elle — o podometro é tambem inutil. Para que?

José Belmonte, com o vivo desejo de contrarial-o, explicava a necessidade do instrumento:

— Não; o podometro é indispensavel. Se por acaso houver um accidente; se morrermos todos em massa, aquelle que encontrar os nossos esqueletos ha de saber pelo podometro o numero de milhas que percorremos na floresta. Já é uma utilidade; e passaremos á historia decentemente, como pessoas civilisadas.

Therezinha, que examinava as molas do rifle, repellia a idéa:

— Para longe o agouro. Que idéa! Credo! Só você pensa em desgraça!

— Eu e todo homem de bom senso que nos visse agora preparados para uma aven-

tura dessa ordem, guiados por um indio **Mundurucú**, numa floresta desconhecida, em busca de certo **igarapé** perdido por ahi.

— Por que vae, então? Por que não volta para Manáos?

Elle respondia, inalteravel:

— Por piedade. E' por piedade de vocês todos... que me sacrifico...

Pedro Mariano, que fizera partir o Francisco e o José, intervinha no dialogo, e achava que toda a sciencia se tornava inutil. O rumo verdadeiramente, era o nariz do selvagem!

Meia hora depois — precisamente ás sete da manhã — o chefe da expedição tomava a frente dos seus homens, e de rifle ao hombro, olhando a floresta, disse simplesmente, serenamente, com tranquilla resolução:

— Vamos, meus amigos. Dentro de quinze a vinte dias estaremos no **Igarapé do ouro**.

— Se Deus quizer — emendou Luiz Negreiros, tirando o chapéo de **murúmurú**, erecto e grave, ao lado da esposa.

José Belmonte puxava uma fumaça do cigarro, e dizia seccamente, ageitando o sacco nas costas:

— Tóca! P'ra frente!

andirobeira — um oleo finissimo nos frutos. Alli adiante é **acoáricoára** — mais duravel que o ferro. Além, junto ao tronco daquella **barriguda,** é a salsa, pura salsa para remedio.

E assim, mostrando, explicando, seguia pela picada. Estavam já longe do rio, e o terreno tomava aspectos diversos, ora alteando-se nos **tesos,** ora morrendo nas baixadas, onde a humidade e a penumbra augmentavam a estranha monotonia.

A's onze e meia deixaram de ouvir os golpes de terçado, e subitamente appareceu uma claridade, como se a floresta terminasse de repente. Apressaram os passos, viram os dois indios, de pé sorrindo, conversando, esperando os viajantes. E aos olhos de todos surgia, vasta e árida, a primeira campina. Era um trecho de gleba arenosa, medindo quatrocentos ou quinhentos metros no maior diametro. Nem uma arvore nesse ermo; apenas as **canellas de veado,** retorcidas e negras, e o capim aspero.

Pedro Mariano suspendia a marcha junto á campina, escolhia logar para descanço e almoço, emquanto os dois indios partiam a ver se encontravam agua alli perto. Felizmente, com o inverno, os **igarapés** desciam cheios; e meia hora depois os dois selvagens voltavam

XXII

Partiam, seguiam pela picada aberta por Francisco, devagar, attentos, afastando cipós e ramos. O sólo humido, de argilla escura, mantinha-se quasi plano. Aqui e alli, soberbos caules de **itaúba**, de **cedro**, de **seringueira**, de **abiorana**, se erguiam vigorosamente, varavam a espessura, ostentavam frondes soberbas. Um silencio de solidão abafava toda a matta, e os proprios golpes de terçado, que ao longe o Francisco atirava aos ramos, resoavam, ecoavam pelo immenso arvoredo com uma sonoridade lugubre.

Pedro Mariano, á frente, seguido por José Belmonte, apontava para as arvores e as hervas, dizia-lhes os nomes, como se tudo aquillo lhe fosse tão conhecido, tão intimo como as ruas de Manáos:

— Esse aqui é um **mulateiro** da **terra-firme** — magnifico para moveis. Aquella é

ao acampamento com as vasilhas transbordando.

José Belmonte enchia uma cuia e sorvia o liquido ás goladas:

— Não é tanta a sêde, minha gente; creio que é a lembrança da sêde do Francisco! Eu vinha impressionado... com a falta dagua.

Todos confessaram o susto que lhes deixou a historia tragica do indio, e o terror de um dia de sêde.

Almoçaram, repousaram um pouco. Depois atravessaram a desolada campina. Entraram novamente na matta, e durante trez horas caminharam ainda corajosamente.

A's quatro da tarde a floresta escurecia, e a viagem se ia tornando difficil e arriscada. Mas o Francisco promettera leval-os a um **igarapé**, alli perto, onde havia agua e um macio areial para o repouso da noite. Lá chegaram, cançados. Era um **igarapé** estreito e raso; e o areial proximo offerecia segurança e doçura. Jantaram, então, prepararam enorme fogueira, emquanto Pedro Mariano organisava o serviço de vigilancia.

Logo depois, sobre o pequeno monte de areia, o chefe da expedição embrulhou-se no seu cobertor e estendeu-se junto ao fogo, sem preoccupações e sem temores, como se esti-

vesse na sua casa. Os demais seguiram-lhe o gesto. Luiz Negreiros ainda vagou pela margem do **igarapé**, de braço dado á Therezinha, que sentia pela primeira vez um vago terror da solidão, e dizia inquieta:

— Que tristeza! Que cousa horrivel a noite neste ermo! Parece que deixámos o mundo para sempre!

Elle acariciava-a, pousava-lhe na cintura o braço forte:

— E' o silencio que faz esse assombro. Na verdade, parece que estamos num mundo deserto. Que singular viagem de nupcias, a nossa!

Approximavam-se cada vez mais do **igarapé** que corria apressado e limpido. Ella provava nas mãos a agua fria; e de subito fez o Agronomo dar-lhe as costas, despiu-se, banhou-se no **igarapé**. Elle pedia, assustado:

— Depressa, Therezinha! Depressa! Isso pode fazer-lhe mal; e pode haver **sucurijú** por ahi!

Ella sahia do banho, vestia-se, sorrindo:

— Eu estava com medo daquella agua, e sei que não dormiria se não deixasse esse medo idiota. Agora, tudo passou.

— Hontem, oito; hoje, cinco. Treze milhas. E' grande cousa para quem viaja no matto virgem. Seria delicioso um repousosinho amanhã, o dia inteiro!

Therezinha, que se conservara até alli alegre e agil, suspirou, junto ao marido, e pensou que na verdade, o dia de repouso seria um encanto para todos.

Ouvindo essas doloridas insinuações, Pedro Mariano prometteu o dia de descanço. E na manhã seguinte ordenava que os indios fossem á caça, emquanto elles ficariam por alli, repousando sob a vasta ramagem de uma **sapucaia**.

Durante dois dias, após o repouso ao pé das terras altas e pedregosas (que José Belmonte denominou: a **Serra da Restauração**) os viajantes caminharam com desembaraço e coragem. Por duas vezes Pedro Mariano determinou que os **Mundurucús** fossem á caça, e por duas vezes, com uma felicidade notavel, os indios trouxeram farta **embiara**. No primeiro dia, no dia da **Serra da Restauração**, os valentes selvagens, aos gritos e aos pulos, invadiram o acampamento e estenderam aos pés da Therezinha duas cotias e um **papagaio-moleiro**. No dia immediato a caça foi melhor e mais nobre. **Urutac**, um dos indios escolhi-

Voltaram para o acampamento, deitaram-se junto á fogueira, onde Luiz Negreiros estendia a colcha de lã.

E sob a negrura da noite, atravessada por estranhos ruidos, adormeceram serenamente emquanto o Francisco apoiado a uma grossa vara, velava, rondava em torno.

O segundo dia de marcha foi monotono e fatigante. Quebrados, arrasados pela caminhada da vespera, todos sentiam dores nos membros habituados á inacção de bordo. Além disso, durante a tarde cahira um lento chuvisco. E atravez da matta, subindo e descendo ladeiras, ensopados, friorentos, silenciosos, os viajantes em fila, como vacillante caravana, seguiam pela estreita picada...

Ao fim desse dia pararam ao pé de umas terras altas e pedregosas. Comeram a ultima peça de carne salgada e beberam a agua escassa de um cipó **muiratitica**, que descia, nodoso e grosso, dos altos de uma castanheira. Nessa fria tarde Luiz Negreiros verificava o podometro e annunciava que em todo esse dia detestavel, apenas haviam feito a miseria de cinco milhas! José Belmonte, estirado, moido, sentindo nas côxas e nas pernas uma dor **cançada**, sommava toda a viagem:

dos pelo engenheiro, matou, logo ao partir, com esplendida flechada do seu arco, um enorme veado campineiro!

Não se descreve a recepção feita á caça e ao caçador! **Urutac**, depois desse lance, foi olhado como uma visivel projecção da Providencia; e Luiz Negreiros presenteou-o com um canivete nickelado, que o pobre indio ambicionava, suspirando, desde o **Biribá**.

Nesses dois dias de marcha e de felicidade, todos observaram os modos preoccupados de Pedro Mariano. A' frente da expedição, elle, como veterano habituado á floresta, caminhava devagar, prudentemente, nunca afastando do caminho um ramo ou um cipó, sem o examinar, rapidamente que fosse. E desde a partida da **Serra da Restauração** os seus olhos, de momento a momento, enfiavam-se pelos claros da matta, pousavam sobre os troncos de certas arvores, como se o impressionasse raro phenomeno.

José Belmonte notou essa persistente analyse, e ao fim do segundo dia, sem poder abafar a curiosidade, tomou-o pelo braço, num momento em que ambos se encontravam separados de todos os outros:

— Você anda assim, com ares de quem viu assombração. Que é? **Mapinguary?**

— Não. Nada. Observações que ando fazendo...

O engenheiro insatisfeito com a resposta e maguado com o subterfugio, largou-lhe o braço; e muito sério, num claro despeito:

— Ah! Bem! Se são observações, estudos de botannica privada, cousas muito intimas, desculpe-me a indiscreção. Não sabia...

Ia seguir, deixar o amigo no seu posto devassando com os olhos a espessa folhagem. Mas Pedro Mariano chamava-o, arrependido:

— Venha cá, homem sensivel. Não é preciso tanto odio. Realmente faço observações e estou assombrado. Você conhece o **cáucho?**

Elle voltava, já sorridente:

— De vista, nas **pranchas** e no **sernamby.**

— Não; eu pergunto se conhece a arvore que produz o **cáucho** — a **castillôa.**

— Não; nunca reparei. Conheço a seringueira.

Elle, então, conduziu-o por entre os troncos e parou logo adiante em frente a uma dessas arvores. Era um exemplar imponente e impressionante. Erguia-se do sólo sustentado pela **sapopema** de quasi dois metros de altura, dividida em largas pranchas lisas. Sobre essas pranchas, que formavam um cone

— Os thesouros da minha terra são esses... unicamente esses... Você verá...

O Engenheiro pasmava para a floresta, onde as **sapopemas** iam assignalando aqui e além, as grandes arvores, que cedo ou tarde teriam de succumbir sob a maldade e a ganancia dos homens. E murmurava deslumbrado:

— Que abundancia! Que thesouro! Felizmente o patrão do Francisco, o homem de Maués, não viu esse **cáuchal**. Se o visse estaria riquissimo!

cuja base assentava no sólo, elevava-se o caule esverdeado, e acima do caule, a oito ou dez metros de altura, desdobrava-se a fronde cerrada, esgalhada, vicejando entre outras arvores.

Pedro Mariano retirou do cinto de couro o pequeno terçado, e feriu de leve o grosso tronco. Logo, pela incisão, desceu precipitado e abundante o **latex** alvissimo. José Belmonte admirava aquelle vasto, seguro, conhecimento do amigo:

— E' extraordinario! Parece que você viveu sempre nas mattas do Amazonas, perscrutando-lhe os segredos! Assim, Pedro, com esse grande saber, nem os indios!

Elle tranquillamente, sem vaidade, respondia:

— Fui sempre um observador; nada mais. Infatigavel, insaciavel observador. E fique sabendo que é a peior das manias!

Depois, mostrando o grande numero de arvores identicas:

— Esse **cáuchal** estupendo faria a fortuna de qualquer homem! O Amazonas é assim — desgraçadamente assim!

E com um sorriso equivoco e frio, terminou:

todos á beira do **igarapé** cheio dagua e em frente ao monte onde as palmeiras se erguiam carregadas de frutos maduros.

A agua fresca, a **bacaba**, a sumptuosa paizagem alternando-se em collinas e valles, encantaram os viajantes. Mas Luiz Negreiros, que desde as primeiras horas da manhã, vinha combinando com o José uma grande caçada, nem ao menos estendeu os olhos pela doçura da região; e apressadamente almoçava, limpava o rifle, collocava o terçado na cinta, emquanto Therezinha e os seus amigos se entretinham pelo immenso **bacabal**.

Partiram; seguiram por algum tempo o curso do **igarapé**; subiram uma suave collina, onde castanheiras descommunaes sobrepujavam toda a floresta. Ao chegarem ao cume dessa collina, pararam maravilhados! De todos os lados, por toda parte, surgiam outras elevações de terreno, outros valles em que por vezes luzia, fugitivo, um claro fio dagua.

Luiz Negreiros admirava a complicada disposição daquella terra prodigiosa; José observava o sólo cheio de ouriços das castanheiras. Quando o Agronomo terminou a contemplação, o indio o avisou de que por alli andavam cotias. Elle viu os rastos e os ouriços furados. Eram certamente cotias!

XXIII

Foi no vigesimo dia de viagem que houve o primeiro accidente na expedição.

Era Domingo. Durante toda a manhã, numa arrancada firme, os viajantes atravessaram campinas e florestas bravamente. Francisco prometeu leval-os a uma terra encantadora onde devia estar correndo sobre um leito de areia e pedra, o mais formoso **igarapé** daquellas paragens. Ahi, em certo logar que elle conhecia, ao pé de um monte vermelho, existiam innumeras **bacabeiras**. Pedro Mariano promettia uma tarde inteira de descanço se alcançassem, antes do meio dia, esse recanto, que José Belmonte, sorrindo e confiando nas informações do guia, baptisara antecipadamente: — **"Monte da consolação"**.

E justamente ás onze e meia da manhã, sob a refulgente claridade do sól, estacaram

O castanhal desdobrava-se, alastrava-se em torno.

Desceram, então, espreitando, procurando a caça. José ia á frente, cauteloso, curvado, abafando os passos. Luiz Negreiros tomava outro rumo, de rifle engatilhado, o olhar perfurando a folhagem.

Assim marcharam talvez meia hora.

De repente, um tiro do José, um rumor de folhas bruscamente afastadas, e logo o silencio. O Agronomo sorria, antevendo o animal ferido pela bala certeira do indio. Mas, logo depois do rapido silencio, outro tiro repercutiu pela matta, e após o tiro — um horrivel, arrepiante grito de soccorro!

Correu no rumo das detonações e do brado. Lá chegou e estacou ante o horror do que via. José estava de joelhos junto a uma grande moita de arbustos; e do outro lado da moita, horrenda, feroz, medonha — uma onça pintada agachava-se nas patas trazeiras, prompta para o salto decisivo!

Luiz Negreiros, rapido, firmou a pontaria, atirou. A bala varou o coração da féra, que sem um urro, sem um movimento, desabou para o lado.

José cahia tambem sobre o chão revolto, extenuado, contando o caso horripilante. An-

dava por alli, de manso, procurando, as cotias. Em certo momento viu á sua frente, a uns quinze metros de distancia, atravez da moita, um dorso pequeno que se movia. Apontou, disparou a arma. O bicho torcia-se ferido, e elle ia buscal-o quando viu ao pé do animalsinho baleado, rosnando de furor, a enorme onça pintada! Recuou espavorido para o logar onde tinha deixado o rifle. Mas nesse instante, apesar da sua agilidade, a onça enfurecida o alcançou, o feriu na perna com uma unhada que o derrubou. Não sentiu logo o ferimento; conseguiu apanhar o rifle, e de joelhos fez fogo. A bala rompeu de leve o ventre da féra, que recuava e se preparava para um salto fatal. Então, vendo-se perdido, com a perna sangrando, deu o grito de soccorro. Talvez o desespero do seu brado houvesse contido a onça até a chegada do seu salvador.

Luiz Negreiros examinou a perna do indio, onde havia um enorme rasgão sangrando vivamente. Desfez em tiras a blusa e envolveu-lhe a perna. Depois, sem uma palavra, com uma decisão serena, ergueu-o, collocou-o facilmente ás costas, tomou os dois rifles e marchou seguro e lento atravez da matta.

riam a collina em cuja falda corria o famoso **igarapé**. Antes, porém, atravessariam a **Campina do medo**, enorme, solitaria como um cemiterio.

Nesse dia, apesar da accidentada disposição do terreno, do augmento da carga, do acabrunhamento que os confrangia ao verem a magua silenciosa do Francisco (que suspirava relembrando o desastre do filho) — apesar de tudo, seguiam a passo firme vencendo a dura etapa. Mais de uma vez tiveram de atravessar chavascaes, romper pedregulhos, rodear tabocaes hostis como bayonetas em carga, beirar precipicios, subir escarpas. Todavia, não desanimaram. Nesses agudos momentos, apenas a Therezinha, impressionada com a escabrosidade do terreno, ficava inquieta, medindo, scismando no perigo. Mas Luiz Negreiros sorria, approximava-se, tomava-a subitamente nos braços possantes e levava-a para além do obstaculo.

No dia seguinte — o dia glorioso em que teriam de ver, emfim, o **Igarapé do ouro** — ergueram-se antes do nascer do sól. Toda essa noite fôra de tormento e susto. Tinham acampado, ás cinco da tarde, num outeiro pequenino, á sombra de um **piquiázeiro**. Não havia nos saccos a mais insignificante febra de car-

Em vão o pobre **Mundurucú** protestava contra o excesso daquelles cuidados:

— Não, **Caryua**; não. A perna não dóe; posso andar.

Elle não respondia, e marchava, galgava a collina, semi-nú, molhado de suor, arfando, alto e rijo como um gigante.

Assim chegou ao acampamento; depoz o indio á beira do **igarapé**, entregou-o á pericia therapeutica de Pedro Mariano, que verificava o ferimento e declarava que dentro de poucos dias José poderia caminhar. E emquanto pensava a ferida, Luiz Negreiros contava o caso tragico, rodeado pela mulher, os amigos e os selvagens.

Pedro Mariano, vendo a impossibilidade de fazer marchar o José ou de o conduzir até ao **Igarapé do ouro**, ordenou que se fizesse um **tapery** com forte estacada em torno. Todo o resto do dia foi tomado por esse trabalho e ás seis da tarde élle proprio agasalhava o enfermo, ensinava-lhe a fazer os curativos, deixava-lhe armas e mantimentos e designava **Urutac** para fazer-lhe companhia até á volta da expedição.

Na manhã seguinte partiram. Francisco affirmava que ao fim de um dia e meio de marcha, mesmo com longos descanços, avista-

ne; e Pedro Mariano mandava abrir as latas de conserva. Os indios faziam a fogueira habitual; todos preparavam-se para dormir, quando ouviram, proximo ao acampamento, um alarmante **esturro** de onça! Levantaram-se, avivaram o clarão da fogueira para espantar a féra. Mas durante a noite foram raros os momentos de socego, porque a cada instante, ora perto, ora longe, os atrozes rugidos abalavam toda a floresta.

Pedro Mariano, de pé, armado, passou quasi toda a noite velando, olhando a matta escura; e só pela madrugada, exhausto, confiou a José Belmonte (que dormia, indifferente á ameaça da féra) a vigilancia do outeiro:

— Você fica de ronda até amanhecer. Eu vou repousar um pouco. Não posso mais.

José Belmonte tomava o rifle cheio de balas:

— Vá dormir, Pedro. Fique socegado.

Elle recommendava ainda, num bocejo:

— Olhe a fogueira! Cuidado! Penso que são duas onças que nos perseguem. Os indios estão apavorados; não se pode contar com elles. Ahi no bule ainda tem bastante café. Cuidado!

O Engenheiro punha a mão no seu hombro, e repetia:

— Vá dormir, homem de Deus. Fique tranquillo.

Espevitou a fogueira, deitou ao brazeiro um punhado de **sacahys**, tomou café, accendeu o cigarro. E de rifle ao hombro, falando para a tenebrosa solidão em torno:

— Alerta! Qualquer vulto suspeito — fogo! Tremei, oh! onças do Sucundury!

Pedro Mariano embrulhava-se no cobertor e sorria áquelle eterno bom humor do amigo. Ainda o viu rondando o acampamento, ainda ouviu o seu grito de alerta vibrante e alegre.

Luiz Negreiros e Therezinha erguiam-se do canto onde se haviam agasalhado — elle, somnolento, abrindo os rijos braços; ella, nervosa, assustada, attenta aos rugidos. José Belmonte voltava da ronda, viu-os accordados, interpellou-os:

— Por que não dormem? Não ha perigo; não ha nada. Ora essa!

O Agronomo tomava uma chicara de café:

— Sei que não ha perigo; já o disse á Therezinha. Mas, coitada, ella diz que não pode fechar os olhos, com os esturros das onças, tão perto...

Francisco, seguido agora de perto pelos trez homens e a Therezinha, sustentava que antes das onze horas estariam á margem de um lago sombreado, todo cheio de **fornos de jacaré** — o unico lago que elle vira em toda aquella região. Desse lago á mina de ouro seriam talvez tres horas de marcha.

Pedro Mariano pretendia almoçar e descançar á beira do lago, e depois, num arranco firme, varar de um folego até ao fim da sua estupenda aventura! E tal foi a pressa, a ansiedade, o arrebatamento nessa jornada, que ás dez horas o Francisco esbarrava á beira do lago, esbaforido.

Ahi almoçaram, ahi socegaram, e ahi (como dizia commovido José Belmonte) Therezinha salvou a expedição!

Foi um rapido, emocionante episodio!

Após o almoço — umas sardinhas aquecidas e um punhado de **farinha dagua** — Pedro Mariano sahiu devagar, em curto passeio digestivo, admirando a melancolia das aguas quietas, que pareciam docemente envolvidas numa meia sombra de crepusculo. Aqui e alli repontavam, na gloriosa brancura das petalas, soberbas **Victorias regias,** surgindo entre as largas folhas circulares, boiando na agua tranquilla.

Ella collocava o bule sobre um monticulo de brazas:

— Não sei; não posso; não me domino. Fecho os olhos e fico esperando o rugido. Isso é horrivel! Que noite, meu Deus!

Ambos compadeceram-se da angustia que a tomava. José Belmonte estendia uma colcha junto á fogueira, obrigava Luiz Negreiros a sentar-se. Ella deitava-se e pousava a cabeça no collo do marido, timida, obediente, vencida pelo terror, emquanto o Engenheiro, penalisado, mas energico, ordenava:

— Durma, vamos! As onças já se foram, desenganadas. E silencio! Nada de medo!

Therezinha obedeceu, dormiu, acariciada pelo marido, que agradecia mudamente ao amigo a magnifica lição de coragem.

O dia appareceu brilhante e secco. Francisco engolia o café e asseverava que se não houvesse transtorno, estariam todos, á tardinha, no **Igarapé do ouro**.

Essa noticia — apenas a alegria dessa noticia! — fez vibrar toda gente, esquecer as agruras da noite de vigilia, e dar a indios e brancos uma esplendente energia!

Caminharam, então, vigorosamente, incessantemente. Desceram e subiram encostas, atravessaram campinas, romperam a floresta.

José Belmonte e Luiz Negreiros o acompanhavam calados, pasmados para o lago e para as deslumbrantes nymphéaceas, tão enleiados, tão mudos como se transpuzessem os humbraes de uma cathedral.

Therezinha, um pouco atraz com o rifle na mão, esperava alguma caça descuidada que lhe passasse ao alcance da pontaria. Mas de repente o seu olhar, que perpassava de fronde em fronde á espera da caça, baixou á margem do lago; e viu com horror indescriptivel, Pedro Mariano embevecido, caminhando sósinho, olhando as flores admiraveis. A' frente delle havia uma fechada moita de tajás escuros — e entre os tajás um animal despertava, movia-se rastejando! Fixou o olhar e verificou que uma serpente enorme, grossa como um braço de homem, erguia a pavorosa cabeça, enroscava-se, preparava-se para o bóte infallivel!

Elle avançava, distrahido, a olhar as **Victorias régias**. Mais um passo, um apenas, e o reptil alcançal-o-ia. Então, muda, livida, comprehendendo que da sua pontaria talvez dependesse a vida do amigo — Therezinha levou o rifle ao rosto, e atirou, hirta, sem um tremor, sem uma contracção, subjugada pelo assombro!

O tiro estrondou no silencio da matta, e logo na moita de tajás, a serpente estendeu-se, flacida, morta, varada na cabeça pela bala do rifle, emquanto Pedro Mariano olhando para os pés, e vendo o monstro esphacelado, e percebendo o gesto da Therezinha — abraçava-a emocionado:

— Obrigado! Obrigado! Salvou-me da morte!

Todos correram, rodearam os tajás escuros. Francisco retirava a serpente morta e annunciava que era uma **surucucú** e que na verdade o chefe poderia morrer si ella o picasse.

José Belmonte abraçava o seu grande amigo, que sorria, respirava, alliviado, emquanto Luiz Negreiros tomava nos braços a Therezinha, beijava-a, delirando de alegria e de orgulho.

recer os vultos do amigo e do indio, na estreita nesga de matto que ia terminar no curso dagua — escolheu um pouso e sentou-se sobre uma grossa raiz de arvore.

Luiz Negreiros e Therezinha cercaram'o, e elle, de subito, com a physionomia quasi triste, falou serenamente:

— Emfim, chegámos, Luiz. Daqui ao **igarapé** são dez minutos apenas. Dez minutos! Neste instante supremo eu tenho um desgraçado presentimento. Foi-se toda a minha alegria, toda a esperança...

— Mas, por que, Pedro? Por que esse presentimento? Perguntava inquieto o Agronomo. Você ha de ter um motivo, uma razão para isso. Por que?

Elle, cada vez mais grave, como se falasse para si proprio, os olhos fitos na collina, concluiu:

— Certa vez, quando eu estava no **Solimões** trabalhando, dirigindo um seringal, um amigo meu, vindo do Perú, disse-me que havia encontrado proximo á **Leticia**, uma grande mina de diamantes negros, que queria dividir commigo. Deixei o seringal e segui o amigo, que quasi enlouqueceu de alegria. Viajámos, soffremos fome e sêde. Afinal chegámos á mina, rôtos, feridos, atacados pelas sezões,

XXIV

Eram precisamente trez horas da tarde quando a expedição atravessava a **Campina do Medo**, e rumava para o **Igarapé do ouro**, sob torturante silencio.

Logo ao começo da immensa campina o Francisco, reunindo os viajantes, apontou, mostrou, para o lado do poente, a collina que o attrahira estranhamente, quando a sêde o anniquillava. Era um monte verde, de cem metros de altura, redondo, isolado, dominando a floresta, destacando-se soberbamente na planicie.

Pedro Mariano ordenava que José Belmonte, na sua qualidade de Engenheiro, acompanhado pelo Francisco, tomasse a dianteira, examinass e leito do **igarapé**, e lá os esperasse. O engenheiro partiu, levando o guia. Pouco depois o chefe da expedição, vendo desappa-

esqueleticos! Mas quasi ao alcançal-a, senti dentro de mim uma brusca tristeza, o arrependimento de tanto sacrificio, o inexplicavel temor que sinto agora. Sabem vocês o que eram os diamantes negros do meu amigo? Eram pyrites! Sulfureto de ferro! O mais lindo e o mais imprestavel dos minerios!

Fez uma pausa e proseguiu:

— Não acredito no ouro desse **igarapé**. Não acredito! E infelizmente essa duvida só agora me vem, ao ver a collina. Só agora! Como ao chegar á jazida das **pyrites**!

O espanto de Luiz Negreiros era tão grande que o emmudecia e dava ao seu olhar paralysado uma apparencia de horror e de abstracção. Pedro Mariano continuava:

— Não acredito, e só hoje, neste momento, ao fim de tanto trabalho, é que me chega essa terrivel incredulidade! Ah! Se fosse antes!

Therezinha via a angustia, a afflicção do marido, e atalhava o seu amigo:

— Oh! Mas isso é barbaro! E' deshumano! E' terrivel! O ouro está alli, no **igarapé**. Não ha duvida nenhuma!

Elle não desviava os olhos da collina, que parecia fascinal-o:

— A riqueza do Amazonas, meus amigos, está, estará por muitos annos na sua floresta; nas suas arvores! Nesta aventura em que nos encontramos, vi, observei, senti a força desse destino da minha terra. Essa fortuna ahi está; Belmonte viu-a tambem E' facil e é prodigiosa!

Contou, então, mansamente, o resultado das suas observações durante a viagem — o **cáuchal** immenso, esperando braços de homens que colhessem a riqueza do seu **latex**. Para elle essa floresta de **cáucho** fôra um aviso, uma advertencia providencial. E no momento em que lhe assaltava a descrença no ouro do **igarapé**, ia rapidamente accumulando sombrias reflexões. Seria possivel que existisse esse ouro tão abundante e tão prompto, á flor da terra, espalhado ao pé de uma collina saliente como uma atalaia?

Impressionou-o essa mina absurdamente maravilhosa, guardada alli, desde seculos, para elles apenas. O Amazonas, apesar do extraordinario territorio, fôra talhado e retalhado por aventureiros sem conta. Das margens do **Madeira** ás do **Tapajoz**, quasi toda a terra tinha sido explorada por indios e brancos, e era singular, era espantoso mesmo que ninguem jamais houvesse posto o olhar ambi-

collina, assim, tão notavel, tão visivel, foi para mim uma tristissima decepção!

Levantou-se, e marcharam todos, elle á frente, pensativo. Romperam o matto que os separava do **igarapé**. Ao chegarem proximo viram José Belmonte, sem blusa, molhado, sustentando nas mãos erguidas alguma cousa que brilhava, amarella e scintillante. Mas o seu rosto livido, transformado, assombrado, parecia o de um louco.

E ainda distante, bradava, esgazeado, num tragico espanto:

— Oh! Meus amigos! E' horrivel! Tudo perdido! Não é ouro! E' mica! Malacacheta dourada!

Atraz do engenheiro, o Francisco, de joelhos, escondendo o rosto nas mãos, soluçava e gemia, num largo, dilatado clamor.

A agonia desse transe ultrapassava todas as agonias.

Luiz Negreiros cambaleava, pallido, mudo, olhando ora as mãos do Engenheiro, ora o **igarapé** que se estendia atravez da matta, brilhante e largo.

Therezinha, suspensa, estonteada, recebia um punhado das pequenas laminas que José Belmonte lhe depunha nas mãos:

cioso naquella evidente saliencia do terreno; naquella collina soberba que matava na sua alma toda esperança!

Luiz Negreiros ouvia-o, dominado pela segurança da sua logica. E mais tranquillo, como se o tomasse triste resignação:

— Será possivel? Depois de tantas esperanças! Depois de estarmos aqui, ao pé desse ouro? E o Francisco? A certeza desse indio que nos tem guiado e servido como escravo?

Socegadamente Pedro Mariano replicava:

— Você esquece-se de que o Francisco andou por estas terras, no verão, fugido, meio morto de fome e de sêde. Esquece-se de que elle nunca viu ouro, a não ser quando o Belmonte lhe mostrou a corrente do relogio, á luz da fogueira, no **Aripuanã**. Já disse uma vez que tenho toda a fé na sua probidade. O pobre indio não mentiu, mas talvez fosse assaltado por uma illusão que não comprehendo. Comtudo, Luiz, estamos perto da mina: daqui a dez minutos teremos a verdade. Já o Belmonte deve estar no **igarapé**, louco de alegria ou de desespero. De qualquer forma, tenho os meus nervos dominados e preparados para todas as surpresas. Deus queira que os meus presentimentos sejam falsos; mas repito: essa

— Não; não é ouro. Não vale nada! Meu Deus!

Só Pedro Mariano mantinha nesse atroz momento, a coragem e a serenidade. Só elle teve o gesto de misericordia para o pobre indio, erguendo-o da terra maldita que o ludibriara, apertando-o ao peito, generosamente, numa viva expressão de bondade. E fitando o agronomo, estarrecido:

— Coragem, Luiz! Coragem! Os meus presentimentos nunca falham. Não ha ouro no Valle do Amazonas; mas ha melhor do que ouro: — ha esse **cáuchal** immenso, que o enriquecerá em poucos mezes!

José Belmonte, acalmado, resignava-se e atirava á agua as ultimas palhetas de mica:

— Temos o **cáuchal** e temos coragem para derrubal-o em pouco tempo! Não se pensa mais em minerios. Essa malacacheta, esse pobre **aluminato de potassio,** foi uma bôa lição: mostrou-nos a verdadeira mina a explorar. Dentro de uma mez estarei de volta com mercadorias e homens. Vae ser uma devastação!

Conformados, emfim, repousaram, jantaram á beira do **igarapé,** dormiram.

E o retorno da expedição foi, apesar da permanente melancolia de Luiz Negreiros, feliz e rapido.

José tinha a perna quasi sarada; a caça foi abundante; o inverno benevolo.

Um mez depois, Pedro Mariano e os seus amigos estavam em Manáos.

Cinco mezes após esses acontecimentos, numa clara manhã de Abril, Luiz Negreiros e José Belmonte voltavam do alto Sucundury com um farto carregamento de **cáucho**. Com elles vinha tambem o José, que abandonava de vez a malóca do Acary para seguir e servir o seu amado **Caryua-assú**.

José Belmonte, apesar da advertencia dos amigos, ia a Europa, a passeio, enfadado de aventuras e tomado de horror á floresta e á selvageria.

Em Agosto, Therezinha enviava ao mundo o afilhado que promettera á D. Catharina.

E nesse doce correr da vida, Luiz Negreiros deixava de vez os estudos de mineralogia e administrava, guiado por Pedro Mariano, a sua pequena fortuna.

10 - 2ª G.C. 14 horas - Tarde.

10 - 21 - 1ª Científica B -

11 - 15. 2ª Gimnal - D -

12 - 9 - 2ª G. A -

12 - 14 hors - 1ª G. D. -

12 - 21 hors - 2ª Cient. B - ✓

13 - 9 hors - 1ª Ginasial - A -

13 - 13 horas - 1ª Ginasial - B - ✓

~~13 - 2ª Serie Gimnal~~

14 - 7 horas - 2ª Clas. A - ✓

14 - 10 horas - 1ª Classica A - ✓

14 - 14 horas - 1ª Serie Ginasial C. ✓

14 - 21 horas - 1ª Classica B. ✓

15 - 8 horas - 2ª Cient. A. ✓

15 - 10 horas - 1ª Cient. A. ✓

15 - 13 horas - 2ª Ginasial B. ✓

15 - 19 - 2ª Classica B.

O MEU SECRETARIO

De
DOMINGOS
NEVES

Prof. de
Contabilidade

É o mais original de todos os livros que se têm publicado sobre o assumpto.

Divide-se em quatro partes, a saber:

Correspondencia Commercial

Familiar
Social
Official.

A correspondencia commercial é estudada em todas as minudencias, desde o seu valor juridico, á forma como deve ser archivada.

Apresenta os mais variados modelos de correspondencia, feitos especialmente em sua maioria por technicos das maiores e mais bem organizadas empresas commerciaes. Além disto, apresenta pela primeira vez a moderna correspondencia americana, já seguida em nosso meio pelas grandes empresas commerciaes.

Os modelos que formam a correspondencia *Social* foram feitos, especialmente, pelos maiores vultos da sociedade.

É uma verdadeira novidade.

É um livro que conduz o leitor na pratica de bem escrever.

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO
(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM